

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO

SUZANA QUEIROGA DA COSTA

JORNAL <<A IMPRENSA>> COMO FONTE DE INFORMAÇÃO
E MEMÓRIA DA PRODUÇÃO EDITORIAL PARAIBANA NO SÉCULO
XX (1912 A 1942)

JOÃO PESSOA - PB
2011

SUZANA QUEIROGA DA COSTA

**Jornal <<A Imprensa>> como fonte de informação e
memória da produção editorial paraibana no Século XX (1912 a
1942)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação da Universidade Federal da Paraíba como
requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em
Ciência da Informação

Profª Drª Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
Orientadora (Universidade Federal da Paraíba – CCSA)

JOÃO PESSOA - PB
2011

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

C837 j Costa, Suzana Queiroga da.

Jornal A Imprensa como fonte de informação e memória da
produção editorial paraibana no século XX (1912 a 1942). /

Suzana Queiroga da Costa.— João Pessoa, 2011.

191 f. : il.-

Orientadora: Profª Drª Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - UFPB / CCSA /
PPGCI

1. Produção Editorial – Paraíba. 2. Jornal A Imprensa. 3. Fonte
de Informação e Memória - Jornal. I Título.

CDU: 070.4:02(043.2)

SUZANA QUEIROGA DA COSTA

Jornal <<A Imprensa>> como fonte de informação e memória da produção editorial paraibana no Século XX (1912 a 1942)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação

Aprovada em: 15/ 06/2011

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
Orientadora (Universidade Federal da Paraíba – CCSA)

Prof. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto
Membro (Universidade Federal da Paraíba – CCSA)

Profª Drª Maria Vitoria Barbosa Lima
Membro (Universidade Federal da Paraíba – CCHLA)

A Deus, minha força.
A Mateus, meu filho, meu amor.
Dedico

Agradecimentos

A Deus por sua força, que me renova a cada momento.

Ao meu esposo, Márcio, pelo companheirismo, compreensão e amor.

A minha mãe, que sempre me apoiou, incentivou e sonhou comigo durante essa trajetória.

A minhas irmãs, Sumaia e Silvana, que sempre estiveram comigo durante as dificuldades, ajudando e com palavras de ânimo.

Aos meus irmãos, Sirgisberto e Francisco Jean, pelas palavras de incentivo.

A Humberto Carlos, meu cunhado, pela correção de português e abstract.

A Bernardina, amiga, orientadora, que sonhou e lutou comigo durante essa caminhada. Guardarei no coração, com alegria, a lembrança de ter sido sua debutante.

Ao Instituto Histórico Geográfico Paraibano e o Arquivo Eclesiástico da Paraíba por permitirem a realização desse sonho.

Aos amigos Ricardo Grisi Veloso, Maria do Socorro Lacerda, Ilza da Silva Fragoso pelo apoio, incentivo e cooperação durante a coleta de dados e elaboração do texto.

À professora Francisca Arruda Ramalho pela predisposição a me orientar e apoio durante o processo seletivo do PPGCI

À professora Emeide Nóbrega Duarte que sempre semeou o mestrado em minha vida.

Aos meus colegas de turma, aos docentes Carlos Xavier de Azevedo Netto, Mirian de Albuquerque Aquino, Gustavo Henrique de Araujo Freire, Maria das Graças Targino, obrigada pelas alegrias e compartilhamento de conhecimento em sala de aula.

A professora Isa Maria Freire e ao amigo Antônio Araújo pelo cuidado e preocupação durante a caminhada.

E aos demais que diretamente ou indiretamente me apoiaram, obrigada!

*Aspectos importantes no que diz respeito à materialidade
do livro, sua impressão e circulação que foram perdidas e
corroídas pelo tempo e não estão disponíveis em outras
fontes que não seja o jornal .
(BARBOSA, 2007, p. 71).*

RESUMO

Analisa a produção editorial paraibana no período de 1912 a 1942, especificamente a produção contemplada nas colunas literárias Bibliographia, Livro e Livros Novos publicadas no Jornal doutrinário e noticioso <<**A Imprensa**>> criado no dia 27 de maio de 1897 pelo primeiro bispo e arcebispo na Paraíba Dom Adauto Miranda Henriques. Adotou-se como plano teórico-metodológico a pesquisa documental na perspectiva de Aróstegui (2006), associada ainda aos preceitos teóricos da História Cultural e sua inter-relação com a Ciência da Informação. A pesquisa tomou como corpus analítico quatrocentos e oito autores, predominantemente masculino, de nacionalidade brasileira, no qual apresentaram quinhentos e trinta e quatro títulos de livros publicados, em sua maioria, pelas casas editoriais brasileiras prevalecendo o gênero literário. Nesse sentido concluiu-se que os jornais constituem fontes de informação e memória da produção editorial paraibana e, assim, fechamos a redação desta primeira edição. Contudo, fica patente que estudar o jornal <<**A Imprensa**>> buscando compreender suas tramas é percebê-lo enquanto veículo de informação e memória da produção editorial paraibana, possibilitando desse modo compreender os meandros da produção, circulação e divulgação de obras e seus respectivos autores, numa relação dialética entre o local e o nacional.

Palavras-chave: Produção Editorial - Paraíba. Jornal A Imprensa. Fonte de Informação e Memória - Jornal.

ABSTRACT

The present study analyses the editorial production in Paraíba State in the period from 1912 to 1942, specially the production which is found in the literary columns entitled Bibliographia (Bibliography), Livro e Livros Novos (Book and New books) which were issued on the doctrinaire and informative Newspaper << A Imprensa >> established on May, the 27th, 1897 by the first bishop and archbishop in Paraíba State Dom Adaucto Miranda Henriques. A theoretical and methodological plan was adopted as a documentary research in the perspective of Aróstegui (2006), still associated with the theoretical precepts of Cultural History and with its interrelationship with Information Science. The research took as an analytical *corpus* four hundred and eight authors mainly male of Brazilian nationality in which they presented five hundred and thirty-four titles issued in their majority by Brazilian publishers, prevailingly the literary type. In respect to that we concluded that the newspapers are sources of information and memory of editorial production in Paraíba State and then we concluded the composition of this first edition. Notwithstanding, it's obvious that studying the newspaper << A Imprensa>> (The Press), seeking to understand its plots means realizing it as means of information and memory of the editorial production in Paraíba State, enabling in this way to understand the meanders of the production, circulation and advertising of literary works.

Key-words: Editorial Production – Paraíba, A Imprensa (Newspaper), Source of information and Memory- Newspaper

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tabela Principal da CDU	p.19
Quadro 2 - Arcebispo da Paraíba: Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques (1914-1935).....	p.54
Quadro 3 - Arcebispo da Paraíba: Dom Moises Sizenando Coelho (1935-1959).....	p.56
Quadro 4 - Arcebispos da Paraíba: (1912- 1942)	p.57
Quadro 5 - Títulos dos livros divulgados no jornal <<A Imprensa>> (1912 a 1942).....	p.97
Quadro 6 - Títulos de livros divulgados no jornal <<A Imprensa>> na década de 30	p.117
Quadro 7 - Títulos reeditados e divulgados no jornal <<A Imprensa>> (1912 a 1942)	p.120
Quadro 8 - Autores divulgados no jornal << A Imprensa>> (1912 a 1942)	p.125
Quadro 9 - Naturalidade dos autores divulgados no jornal << A Imprensa>> (1912 a 1942)	p.141
Quadro 10 - Autores paraibanos divulgados no jornal << A Imprensa>> (1912 a 1942)	p.142
Quadro 11 - Profissão exercida pelos autores divulgados no jornal << A Imprensa>> (1912 a 1942)	p.144
Quadro 12 - Local de Publicação e Editoras divulgadas no jornal << A Imprensa>> nas décadas de 10 e 20	p.153
Quadro 13 - Assuntos predominantes nas obras divulgadas no jornal << A Imprensa>> na década de 30 e anos 40	p.162

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Títulos dos livros divulgados no jornal << A Imprensa >>.....	p.116
Tabela 2 - Títulos de livros novos e reeditados divulgados no jornal << A Imprensa >>	p.119
Tabela 3 - Autor Pessoal x Gênero	p.146
Tabela 4 - Autoria Coletiva x Gênero	p.146
Tabela 5 - Autores Coletiva e Pessoais x Gênero	p.147
Tabela 6 - Autor Pessoal x Nacionalidade	p.148
Tabela 7 - Autoria Coletiva x Nacionalidade	p.148
Tabela 8 - Autoria Pessoal e Coletiva x Nacionalidade	p.148
Tabela 9 - Autoria Coletiva x Gênero e Nacionalidade	p.150
Tabela 10 - Autor Pessoal x Gênero e Nacionalidade	p.150
Tabela 11 - Editoras divulgadas no jornal << A Imprensa >> nas décadas de 30 e anos 40	p.155
Tabela 12 - Local de Publicação	p.158
Tabela 13 - Assuntos predominantes nas obras divulgadas no jornal << A Imprensa >> na década de 10	p.160
Tabela 14 - Assuntos predominantes nas obras divulgadas no jornal << A Imprensa >> na década de 20	p.161
Tabela 15 - Assuntos predominantes nas obras divulgadas no jornal << A Imprensa >> (1912 a 1942).....	p.166

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	p.11
1.2 Abordagem Metodológica	p.17
2 TECENDO A INFORMAÇÃO PELAS TEIAS DA MEMÓRIA.....	p.21
2.1 Memória e Informação	p.21
2.2 Jornais como Fonte de Informação e Memória	p.29
3 PARAÍBA NOVECENTISTA: Poder Político, Imprensa e Igreja	p.35
3.1 Paraíba Política.....	p.35
3.2 A Imprensa Paraibana	p.42
3.3 A Diocese e Arquidiocese da Paraíba	p.48
3.4 Os Arcebispos da Arquidiocese na Paraíba	p.52
3.4.1 Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques (1914-1935).....	p.52
3.4.2 Dom Moisés Sizenando Coelho (1935-1959).....	p.55
4 O JORNAL <<A Imprensa>>	p.58
4.1 O jornal <<A Imprensa>> 1912 a 1942): retorno as páginas da história.....	p.59
4.2 Jornal <<A Imprensa>>: a história e percurso de um perfil	p.71
4.2.1 O Perfil do jornal <<A Imprensa>> na primeira fase (1897-1903).....	p.71
4.2.2 O perfil do jornal <<A Imprensa>> nas décadas de 10 e 20	p.81
4.2.3 Noticioso: o perfil do jornal <<A Imprensa>> na década de 30 até os anos de 1942	p.86
4.2.4 Perfil político do jornal <<A Imprensa>> na década de 30 e anos 40	p.89
5 NAS PÁGINAS HISTÓRICAS DE < < A IMPRENSA>>: livros (re)editados	p.97
5.1 Títulos Reeditados e divulgados no jornal << A Imprensa>>.....	p.120
5.2 Os autores divulgados no jornal <<A Imprensa>> na Paraíba	P.125
5.2.1 Gênero e nacionalidade dos autores divulgados no jornal << A Imprensa>> (1912 a 1942)..	p.146

5.2.2 <i>Dos autores renomados aos estreantes no jornal << A Imprensa>></i>	p.151
5.3 As editoras divulgadas no jornal <<A Imprensa>> (1912 a 1942)	p.152
5.4 Condições de produção das colunas <i>Bibliographia, Livros e Livro Novos</i> do Jornal << A Imprensa>> (1912 a 1942).....	p.169
5.5 Perfil do jornal <<A Imprensa>> (1912 a 1942) e os livros noticiados nas Colunas <i>Bibliographia, Livros e Livro Novos</i>	p.173
6 FECHANDO A EDIÇÃO.....	p.180
REFERÊNCIAS.....	p.185

1 INTRODUÇÃO

*“O cientista é um caçador do invisível”
Rubem Alves (2007, p.42).*

As palavras de Rubem Alves epigrafadas neste capítulo nos remetem ao tempo em que eu era aluna bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O trabalho desenvolvido nos levava a desafios constantes. Buscávamos assim, como um caçador, encontrar respostas para os questionamentos latentes nos projetos de pesquisa e assim suprir nossas necessidades intelectuais e acadêmicas. Mas, o caçador não para. Ao realizar atividades biblioteconômicas junto ao Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), observamos que historiadores, arquitetos, jornalistas, educadores, entre outros, pesquisavam em jornais em busca de informação para suprirem suas indagações acadêmicas, tanto em nível de graduação e pós-graduação, e pessoais, como de escritores e membros do IHGP que realizam pesquisas para alimentarem seus próprios saberes.

De maneira que, envolvidos pelo cotidiano de nossos afazeres técnicos, questionamos: E nós, bibliotecários, utilizamos os jornais como fonte de informação? Consideramos que essa fonte é também uma fonte de memória capaz de contribuir na geração de novos conhecimentos, assim como contribuir com as ciências humanas e sociais, em especial, a Ciência da Informação (CI)? É hora de caçar no invisível!

O acervo dos Jornais no IHGP é constituído por duas coleções: a primeira, os Jornais em Circulação, por exemplo, A União, o Norte, Correio da Paraíba e outros, e a segunda, os Jornais Antigos, composta por cento e trinta e quatro títulos, que abrangem o período de 1826 a 1988 editados na Paraíba e em outros estados brasileiros. Nesse contexto, o que nos inquietou

foi a Coleção dos Jornais Antigos¹, porque alguns títulos “são bastante recentes e, consequentemente, bem conhecidos do público leitor, outros são muito antigos, constituindo verdadeiras raridades. Desse modo, uma excelente fonte para o estudo tanto da história paraibana como da própria imprensa paraibana e brasileira.” (NEVES; PIMENTEL; FORMIGA, 1996, p.9). Nesse caso, um jornal, em especial, nos interessou, <<A Imprensa>> visto que ele surgiu no século XIX [1897] sendo, portanto, considerado um jornal de suma importância na história da imprensa paraibana e de projeção que marcou época (ARAÚJO, 1983, 1986; LEAL, 1962). Como também possuía uma tipografia própria, situada na Capital paraibana, João Pessoa, no qual outros jornais e livros eram impressos tornando-se relevante para a época e contribuindo com as práticas culturais editoriais da sociedade paraibana. Além disso, foi escrito por intelectuais da época, aqui entendidos no mais amplo sentido, que abarca um número vasto de ocupações, pertencentes à elite, com relações sociais (TRAVANCAS, 2001), a exemplo de padres e religiosos, professores, escritores e outros, para fins de divulgação e circulação dos dogmas da Igreja Católica como assuntos do cotidiano da sociedade paraibana por meio do seu vasto noticiário. Nesse sentido, Moraes (1992, p.4, grifo nosso) expõe que:

Na história da imprensa na Paraíba o jornal A Imprensa ocupa um lugar de destaque, não só por ser um dos mais longevos, criado a 27 de maio de 1897 pelo Bispo D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques e funcionado até 08 de abril de 1986, **mas por sua abertura editorial tratando de assuntos e questões diversas não se limitando aos de natureza religiosa ou eclesialística**, embora contasse como subtítulo Órgão Hebdomadário Doutrinário e Noticioso.

Nessa perspectiva, indagamos: Existe no jornal <<A Imprensa>> algum noticiário que contribuía na geração de novos conhecimentos, em especial, a Ciência da CI? Em busca de responder nossas inquietudes imergimos no jornal e descobrimos que existiam várias possibilidades e noticiários como os livros, os formulários, os boletins, as conferências, os livros que estavam à venda, as cartas pastorais, os discursos, as revistas, os folhetos, e outros como apresentamos abaixo:

 **Dúvida** por Ponciano Barbosa . Fomos obsequiados com um tombo de versos intitulado *Dúvida*. O **livro** em questão traz enfeitados 152 páginas, bellos sonetos e sonoras estrophes de leitura amena e agradável e de estylo primoroso. No meio das pérolas poéticas que compõem o *Dúvida* destacamos esta mimosa estrophe [...]. Somos

¹Os *Jornais Antigos do IHGP* os definimos na nossa pesquisa como históricos, uma vez que, na nossa concepção, se constituem como fonte de informação capaz de contribuir para a reconstrução da memória da produção editorial da Paraíba.

gratos ao sr. Ponciano Barbosa pela gentileza da offerta. (A IMPRENSA, 08 de Abril de 1915)

☞ Alistamento eleitoral – oferecido pelo seu ilustre auctor sr.dr. Antonio Augusto Velloso juiz de direito na capital de Minas Gerais. Recebemos um exemplar da sua brochura << Alistamento eleitoral>> [...]. O **Formulario** que temos sobre a mēsafoi-nos enviado por intermédio da <<Casa Andrade>> desta capital, onde o alludido trabalho se acha a venda. Nos o recommendamos aos parahybanos com um optimo directorio para o nosso systema de alistamento. (A IMPRENSA, 04 de outubro de 1917)

☞ A Lavoura – **Boletim** da Sociedade Nacional de Agricultura – Anno XXII-1918. N. os 1 e 2 . Recebemos,offerta do illustre patricio dr.João Fulgencio de Lima [...] desse boletim de propaganda agrícola. (A IMPRENSA, 02 de abril de 1918)

☞ Hygiene Rural por dr. Flavio Maroja. Imprensa off. Parahiba – 1918 “ offerta gentil do seu illustrado autor, temos sobre a mesa de trabalho a bem elaborada **conferencia** pronunciada pelo distinto medico dr. Flavio Maroja, em 9 de Setembro, no congresso de prefeitos. (A IMPRENSA, 26 de Setembro de 1918)

☞ Almas Simples – Alberto Marim. Escola Typographica do Collegio Orphanologico São Joaquim. 1918 – **2\$000**(A IMPRENSA, 31 de Outubro de 1918)

☞ **Carta Pastoral** de D. Helvecio de Oliveira -1918 “temos sobre a nossa banca de trabalho esse valioso trabalho, facetado com zelo pelo insigne antitiste maranhense. Epistola de saudação, é toda ungida de sympatia a nobre terra nortista [...] (A IMPRENSA, 12 de dezembro de 1918)

☞ << Em Prol do Nordeste>>. O nosso digno e illustrado representante no Congresso Nacional dr. Octacilio de Albuquerque teve a gentileza de nos offerecer um exemplar dos seus luminosos e importantes **discursos** realizados na Camara dos Deputados em 1918, sobre as seccas, defesa do algodão e salubridade do sertão nordestino[...]. (A IMPRENSA, 05 de maio de 1919)

☞ o Pharol- temos em mãos a importante **revista** epigraphe acima mencionada, correspondente ao mês de junho.” (A IMPRENSA, 26 de junho de 1919)

☞ << O Empréstimo da parayhyba>> de Octavio Bezerra. Recebemos gentilmente offertado pelo auctor um **folheto** de 17 paginas impresso nas officinas da Torre Eiffel dos Senhores Henriques e Companhia que analysa detalhadamente o ultimo emprestimo lançado internamente pelo governo do Estado. [...] (A IMPRENSA, 23 de setembro de 1922)

☞ Anuário da Paraíba. **Esta a venda** essa excelente publicação para o ano de 1934.(A IMPRENSA, 19 de junho de 1934)

☞ **Surgira por estes dias em nossas casas vendedoras de livros**, um belo volume de poemas de autoria do jovem Eduardo Martins , nome, alias já bem relacionado ao nosso circulo literário. O livro em voga, constará, além, de selecionada matéria, uma excelente confecção e um fino acabamento , que por certo, revelará o bom gosto artístico dos que trabalham nas Oficinas Graficas da “A IMPRENSA” onde está sendo imprimido CEO CHEIO DE ESTRELAS é o titulo desta próxima e bem publicação. Esperamos” (A IMPRENSA, 19 de fevereiro de 1936)

☞ Brevemente sairá a 2ª **edição** de “A Selva” , de Ferreira de Castro. Isto porque a 1ª edição desse livro portentoso, ciclopico, sincero humano esta quasei esgotado. [...] (A IMPRENSA, 04 de outubro de 1936)

Salientamos que essas publicações não estavam dispersas no jornal, mas, agregadas nas Colunas:

- ☞ Bibliographia- décadas de 10 e 20;
- ☞ Livros - década de 30;
- ☞ Livros Novos- décadas de 10; 30 e 40;

Com tudo isso, o jornal <<**A Imprensa**>>proporcionava pistas, rastros (CATROGA, 2001;GINZBURG,2007) quanto às práticas culturais da produção editorial na Paraíba por meios de suas colunas, uma vez que, ele é um subsidio informacional quanto a memória da

editoração na Paraíba no qual “a memória só servirá como experiência válida ou informação importante para decisões futuras se ela for transformada em fonte histórica.” (FRAGOSO, 2008, p.35). Nesse sentido <<**A Imprensa**>> uma fonte de informação e memória nos convenceu a adentrar em suas páginas e tomá-lo foco de análise. Um olhar não apenas por meio do conhecimento empírico que são as experiências e observações pessoais, explicações espontâneas, agregados na tradição, na intuição, mitos, crenças, autoritarismo, mas um olhar que “busca, essencialmente, desvendar e compreender a natureza e seus fenômenos, através de métodos sistemáticos e seguros [...]” (TARGINO, 1995, p.11). Pois, analisá-lo, tornava-se viável e relevante pelo fato que tínhamos acesso aos volumes do jornal tanto no IHGP como no Arquivo da Arquidiocese da Paraíba, possibilitando a sociedade paraibana conhecer e preservar a memória da produção editorial noticiada pelo jornal <<**A Imprensa**>> gerando assim novos conhecimentos a partir da intervenção da CI.

Diante dessas inquietudes, nos deparamos com a abertura do processo seletivo 2009 do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPB. Candidatamo-nos ao Mestrado na linha de pesquisa "Memória, Organização, Acesso e Uso da informação, Aprovada, deu-se início ao projeto de pesquisa intitulado: *Jornal <<**A Imprensa**>> como fonte de informação e memória da produção editorial paraibana no Século XX (1912 a 1942)*.

Sendo o jornal <<**A Imprensa**>> um universo múltiplo quanto produção editorial na Paraíba. É impossível analisar todos as estratégias de comunicação adotadas pelo jornal em função do curto período de tempo a que se submete toda pesquisa em nível de mestrado, requerendo desse modo delimitação do objeto, que voltou-se para todos os livros lançados/editados/publicados² e noticiados pelo jornal nas Colunas *Bibliografia, Livros e Livros Novos*. Opção que se ancora no pensamento de Barbosa (2007, p.71) ao assegurar que “[...] aspectos importantes no que diz respeito à materialidade do livro, sua impressão e circulação que foram perdidas e corroídas pelo tempo e não estão disponíveis em outras fontes que não seja o jornal”. Sendo assim, o termo livro entendemos na perspectiva de Medeiros (2006, não paginado) uma “publicação não periódica que contém acima de 49 páginas, excluídas as capas, e que é objeto de Número Internacional Normalizado para Livro (ISBN)”. Nesse sentido a pesquisa registrou os livros que foram editados na Paraíba e noticiados nas colunas do jornal <<**A Imprensa**>> que possuíam acima de 49 páginas, independente do termo usado pelo

²Nas colunas os termos em alguns casos foram adotados como sinônimos, permanecendo o mesmo entendimento para fins deste estudo.

editor, pois, em alguns casos ele usou os termos folheto³, opúsculo no sentido de livros. Por exemplo, “Sob o título – Os nossos Escriptores – acham-se reunidos num opúsculo de 300 páginas – Apreciações bio-bibliographicas de auctores catholicos [...]” (A IMPRENSA, 17 de fevereiro de 1918).

Do mesmo modo, foram registrados os livros que não tiveram os números de páginas e os termos formalizados pelo editor das colunas, a exemplo, citamos o livro *O Problema da Dôr* da autoria Cônego Mello Lula em que não consta ou não há referências ao número das páginas.

O Problema da Dôr – Conego Mello Lula, terceira edição de 1918. Trouxe – mos o correio um opusculo - *O Problema da Dôr* – Conego Mello Lula. São artigos já publicados por s.revma. e que foram escriptos para os que soffrem, demonstrando a necessidade da dôr, as consolações da dôr, tudo em linguagem simples e evangelizadora. O Conego Mello Lula é um incansável lutador, e seus escriptos visam sempre a salvação das almas e a exaltação da Santa Igreja. Cumprimentamos a s.revma. agradecendo simultaneamente o valioso presente. (A IMPRENSA, 17 de março de 1918)

E o livro *Notas Biographicas* de Armindo Guaraná que não foi mencionado nenhum termo e nem páginas:

Notas Biographicas – do ilustre Desembargador Armindo Guaraná, Aracajú, capital de Sergipe, recebemos um exemplar das *Notas Biographicas* que ele publicou no dia 14 de julho de 1914 deste ano sobre o dr. Martinho de Freitas Garcez, auctor do projecto de fundação da bibliotheca publica aracajuense. Agradecimentos. (A IMPRENSA, 24 de novembro de 1914)

Portanto, a pesquisa registrou esses livros a fim de obtermos uma quantidade relevante de dados a fim de reconstruirmos as práticas editoriais da Paraíba anos de 1912 a 1942, uma vez que, durante o período entre 1987 e 1993 é quase inexistente a presença das Colunas *Bibliographia*, *Livros e Livros Novos*, como também, o estado de conservação do volume é delicado: incompleto, perfurado, rasgado, manchado, riscado, com corte na impressão. Além disso, as páginas estão ácidas dificultando o seu manuseio. Entretanto a partir de 1912 apesar de existirem também dificuldades quanto ao estado de conservação dos volumes o manuseio foi mais oportuno e as Colunas *Bibliographia*, *Livros e Livros Novos* estão assíduas no noticiário dos jornais até 1942 quando o Interventor Rui Carneiro ordenou o fechamento do jornal se constituindo assim um

³O termo folheto (em espanhol) e o termo opúsculo (em italiano) são “publicações não periódicas que contém no mínimo cinco e no máximo 49 páginas, excluídas as capas e que é objeto de Número Internacional Normalizado para Livro (ISBN)”. Conceito na perspectiva de MEDEIROS na obra *Glossário de termos da ABNT de 2006*

dos raros momentos em que o Jornal <<**A Imprensa**>> se desentendeu com o Governo Estadual. (MORAES, 1994).

Em face do exposto e associando-nos ao tema em pauta formulamos as questões norteadoras: Como se caracterizava a informação veiculada pelas Colunas *Bibliographia*, *Livros* e *Livros Novos*? E ainda, o jornal <<**A Imprensa**>> caracteriza-se como veículo informacional e memorialístico? Em busca de respondermos a essas indagações traçou-se como objetivo geral da pesquisa analisar e compreender o Jornal <<**A Imprensa**>> como fonte de informação e memória da produção editorial paraibana no período entre 1912 e 1942 e como objetivos específicos, pontuamos: identificar quantitativamente os autores, títulos, editores que tiveram os seus livros divulgados no jornal <<**A Imprensa**>>; verificar a existência de lançamentos de livros ou publicações (re) editadas; mapear os assuntos por meio dos livros lançados no jornal <<**A Imprensa**>>; reconstruir as condições em que foram produzidos as notas sobre os lançamentos dos livros; confrontar o perfil do jornal <<**A Imprensa**>> com as notícias dos lançamentos dos livros com o perfil editorial do Jornal.

Para atingirmos os objetivos da pesquisa traçamos como plano metodológico as proposições de pesquisa documental na perspectiva de Aróstegui (2006).

1.2 Abordagem Metodológica

A pesquisa situa-se no campo da Ciência da Informação na relação interdisciplinar com História Cultural, visto que busca compreender as representações e práticas culturais de uma determinada sociedade. Entendemos a História Cultural de acordo com Falcon (2002, p.105) que a caracteriza “ora como um leque disciplinar, ora como área de investigação interdisciplinar ou mesmo metadisciplinar, capaz de dar conta de todas as práticas e representações sociais.” Nesse sentido a História Cultural possibilitou a abordagem do nosso objeto de estudo - os livros lançados/editados/publicados e noticiados pelo jornal <<**A Imprensa**>> por meio das Colunas *Bibliografia*, *Livros* e *Livros Novos* que representam as práticas editoriais enquanto práticas culturais na Paraíba nos anos de 1912 até 1942.

Segundo Aróstegui (2006, p.516) as técnicas “são o elemento-chave na construção dos dados.” Nesse sentido a pesquisa adotou as técnicas qualitativas e quantitativas. As técnicas qualitativas cuja essência aspira reconstruir o objeto sem se pautar por aspectos numéricos, enquanto, que, as quantitativas buscam medir relações, ou descobrir novas relações por meio do tratamento estatístico. (ARÓSTEGUI, 2006). Portanto, as “relações das técnicas qualitativas e

quantitativas não é, de maneira alguma, de oposição mas sim de complementariedade.” (ARÓSTEGUI, 2006, p.557).

Na técnica qualitativa foi usada a Análise de Conteúdo (AC) que segundo Aróstegui (2006, p.525-528). “Trata-se de uma técnica baseada na análise da linguagem, mas cujo objetivo não é conhecê-la em si mesma mas “inferir” alguma outra realidade distinta por meio dela[...] na tentativa de reconstruir situações sociais de maior alcance.” Nesse contexto

[...] o procedimento analítico [...] parte da divisão de um texto em unidades previamente designadas: palavras, orações, parágrafos; do estabelecimento de Categorias de classificação, quer dizer, criar unidades básicas de codificação. Uma vez que se têm claras as unidades a analisar — palavras, frases, documentos normatizados (cartas, pasquins, imagens simples, etc.) - pode-se empreender um tipo de análise dupla: categorial e estrutural.

Análise categorial é aquela que decompõe e distribui um texto nessas categorias em grupos de características homogêneas, morfológicas ou outro tipo: os adjetivos, os tipos de orações, os significantes políticos, etc. O trabalho fundamental é o estabelecimento dessas categorias em função do que se pretende pesquisar e atendendo a normas técnicas e lógicas precisas. As categorias devem ser objetivas, homogêneas e excludentes entre si, exaustivas e pertinentes. A análise vale o que valem as categorias previamente definidas. As categorias classificatórias podem se referir à matéria (temática), forma (declarativa, promocional, etc), apreciação (valorativa), etc.

Análise estrutural é a que estabelece não uma classificação em categorias, mas sim a que aprofunda na sua organização as características de suas relações, quantas vezes aparece uma determinada relação de palavras, por exemplo, a situação dos elementos em um todo e outros. A análise estrutural supõe a categorial e a aprofunda.

Análise de conteúdo pode ser realizada, naturalmente, em diversos Níveis. Quanto mais minuciosa for a base categorial, quer dizer, quanto maior for o número de unidades de análise e mais desagregante for o critério de divisão do texto empregado, mais completa será a análise, e mais rica em possibilidades. Uma coisa é analisar no nível das palavras e ou é outra no nível das frases, parágrafos ou temas.[...] (ARÓSTEGUI, 2006, p.527).

Nesse caso, as notícias sobre os lançamentos dos livros foram decompostas e classificadas nas Categorias Temáticas, que foram estabelecidas após a coleta de dados tendo como determinantes os objetivos específicos da pesquisa. As categorias temáticas são as de: Autor, Título, Títulos reeditados, Local de Publicação e Editores, Assunto, Condições de Produção e Perfil do Jornal. Ressaltamos que a Categoria Assunto foi pautada no Sistema de Classificação Decimal Universal (CDU), classificação adotada pela Biblioteconomia para categorizar os assuntos e alocar as obras, dividindo os assuntos em dez grandes categorias do conhecimento humano, a saber:

Categoria Numérica	Assunto
000	Ciência e conhecimento. Organização. Informática. Informação. Documentação. Biblioteconomia. Instituições. Publicações
100	Filosofia. Psicologia
200	Religião. Teologia
300	Ciências sociais. Estatística. Política. Economia. Comércio. Direito. Administração pública. Assuntos militares. Assistência social.. Seguro. Educação. Folclore
500	Matemática. Ciências naturais
600	Ciências aplicadas. Medicina. Tecnologia
700	Arte. Recreação. Entretenimento. Desporto
800	Língua. Linguística. Literatura
900	Geografia. Biografia. História

Quadro 1 – Tabela Principal da CDU

Dados da Pesquisa: Universal Decimal Classification. Disponível em: <
<http://www.udcc.org/udccsummary/php/index.php?lang=pt>>. Acesso em 24/08/2010

Na técnica quantitativa foi usado a Representação Gráfica dos Dados que de acordo com Aróstegui (2006,p.557), consiste no

[...] conjunto dos dados quantificáveis de uma pesquisa, das relações entre eles e de sua evolução temporal, é um recurso técnico não só expositivo, quer dizer, para a apresentação dos dados, mas também útil no processo da pesquisa, no sentido de que pode ajudar a clarificar de um golpe de vista, muitas características do universo de dados. As representações gráficas têm sempre como chave a construção, em um sistema de coordenadas, da evolução dos valores das variáveis. As curvas aritméticas onde os valores são representados em uma escala aritmética são as mais simples; [...].

O locus da pesquisa foi o Arquivo Eclesiástico da Paraíba situado na sede da Arquidiocese da Paraíba na Praça Dom Adauto, s/n - Centro - João Pessoa (PB) e no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) localizado na rua Barão do Abiaí, 64 - Centro - João Pessoa (PB).

A pesquisa configurou-se enquanto estudo acadêmico composto de seis capítulos, conforme descritos:

Capítulo segundo, **Tecendo a Informação pelas Teias da Memória**, onde tecemos que informação, alimenta a memória e esta alimenta a história na perspectiva da CI e que os jornais são fonte de Informação e de Memória;

Capítulo terceiro, **Paraíba Novecentista: Poder Político, Igreja e Imprensa**, no qual percorremos a Paraíba no século XX (1912 -1942) no âmbito político, econômico, social e cultural, como também abordamos o surgimento da imprensa paraibana e a implantação da Diocese e Arquidiocese da Paraíba com seus respectivos arcebispo e bispos;

Capítulo quarto, **O Jornal <<A Imprensa>>**, queretornamos as páginas da história do jornal e (re) construímos o seu perfil editorial anos de 1912 até 1942.

Capítulo quinto, **Nas Páginas Históricas de <<A Imprensa>>**: Livros (Re)Editados, tecemos as análises fundamentadas nas categorias temáticas: autores, título, títulos reeditados, local de publicação e editores, assunto, condições de produção e perfil do Jornal informadas pelas colunas *Bibliographia*, *Livros* e *Livros Novos*;

Capítulo sexto, **Fechando a Edição**, no qual consideramos que o jornal a imprensa é uma fonte de informação e memória e que o mesmo cumpriu o seu programa doutrinário e noticioso.

2 TECENDO A INFORMAÇÃO PELAS TEIAS DA MEMÓRIA

Cada dia que se passa mais se acentua a necessidade dos bons jornais e sobretudo dos jornais católicos no mundo inteiro, no Brasil aqui em nossa Paraíba para pregarem as grandes idéias, a verdadeira paz, a verdadeira moralidade dos costumes, os verdadeiros caminhos por onde a humanidade deve marchar para encontrar a felicidade relativa d e s t e mundo. É bem verdade, que o jornal tem uma influencia decisiva nos destinos da humanidade. Guia-a para a paz ou para a guerra. Ensina-lhe o bem ou o mal. É uma arma terrível que constrói ou destrói um povo.
(A IMPRENSA, 14 de janeiro de 1940)

Para compreendermos e analisarmos o jornal como fonte de informação e memória da produção editorial da Paraíba nos anos de 1912 a 1942 presentes no jornal católico <<**A Imprensa**>> fez-se necessário estabelecermos uma rede conceitual capaz de nos conduzir às análises mais significativas e reflexivas. Nesse sentido, buscamos compreender o objeto – a informação pelas teias da memória.

2.1 Memória e Informação

Constantemente ouvimos pessoas, meios de comunicação, programas culturais, instituições governamentais e não – governamentais utilizarem os termos memória e informação. Termos também conhecidos nas universidades, especificamente em algumas áreas de conhecimento como: Arqueologia, Antropologia, Ciência da Informação, História, Arquivologia, Comunicação, e outras.

A discussão sobre informação e memória é notória, pois, fazemos parte de uma Sociedade Moderna ou até mesmo Pós-Moderna⁴, que necessita da informação no processo

⁴Neste estudo adota-se o termo pós-modernidade na perspectiva de HARVEY, David na obra *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo, Ed. Loyola, 2003, 12. ed, Explora a ligação com as novas

decisório – Informação é poder, o velho axioma, e a memória para “resgatar ou manter” as lembranças vividas por determinados grupos sociais ou pessoas de uma sociedade.

Tanto a informação como a memória são polissêmicas, camaleônicas, dinâmicas, pois sofrem influências do tempo, do espaço e do movimento (ALVES; CARVALHO, 2009). Elas são estudadas por diversas áreas do conhecimento existindo “pesquisas transdisciplinares que envolvem conceitos, teorias e práticas do binômio informação e memória.”(XI ENANCIB,2010)

Em relação à informação a palavra faz parte de nosso cotidiano. Estamos utilizando-a constantemente. Por exemplo, quando estamos nos dirigindo a qualquer setor público ou privado vamos à recepção e geralmente falamos: - *Por favor, uma informação!* Ou então articulamos: - *Fulano não é uma pessoa informada!* Ou ainda nos expressamos: *Busque informação para resolver esse problema.* Enfim, são várias situações que poderíamos exemplificar. Tais situações revelam que a informação faz parte de segmentos sociais, sendo difícil compreendê-la, defini-la ou estudá-la isoladamente, logo a sua construção teórica torna-se difícil. Segundo Freire (2006, p.14) a “informação é sempre um conceito difícil de traduzir em construtos teóricos, pois não é um fenômeno estático, antes, pelo contrário. Está presente em todas as atividades humanas” e assim “oferece dificuldades peculiares para a teoria científica.” (BROOKES,1980,p.125) em particular, a Ciência da Informação, que a tem como objeto de estudo.

Sobre a CI e a construção do seu objeto de estudo, Capurro (1992,p.2) expõe que essa “investigação é uma das tarefas mais amplas e complexas de uma futura ciência da informação unificada, que não veja meramente reducionista, mas que veja as relações análogas, equívocas e unívocas entre os diversos conceitos de informação.” Os múltiplos conceitos de informação podem ser visualizados nos estudos transdisciplinares sobre a informação, por exemplo, o artigo de Lena Vânia Pinheiro em *Processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da Informação*. A autora aponta na segunda fase da CI: Delimitação do Terreno Epistemológico: princípios, metodologia e teorias próprias e influência das novas tecnologias: 1970 a 1986 pesquisas/estudos que foram feitos por alguns teóricos e os diversos conceitos sobre a informação oriundos deles. Esses conceitos sobre a informação refletem na “discussão teórica da CI, na qual a informação aparece como termo complexo, de múltiplas acepções e riqueza semântica.” (PINHEIRO; LOUREIRO,1995,p.46). A pesquisadora González de Gómez (2000) concorda

práticas e formas culturais, considerando: a contribuição das novas tecnologias, o surgimento de uma prática de descartabilidade das coisas, o papel do consumo, da moda e a manipulação de opinião e gosto, a partir da construção de novos sistemas de signos e imagens. O autor tece uma rede de ligações entre estas mudanças ocorridas, o modo como tais trocas se deram e a diversificação dos valores de uma sociedade que, para ele, se encontra em vias de fragmentação.

com a complexidade da informação e afirma que se trata de um termo flutuante produzindo diferentes sentidos em diferentes contextos.

Surge então uma pergunta. A etimologia nos ajudaria a entender melhor o fenômeno da informação? Vejamos: etimologicamente tem suas raízes no latim, na “palavra *informare*, de onde vem a outra, informação, significa dar forma, ou aparência, por em forma, formar, criar, mas também representar, apresentar, criar uma ideia ou noção.” (ZEMAM, 2007, p.156). Pinheiro (2005, p.46, grifo nosso) endossa que “etimologicamente, informação vem do latim *formatio* e forma, é sinônimo de **notícia** e expressa a “ideia de dar a forma a alguma coisa.” Nessa concepção Silva (2007, p.75) também faz as seguintes considerações “o ato de informar (dar formas ideias, impressões, sensações e não apenas notícias) do ato de documentar, ou seja, de fixar um mentefato num suporte material ou técnico, artefato.”

O termo forma é comum nessas definições sendo a mesma complexa, flutuante, camaleônica e dinâmica! Mas o que seria dar forma a alguma coisa?

Capurro e Hjørland (2007) no artigo *O conceito de informação* fazem um aprofundamento da palavra informação nas raízes latinas e gregas [da antiguidade a pós-modernidade] e oferecem os seguintes esclarecimentos. No contexto da antiguidade, a palavra tem raízes latinas *informatio* sendo necessário considerar os dois contextos básicos nos quais o termo informação é usado: o ato de moldar a mente e o ato de comunicar. “Obviamente, estas duas ações são intimamente relacionadas.” (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p.155). Quanto ao termo latim *informatio* os autores detalham dos usos *informatio* e *informo*, com a existência de dois contextos básicos: um tangível e um intangível. “O prefixo *in* pode ter o significado de negação como em *informis* ou *informitas*, mas, em nosso caso, ele fortalece o ato de dar forma a alguma coisa.” (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p.156). Nesse âmbito os contextos relacionados à informação são: o biológico, e o espiritual (usos morais e pedagógicos). Em relação à palavra informação com raízes no grego eles explicam que

[...] muitas palavras gregas foram traduzidas por *informatio*, ou *informo*, como *hypotyposis* (que significa modelo, especialmente um contexto moral) e *prolepsis* (representação), mas a maioria dos **usos de nível mais elevado** são explicitamente relacionados a *eidos*, *idea*, *typos* e *morphe*; isto é, a conceitos-chave da ontologia e epistemologia gregas. (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p.156, grifo nosso)

Capurro e Hjørland (2007) ressaltam ainda que os usos de nível mais elevado da palavra informação estão relacionados ao uso corriqueiro, em particular, no contexto da cerâmica, da retórica e outros. Na “Idade Média, *informatio* e *informo* foram comumente usados nos sentidos

epistemológicos, ontológicos e pedagógicos.”(CAPURRO;HJORLAND,2007,p.157). Já na contemporaneidade,

[...] os usos modernos do termo informação indicam um período de transição no qual o conceito ontológico medieval de moldar a matéria não apenas foi abandonado, mas refeito sob premissas empíricas e epistemológicas. Tem sido extremamente interessante observar como o conceito de informação está intimamente ligado a visões sobre o conhecimento (CAPURRO;HJORLAND, 2007, p.159)

Ancorada em Capurro e Hjørland (2007) e outros a informação concretiza-se como um enigma enfrentado pelos pesquisadores nos estudos relacionados a ela e que a mesma oferece um leque de complexidade e abrangência, resultante de suas implicações etimológicas. O estudo de Capurro e Hjørland (2007) respondeu nossa pergunta? O que seria dar forma a alguma coisa? A informação atua em dois universos: o primeiro seria o intangível - no subjetivo de cada indivíduo, moldando as suas estruturas cognitivas de maneira particular. O segundo, o tangível - dando forma ao intangível que resultam artefatos, inscritos em suportes passivos de serem objetos de estudos, no nosso caso, da CI. Esse entendimento nos remete à citação clássica de Le Coadic (2004, p.4) “A informação é um conhecimento inscrito (registrado) em uma forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em um suporte. [...] comporta um elemento de sentido”. Para Silva (2007, p.24) que entende a informação “[...] como um fenômeno humano e social, que deriva de um sujeito que conhece, pensa, se emociona e interage com o mundo sensível à sua volta e a comunidade de sujeitos que comunicam entre si”. Azevedo Netto (2007) compartilha desta concepção ao assegurar que:

Só existe na presença do homem, como seu receptor, já que é nesta instância que se dá o reconhecimento da Informação, mas incluindo aí o homem não só como indivíduo, mas também como ser e ator social. A presença do homem no processo informacional pode estar relacionada à visão da Informação considerada como artefato (Pacheco, 1995), no sentido de ser um produto de confecção humana, sem existência própria na natureza, já que ela é uma ferramenta, produzida e/ou percebida pelo homem, como um dos elementos necessários para a construção do conhecimento. Como artefato, a Informação só tem existência quando é percebida como tal, e só é estabelecida esta percepção quando, de algum modo, em alguma circunstância, é criada uma relação de significação. (AZEVEDO NETTO, 2007, p.4-5)

Fundamentada em Le Coadic (2004), Silva (2007) e Azevedo Netto (2007) entendemos a informação como um conhecimento materializado, que resulta em artefatos, onde tem a capacidade de transformar as estruturas dos indivíduos [receptores] quando os mesmos atribuem

um elemento de sentido, no qual essa informação pode ser nova ou não. A materialização da informação é independente do tipo do suporte. Ela é uma das características da informação e a principal diferença entre informação e conhecimento. Vale ressaltar que a informação só terá a capacidade de moldar o entendimento do sujeito que lhe atribuir sentido, logo, moldar o entendimento do indivíduo é um processo exclusivo do ser humano. Sobre isso Bronowski (1997,p.23) explica que

Esta maneira extraordinária em que a mensagem codificada não perde a precisão, quando carregada emocionalmente, é de suma importância. Mas é, claramente, também uma enorme deficiência para os animais, porque significa, de fato, que de qualquer modo não podem exprimir a informação. Realmente só podem transmitir instrução. A informação [...] permite que se a interprete. Se não for possível separar a carga emocional da informação em si, então não se poderá interpretá-la. E por isto que faço constantemente a distinção entre informação e instrução e digo que todas as linguagens animais e das máquinas são essencialmente instruções.

Diante das afirmações, pode-se concluir que o ser humano é o único que tem as suas estruturas cognitivas alteradas, logo, ele pode dar forma à informação transformando-a em produto, ou seja, em artefato, no qual é entendido nessa pesquisa como “produtos resultantes de uma ação individual ou coletiva,” permitindo assim o estudo/compreensão da informação. (OLIVEIRA;AZEVEDO NETTO,2007,p.28). Vale ressaltar que os artefatos são suportes informacionais diversos, feitos por homens consciente ou inconscientemente, que buscam transmitir aos outros indivíduos, ou ao seu grupo social suas vivas memórias; pois os suportes não representam apenas a matéria, na qual atua o tempo, o espaço e o movimento, e sim informações de qualquer natureza que possibilitam a reconstrução de memórias de uma sociedade, de grupos sociais ou de indivíduos (AZEVEDO NETTO, 2007). As reconstruções da memória por meio dos suportes informacionais tornam-se possíveis porque a memória necessita da informação, que por sua vez, encontra-se no suporte. Segundo Fragoso (2009,p.53,grifo nosso):

[...] a memória precisa de uma representação ou de um suporte de informação para exercer suas funções e significações históricas, seja esse suporte um indivíduo, um grupo social, um monumento ou um documento. Da mesma forma, a informação também precisa de suportes.

Os suportes informacionais estão armazenados nas Unidades de informação, sítios arqueológicos, banco e base de dados, nos indivíduos e outros que segundo Carneiro e Kossoy (2003,p.9) “[...] se prestam para compor a memória coletiva retirando do anonimato cidadãos.”

Contudo, retirar do anonimato as práticas culturais e sociais dos cidadãos de uma determinada sociedade não é uma tarefa fácil, pois

Os documentos manuscritos e impressos armazenados em bibliotecas, arquivos e museus contribuem para o resgate e a produção de memórias perdidas em papéis nem sempre conservados, trazendo ao conhecimento público fragmentos de informações corroídas pelo tempo. Assim, dificulta-se a montagem de um *corpus* textual sobre o conjunto de práticas e saberes construídos por homens e mulheres do passado.(CASTRO, 2006, p.10)

Constatamos com base nas discussões sobre a informação que esta alimenta a memória, pois através da mesma podemos reconstruir o que foi corroído pelo tempo, em um determinado espaço vivenciado por indivíduos ou sociedade. Destacamos ainda, que, isso é possível devido à materialização da informação nos suportes - os artefatos — por meio dos quais o homem atribui um sentido à informação e assim oferece subsídios para reconstruir as suas memórias dispersas ao longo do tempo, do espaço e do movimento. O tempo, o espaço e o movimento são variáveis que fazem parte também da memória. Sobre a memória não é fácil dialogarmos com ela, visto que existem três níveis segundo Catroga (2001):

- a) proto-memória - fruto, em boa parte, do habitus e da socialização e fonte dos automatismos do agir;
- b) memória propriamente dita - que enfatiza a recordação e o reconhecimento;
- c) metamemória- conceito que define as representações que o indivíduo faz do que viveu.

Sobre os níveis da memória Catroga(2001)esclarece que:

Devido ao seu cariz, dir-se-ia que a primeira acepção se refere a algo de passivo - ao que os gregos designavam por *mneme* -, enquanto as duas últimas recobrem a noção de *anamnesis* ao significarem a procura activa de recordações. E estas também remetem para a maneira como cada um se filia no seu próprio passado e como, explicitamente, constrói a sua *identidade* e se *distingue* dos outros. (CATROGA, 2000,p.13, grifo do autor).

Sendo assim, apreendemos que o primeiro nível da memória, *proto-memória* são os fatos que inconscientemente ou conscientemente absolvermos dos nossos grupos sociais, como por exemplo: a nossa família, a escola, e outros segmentos sociais dos quais fazemos parte. Esses fatos ficam armazenados em nossa memória, no subconsciente, *memória propriamente dita* que ao recordarmos dessas vivências [fatos] as representamos a fim de reconstruirmos nossa

identidade, a qual nos diferencia das outras pessoas *metamemória*. As memórias não são estáticas, pelo contrário, são dinâmicas, espontâneas, por isso não podemos compreendê-las isoladamente, mas pertencentes a um sistema integrado. No entanto, as anamneses não são integrais, e sim seletivas.

Todos estes condicionamentos impõem que a memória seja sempre selectiva. Por conseguinte, ela não é um armazém que, por acumulação, recolha todos os acontecimentos vividos por cada indivíduo, um mero *registo*; mas é retenção afetiva e “quente” do passado feita dentro da tensão tridimensional do **tempo**. **E os seus elos com o esquecimento obrigam a que somente se possam recordar partes do que já passou.** (CATROGA, 2000, p.20, grifo nosso)

Quando falamos, escutamos ou pensamos na memória, sempre a incluímos no passado, contudo, ela é presente, passado e futuro. Mas, como será isso possível? Catroga (2000) em busca dessa resposta faz menção a Miguel Baptista Pereira, ao afirmar que:

[...] a memória é inseparável da relação entre passado, presente e futuro, que, por sua vez, não são diferenças punctiformes aritmeticamente somáveis mas modos temporais com passado, presente e futuro”. Portanto, se “houve passado, presente e futuro no passado, há passado, presente e futuro no presente, haverá passado, presente e futuro no futuro.” (PEREIRA, 1999, p.28).

Com base em Pereira (1999) e Catroga (2000) entendemos que o futuro e o presente fazem parte da memória; são indissociáveis. Mas, a temporalidade também não faz parte do objeto de estudo da história? Então, memória e história são semelhantes ou diferentes? “As palavras memória e história evocam o mesmo tempo - o passado. Contudo, apesar da matéria-prima comum, é a compreensão oposta a mais difundida entre os especialistas, ou melhor, memória e história não se confundem.” (RIBEIRO, 1993, p.3). Nesse contexto Silveira (1996, p.13) faz a seguinte exposição:

[...] a distinção entre Memória e História, poiso alargamento e a aceleração da produção de ambos os campos, tem engendrado uma certa fusão e confusão entre os mesmos. **A Memória** é evocação, fixação e registro de imagens de acontecimentos, voluntária ou involuntariamente provocados, por determinados estímulos aos sentidos dos indivíduos. É mais aproximada da versão . Enquanto reminiscência, cumpre um sentido de possibilitar elementos para a elaboração de uma certa identidade para quem a evoca, seja um indivíduo ou um grupo social. **A História**, por sua vez, se realiza, também ela, pela evocação, fixação e registro do acontecimento, mas guarda algumas diferenças em relação à Memória: é urna operação voluntária, em que os procedimentos são predominantemente racionais, metódicos e sistemáticos. Na memória, prevalece certa espontaneidade e a incoerência. Na História, uma deliberação explícita para uma formulação coerente. A Memória narra, a História narra e explica; [...] a Memória é argamassa da identidade embora esta precise da História para organizar o

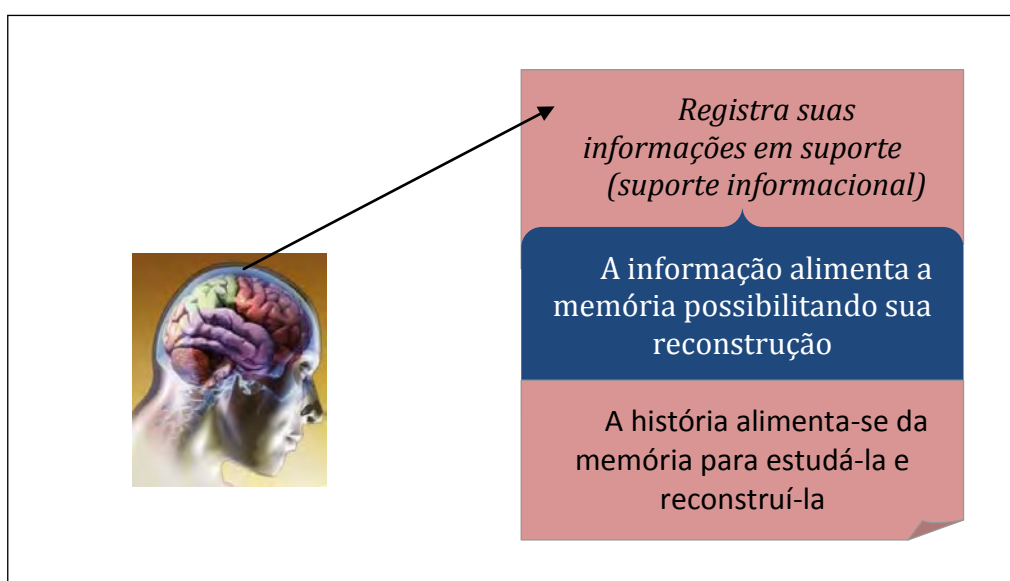
mosaico disperso e fragmentário das reminiscências e dar-lhes uma inteligibilidade [...].

Com base em Silveira (1996,p.13)entendemosque a história é uma ciência que possui uma multiplicidade de objetos de estudo, entre esses, a memória. Como ciência busca explicar/compreender/desvendar/estudar os seus objetos de estudo por meio de métodos sistemáticos e seguros, por exemplo, a observação, a experimentação e a mensuração a fim de gerar novos conhecimentos racionais e confiáveis. A memória, por sua vez, não é uma ciência. Ela é a evocação voluntária ou involuntariamente de um acontecimento por um indivíduo ou grupo social, e se efetiva enquanto ressignificações. Os indivíduos ou grupos sociais são dinâmicos, abertos às lembranças e ao esquecimento, portanto, as reminiscências são um processo exclusivo dos seres humanos, pois eles têm a capacidade “ de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos, etc). ” (VON SIMSON,2007,p.1) possibilitando assim identificar-se com fatos, segmentos e práticas sociais do qual estão inseridos.

As pessoas ou grupos sociais [as testemunhas] são inseridos nas memórias individuais e coletivas, que segundo Von Simson (2009), quanto à memória individual pode ser entendida como as vivências e experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo social onde ele se formou, isto é, onde esse indivíduo foi socializado. A memória coletiva é aquela formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes e que são guardados como memória oficial da sociedade mais ampla. Ela geralmente se expressa naquilo que chamamos de lugares da memória que são os memoriais, monumentos, hinos oficiais, quadros e obras literárias e artísticas que expressam a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade. Ressaltamos que a memória assim como a informação é um processo humano, pois “só os indivíduos podem recordar, os ritos anamnésicos. ” (CATROGA,2000,p.25) .

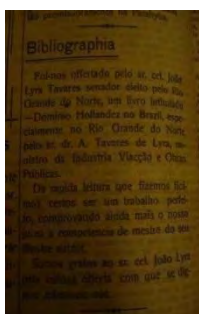
Então, a história é uma ciência, que tem como objeto de estudo a memória individual ou coletiva materializada nos mais variados suportes informacionais – os artefatos. Logo, compreendemos que a informação alimenta a memória e esta alimenta a história e que nesta relação dialética está envolvido o tempo, o espaço e o movimento. “O tempo como força de corrosão, espaço como locus da experiência da rememoração e o movimento como a estrutura simbólica da cultura, são os elementos constituidores da(s) memória(s) e da(s) identidade (s).” (DIEHL,2002,p.114).

No esquema abaixo representamos a informação, que alimenta a memória e esta alimenta a história na perspectiva da CI.



Esquema 1 - Informação, Memória e História
Fonte: COSTA, Suzana Queiroga (2010)

2.2 Jornais como Fonte de Informação e Memória



O jornal

Composição: Gilberto Gil

*Um jornal é tão bonito
Um jornal é tão bonito
Tudo escrito, tudo dito
Tudo num fotolito
É tão bonito um jornal*

*Vigilantes do momento
Senhores do bom jargão
Façam já soprar o vento
Seja em qualquer direção
Que o jornal é a matéria
E o espírito do mundo
Coisa fútil, coisa séria
Todo escrever vagabundo*

*Um jornal é tão diverso
Um jornal é tão diverso
Tudo impresso, tudo expresso
Tudo pelo sucesso
É tão diverso um jornal*

*Não importa a má notícia
Mas vale a boa versão*

*Na nota um toque de astúcia
E faça-se a opinião
De outra feita, quando seja
Desejo editorial
Faça-se sujo o que é limpo
Troque-se o bem pelo mal*

*Um jornal é tanta gente
Um jornal é tanta gente
Tudo frio, tudo quente
Tudo preso à corrente
É tanta gente um jornal*

*Um que dita, um que escreve
Um que confessa, um que mente
Um que manda, um que obedece
Um que calcula, um que sente
Um que recebe propina
Um que continua honesto
Um que puxa-saco dos fortes
Um que mantém seu protesto
Um que trafica influência
Um que tem opinião
Um jornalista de fato
Um rato de redação*

*Um jornal é igual ao mundo
Um jornal é igual ao mundo
Tudo certo, tudo incerto
Tudo tão longe e perto
É igual ao mundo um jornal*

Amúsica de Gilberto Gil caracteriza bem o jornal. O jornal tem diversidade de notícias distribuídas nas seções. Necessita de um número relevante de pessoas que trabalhem na redação, por isso, são várias equipes. Os acontecimentos podem ser reais ou factícios. São lidos tanto por pessoas simples como por intelectuais, e dependendo de sua linha editorial, o que vale não é informar o cidadão e sim repercutir os acontecimentos e ter lucro. Contudo, é uma fonte de informação e memória. Mas, o que é uma fonte? Segundo Aróstegui (2006, p.489) “fonte para a história pode ser, e de fato é, qualquer tipo de documento existente, qualquer realidade que possa aportar um testemunho, vestígio ou relíquia, qualquer que seja sua linguagem”. Respondendo nossa pergunta fonte é tudo aquilo que podemos extrair a informação e que “indubitavelmente, pode conter informações para vários problemas ou pode ser interpretada de diversas formas.”(AROSTEGUI,2006,p.481), sendo assim o jornal impresso⁵ é uma fonte que de acordo com Rabaça e Barbosa (1987,p.345) pode ser definido como:

[...] veículo impresso, noticioso e periódico, de triagem regular, constituído de folhas soltas [...].Quanto ao texto, o jornal pode conter matérias sobre assuntos gerais ou especializados. Editados nos grandes centros urbanos que divulga notícias de caráter geral, distribuídas por várias seções (política, economia, polícia, esportes, cultura, utilidade, pública, entretenimento, entre outras), em âmbito local, nacional ou internacional.

Na definição de Rabaça e Barbosa (1987) o jornal surge como mediador da informação e sociedade. Sobre isso Mannarino (2000,p.26,grifo nosso) expõe que os jornais impressos foram criados para serem veículos de comunicação na sociedade.

Historicamente, **o jornal impresso nasceu graças à aliança entre a tecnologia e a necessidade de comunicação das concentrações urbanas.** A princípio para satisfazerem às necessidades do poder instalado e servindo prioritemente a disseminação do discurso oficial.

⁵ A pesquisa foi realizada em um jornal no formato impresso, por isso, tecemos o jornal como fonte de informação e memória neste formato. Neste estudo adota-se o termo jornal impresso na perspectiva de TAVARES, Frederico M. B; BERGER, Christa. *Na notícia e para além dela: sobre o conceito de informação no jornalismo. Inf. & Soc.:Est.*, João Pessoa, v.20, n.1, p. 25-37, jan./abr. Os autores expõem que quando se fala em jornalismo impresso, pensando aquele que se imprime numa página e circula pela sociedade, aquele que se volta para a cobertura do cotidiano, o olhar principal encontra-se sobre os produtos jornalísticos noticiosos cujo foco está assentado na apresentação daquilo que acontece no mundo

Por serem veículos de comunicação pertencem aos canais de comunicação, uma vez que eles estão relacionados aos meios por onde circulam as informações. Os produtores de informação escolhem os canais mais adequados para circulação da sua informação, utilizando os meios impressos, como jornais, revistas, livros e outros. (FREIRE,2006)

As informações dos jornais estão distribuídas na redação, que é o ‘coração’ de um jornal. É nela que são produzidas as notícias, mercadoria vendida pelo jornal e sua razão de ser. Por sua vez a redação se divide em editorias.”(TRAVANCAS,2001,p.26,grifo do autor). Em relação às notícias, Targino (2009,p.132) apresenta duas vertentes com base nos seus estudos:

- a) produção da notícia, decorrente da interação entre realidade percebida, apreendida e interpretada versus jornalista, o que traz subjacentes os fatores de natureza pessoal, social, ideológica etc.;
- b) circulação, consumo, efeitos da notícia, em que compete ao leitor-consumidor imprimir sentido à notícia veiculada, o que depende da capacidade de percepção, carga cognitiva e semântica, ideais e crenças, para dimensionar os efeitos produzidos.

Sobre a primeira vertente apresentada por Targino, (2009) a produção da notícia, queé decorrente da realidade percebida na sociedade pelo jornalista Tavares (2007) expõe que existe um diálogo

[...] entre o jornalismo e a vida social, e observando os diferentes produtos jornalísticos disponíveis ao público, é possível notar facetas distintas de jornalismo, assim como facetas distintas da sociedade por ele traduzida. [...] o objeto primeiro do jornalismo é o acontecimento, sendo daí derivada a notícia e a construção discursiva do real (TAVARES, 2007, p.42)

Na segunda vertente proporcionada por Targino (2009) temos o foco no leitor, o consumidor do jornal, que possui conhecimentos prévios e que tem a capacidade de atribuir um sentido à notícia exposta no jornal impresso; assim, a notícia pode causar “ nele alguma mudança ou simplesmente promover nele reflexão, [...] novos pontos de vistas, novas perspectivas e chamar atenção para pontos que este [...] poderia deixar passar despercebidos.” (CARDOSO, 2007,p.303). Estes efeitos produzidos no leitor só são possíveis devido à informação, pois, “a **idéia de informação** está, com frequência, vinculada à noção de notícia e tem nela sua origem e explicação”. (TAVARES;BERGER,2010,p.25,grifo nosso). Sendo a informação o cerne da

notícia, o jornal, torna-se uma fonte de informação que segundo Tavares e Berger (2010,p.25) “ a informação periódica nos meios de comunicação é apontada, muitas vezes, como fonte exclusiva na obtenção de conhecimento sobre determinados temas”. Com base em Targino (2009), Tavares (2007) e Cardoso (2007) entendemos a notícia como sendo um produto jornalístico do redator/editore outros que buscam transmitir aos leitores acontecimentos [informações] variados da vida social de uma sociedade, nos quais os leitores atribuem um sentido ao produto final – a notícia - suprimindo assim suas necessidades informacionais, cognitivas, afetivas ou outras. Vale ressaltar que os produtores das notícias possuem suas ideologias pessoais como também estão arraigados à linha editorial do jornal no qual estão inseridos. Sendo assim, as notícias jornalísticas, veiculadas nos jornais impressos são os acontecimentos capturados da vida social, em um determinado tempo, espaço e movimento. “Nesse ambiente, o jornal – e o cotidiano que nele aparece seria o grande representante da leitura midiática realizada sobre a vida social”. (TAVARES; BERGER, 2010, p.26). Logo, os jornais impressos são relevantes na reconstrução da realidade social, porque trazem as práticas culturais e o interesse de um segmento social de uma sociedade, em especial, a sociedade paraibana. Segundo Santi e Amaral (2010, p.28) “a percepção da construção das notícias como uma prática cultural é fundamental para que a análise dos fenômenos jornalísticos contemporâneos tenha no conceito de representação uma centralidade.”

A palavra representação segundo Chartier (1991, p.184) “atesta duas famílias de sentido aparentemente contraditórias: por um lado, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; por outro, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa.” Parafraseando Chartier (1991) a representação de uma sociedade se dá pela apresentação de uma presença, ou seja, pela realidade “que, sendo em primeiro lugar, representação, depende tão profundamente do conhecimento e do reconhecimento” (BOURDIEU, 1989, p.108). Como também a representação de uma sociedade pode ser feita por meio de uma ausência, isto é, das estratégias simbólicas “que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser percebido constitutivo de sua identidade.” (CHARTIER, 1991, p.184). Nesse sentido, o autor Chartier explica que a “relação de representação - entendida como relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro porque lhe é homóloga.” (CHARTIER, 1991, p.184)

Logo, as representações de uma determinada sociedade visualizadas nas notícias jornalísticas tornam-se possíveis porque

[...] o campo jornalístico, enquanto lugar de fala legitimado sobre a realidade contribui para a definição de papéis e da afirmação de valores e sentidos na sociedade. O conjunto de informações gerado na sociedade é trabalhado pelos meios de comunicação, que organizam esse conteúdo de acordo com um conjunto próprio de estratégias comunicativas. Ao definir essas estratégias, a mídia cria e reforça representações do discurso social [...]. (DARDE,2008,p.224,grifo nosso)

Prontamente, a integração do jornal com a realidade [cotidiano] o coloca no cerne do sistema social, pois

As notícias são vistas como fruto dos acontecimentos que irrompem no cotidiano e que, entrelaçados no ambiente midiático-jornalístico, assumem dimensões e “roupagens” de acordo com os regimes de “visibilidade” e “noticiabilidade” que passam a envolvê-los. Há nesse processo uma “ação informadora”, resultado da convergência de uma série de forças, tais como: ações pessoais, ações sociais, ações ideológicas, ações tecnológicas, ações culturais, ações físicas e ideológicas; todas elas mutáveis e/ou intercambiáveis, ou seja, nunca estanques (SOUSA, 2002,p. 28, grifo do autor).

Os jornais impressos noticiam os acontecimentos cotidianos de uma sociedade, ou de um grupo social do qual o cotidiano faz parte do objeto de estudo da História Cultural que “compreende tanto a cultura intelectual quanto a material, a erudita e a popular; a cultura científica, filosófica e artística, mas também a cultura cotidiana e, enfim, a alta cultura: ciências, filosofia, artes, literatura e a cultura cotidiana ou do senso comum.” (FALCON,2002,p.61). Sendo assim, a história cultural, busca estudar/compreender as práticas e representações cotidianas culturais de uma sociedade a fim de reconstruí-las, e o jornal torna-se uma fonte relevante nesse processo como explica Magalhães (2004,p.61)

A imprensa e o seu uso na pesquisa têm por meta auxiliar na reconstituição histórica, no intuito de apreender mudanças, transformações, relações sociais, formas de comportamento, entre outros, possibilitando pensar sobre o cotidiano e os seus diferentes sujeitos.[...] Os estudos voltados para o cotidiano buscam perceber as discontinuidades e fragmentações, as amplas articulações que se compõem e se recompõem continuamente. Sendo assim, os jornais nos permitem “garimpar” elementos configuradores da complexidade do cenário local. Em relação ao uso do jornal, é importante entendê-lo “como uma das maneiras, como segmentos localizados e relevantes da sociedade produziram, refletiram e representavam percepções e valores da época”

A capacidade que os jornais têm a partir do cotidiano de reconstruir segmentos e valores de uma determinada sociedade os tornam “um dos mais relevantes veículos de manutenção e “construção” da memória.” (SOARES;HELAL;SANTORO,2004,p.63). Neste sentido, a ressignificação da memória a partir dos jornais impressos se dá pelo fato deles

preservarem, armazenarema memória coletiva de uma sociedade como expõe Enne (2004, p.114)

[...] os jornais poderiam ser pensados como construtores e/ou legitimadores de *lugares de memória*, no sentido dado por Pierre Nora (RIBEIRO, 1996). Mais precisamente: seriam eles, se não os *lugares de memória* (dadas as interpretações mais restritas do conceito), com certeza espaços privilegiados no arquivamento e produção da memória contemporânea.

Como espaço privilegiado no arquivamento da produção da memória eles

[...] durante um longo período de tempo que abrange desde o século XVIII (no caso da França) até o XX as imprensas brasileira e francesa poderiam ser caracterizadas como “literárias”. Os jornais anteriormente mais políticos e polêmicos se tornaram literários e mundanos, contando com a presença de inúmeros escritores em suas páginas. Esta fase foi caracterizada como literária por três fatores: pelos jornais publicarem com frequência em suas páginas romances e folhetins, por apresentarem umestilo de texto sem a objetividade e concisão marcantes do jornalismo do século XX, e por estimularem e **divulgarem a produção literária da época.**(TRAVANCAS, 2001, p.25-26, grifo nosso)

A divulgação da produção literária de época é característica dojornal <<**A Imprensa**>> no qual divulgava os livros, em especial, nas colunas *Bibliographia, Livros e Livros Novos* representando assim aspráticas culturais e editoriais da sociedade paraibana. Nesse contexto Targino (2009, p.33) cita que “diferentes historiadores recorrem aos jornais impressos como fontes auxiliares ou emolumentos para a reconstituição histórica dos estados brasileiros.” Parafraseando a autora e pesquisadora Targino (2009, p.33) podemos dizer que pesquisadores e profissionais de várias áreas de conhecimento utilizam os jornais como fontes de informação e memória para darem um novo significado arealidades passadas das sociedades a fim de compreenderem as lacunas abertas pelo tempo, o espaço e o movimento. Vale ressaltar que a reconstrução de uma época e de uma sociedade por intermédio dos jornais é feitaa partir do registro dos acontecimentos, reportagens, editoriais, artigos opinativos, anúncios e outras modalidades de matérias jornalísticas onde o pesquisador encontra subsídios para a compreensãodos aspectos políticos, sociais, econômicos, culturais e ideológicos.(MORAES, 1992).

3 PARAÍBA NOVECENTISTA: Poder Político, Imprensa e Igreja

[...]A todos ele prega a verdadeira doutrina religiosa, profliga os vícios, aponta os tumores sociais que devem ser sarjados, combate os erros políticos, os abusos dos governadores, defende os oprimidos, forma a mentalidade de um povo e colaborando com os poderes públicos dirige-os para os seus verdadeiros destinos eternos e temporais.[...]
(A IMPRENSA, 14 de janeiro de 1940)

O jornal <<**A Imprensa**>> é uma fonte inesgotável de informação e memória. Porém, não podemos compreendê-lo isoladamente, visto que, o mesmo fazia parte do sistema político-administrativo, social, cultural e religioso da sociedade paraibana e na busca de entendê-la sua totalidade foi necessário transitarmos pela história da Paraíba, do periodismo e da Igreja.

3.1 Paraíba Política

Escrever sobre a Paraíba, nas décadas de 10 até os anos 40 não foi uma tarefa fácil! Uma vez que o Brasil passa por sistemas governamentais bem distintos: a República Velha (1889 – 1930) caracterizada pela instalação do regime republicano, onde o poder político continuou sendo exercido por componentes ou representantes da elite agrária [proprietária da terra e fornecedores de produtos tropicais para o mercado externo] e a Era de Vargas (1930-1945) período em que o governo é chefiado por Getúlio Vargas, no qual se destaca a fase compreendida em 1937-1945, conhecido com Estado Novo [Ditadura Militar]. Esses sistemas

governamentais refletem na estrutura econômica, na educação, na urbanização, enfim, em todas as esferas da sociedade brasileira. As conjunturas políticas nacionais refletem na regional. Na Paraíba as lideranças políticas buscam adequar-se a essas transformações sem perderem o poder político e de mando.

Para conhecermos o reflexo da conjuntura política nacional na Paraíba caminharemos com os autores Gurjão (1994,1999), Santos Neto (2007) Amorim (1999), Santana (1999), Pinheiro (2002), Mello (2003) nas décadas de 10 até os anos de 1942 período delimitado pela pesquisa. Teremos como foco a política, porque a mesma desencadeará todos os outros segmentos da Paraíba: a economia, a educação, a urbanização e outras. Ela é o cerne da questão.

Para discutirmos a Paraíba na metade do século XX, não podemos esquecer o final do século XIX, em relação a isso Gurjão(1994,p.18-25, grifo nosso) faz as seguintes considerações:

A configuração da economia paraibana na Primeira República está intrinsecamente relacionada à sua posição no contexto da divisão do trabalho inscrita nos marcos da regionalização do Nordeste. O eixo econômico do Brasil, que até o século XIX situava-se nessa região, foi progressivamente deslocado para o Sudeste, ao mesmo tempo que a dependência econômica do Nordeste ao capital internacional foi reproduzida. Neste processo, a economia paraibana. Foi redefinida de acordo com os pressupostos do duplo movimento de concentração do capital no plano externo e no Sudeste do país. Por conseguinte, as principais atividades produtivas da Paraíba, a lavoura canavieira, a algodoeira e a pecuária foram reestruturadas, proporcionando a inserção efetiva de seus respectivos espaços para a reprodução do capital. O quadro econômico da Paraíba, a partir da segunda metade do século XIX, já reflete as determinações do processo em curso. [...] **O quadro econômico-financeiro da Paraíba, nos fins do século XIX, já apresentava contradições, cuja compreensão só é perceptível vista pela ótica de sua subordinação ao capital nos planos regional, nacional e internacional. A queda da demanda do algodão após o fim da guerra da Secessão e a crise da economia açucareira acarretavam a redução de suas rendas, situação esta agravada pela absorção de seu comércio pelo porto de Recife**

Além disso, houve duas secas de 1877-79 e 1889-90, aprofundando a miséria dos que tinham poucos recursos. Contudo, temos um impulso à modernização como a introdução do maquinismo a vapor para o beneficiamento do algodão, implantação da indústria-têxtil, como por exemplo, a Usina São João, em 1882, a Fábrica de Tecidos Tibiry, em 1892 e as estradas de ferro que começaram a atuar favorecendo as camadas dominantes.

O início do século XX a economia na Paraíba não apresentava resultados diferentes do século XIX. A Primeira Guerra Mundial fez com que o comércio de exportação despencasse resultando no preço do algodão que desvalorizou. A “partir de 1916, contudo, com o incremento da demanda de matérias primas e alimentos pelos países beligerantes, nossos principais produtos

de exportação alcançaram preços altos, iniciando-se uma fase de equilíbrio econômico-financeiro do Estado.” (GURJÃO,1994,p.26). Nesse contexto

A conjuntura favorável proporcionada pela I Guerra, consolidou o poderio das oligarquias já existentes e proporcionou o surgimento de novas facções oligárquicas ligadas a expansão do comércio, especulação e atividades industriais. Vale salientar, no entanto, que as bases da estrutura de poder permanecem essencialmente rurais, fundamentadas na propriedade da terra na dominação exercida pelos “coronéis” e na representação política de suas respectivas oligarquias. (GURJÃO,1999, p.58)

A representação oligárquica refletiu em todos os segmentos da sociedade paraibana, por exemplo, na educação, os grupos escolares começam receber os nomes das lideranças políticas a fim de serem veículos de propaganda e marcar o poder das oligarquias, contudo, segundo Pinheiro (2002,p.69) “o quadro da educação escolar paraibana, nos primeiros anos do século XX, era realmente bastante precário, uma vez que, [...] somente 7,53% [da] população em idade escolar frequentaram as instituições *officiaes* de ensino primário.” Em relação ao ensino primário no estado, foi implantado pelo estado matérias relacionadas à agricultura, uma vez que, a mesma era vista como principal fonte de riqueza. O ensino primário se caracterizava “pela coexistência de dois modelos de organização escolar: de um lado, as escolas rudimentares e elementares e, do outro, as escolas reunidas ou agrupadas e os grupos escolares.” (PINHEIRO,2002,p.124)

Na década de 20 a economia paraibana continua se caracterizando como agroexportadora; sendo assim, o algodão permanece na base econômica. Nessa esfera, destaca-se também o açúcar onde ambos tiveram incentivos financeiros e industriais para aumentarem as suas produções. Essa situação favoreceu os coronéis, o seu enriquecimento, “em contrapartida, a massa trabalhadora do campo e da cidade era penalizada pela alta do custo de vida, por salários insignificantes.” (GURJÃO,1994,p.29).

O enriquecimento dos coronéis ampliou a estrutura latifundiária e apadrinhou a estrutura política das oligarquias na Paraíba que segundo Santos Neto (2007,p.25) a estrutura oligárquica paraibana estava “sob o domínio de duas oligarquias: a Alvarista (1889-1915), cujo o chefe foi Álvaro Machado, e a Epitacista (1915-1930) sob o comando de Eptácio Pessoa, ambas alinhadas com o compromisso de manutenção do status quo das elites agroexportadoras no poder [...]”. Nesse contexto Gurjão (1999,p.61) explica que

A composição de cada facção oligárquica se definia pela coligação de parentelas (famílias extensivas), e sua denominação é identificada ao seu líder político de maior destaque, chefe do partido. Assim, Álvaro Machado, chefe do Partido Republicano da Paraíba comandou o alvarismo, e Eptácio Pessoa, mais adiante, chefou o partido que, ao

mesmo tempo, se constituía na coligação derivada de seu nome, o epitacista. Dessa forma, a figura do chefe personificava o partido.

As oligarquias paraibanas tiveram o seu apogeu durante a liderança política de Epitácio Pessoa, uma vez que, ele favoreceu os privilégios dos contratos de construção de estradas; das obras Contra as secas; a construção de escolas e a distribuição dos cargos públicos; consolidando, assim, a estrutura coronelística. Como consequência da estrutura coronelista, o quadro social da população era caótico, uma vez que, no campo temos a exploração pelos coronéis, e nas cidades, pela indústria, eminentemente artesanal, os salários eram baixos, as extensas e intensas jornadas de trabalho, mortalidade infantil e outros. Além disso, as secas resultaram um surto migratório para o Sul causando escassez de mão - de - obra. (GURJÃO, 1994).

Na educação temos 70% da população analfabeta, pois “ as frequentes avaliações realizadas pelos gestores da educação escolar pública apontavam, inevitavelmente, para o reduzido número de alunos matriculados em relação à população do estado e o baixo rendimento escolar.” (PINHEIRO, 2002, p.124). Todos esses acontecimentos determinaram edesencadearam os movimentos sociais: na zona rural, o Cangaço⁶ que “ nasceu, portanto, dentro do coronelismo como via de ascensão para trabalhadores rurais que, embora inconscientemente, protestavam contra a ordem que os gerou.” (GURJÃO, 1994, p.54) e na zona urbana, as greves dos operários, que buscavam melhores condições de vida e trabalho, diante da precariedade que viviam . Entretanto, na Paraíba, a estrutura oligárquica/coronelista

[...] através de sucessivos arranjos, manteve relativa estabilidade durante a República Velha. A presença de seu maior oligarca, Epitácio Pessoa, em cargos de grande prestígio no governo federal, proporcionou condições para esta estabilidade. Contudo, nos fins da década de vinte, a crise do sistema oligárquico atingia também este Estado, na medida do acirramento das disputas inter-oligárquicas, culminando em 1930 com fatos que acabaram transformando-o em centro desencadeador do movimento de outubro. Assumindo o governo do Estado em 1928, João Pessoa empreendeu uma política de reformulação do coronelismo-oligárquico, cujos desdobramentos acarretavam sérios conflitos internos, inclusive, a ruptura da sua própria parentela. (GURJÃO, 1999, p.70)

⁶O movimento messiânico que mais teve influência na Paraíba foi o de Juazeiro. O cangaço teve grande atuação em nossos sertões. Suas origens estão diretamente ligadas à estrutura de poder dominante que, desde a Colônia, se apoiava em contingentes armados. Das ordenanças do período colonial às milícias da Guarda Nacional no Império, o mandonismo local foi se afirmando e, na República, sua consolidação foi acompanhada do suporte dos “cabras”, elementos de sua confiança recrutados entre seus agregados, que lhes obedeciam cegamente. Muitos trabalhadores rurais são, assim, treinados no manejo das armas para defender os interesses dos “coronéis” nas lutas de famílias e disputas eleitorais, permitindo-lhes a autoridade do “eu quero, posso e mando”. (GURJÃO, 1999, p.46-47)

A política de João Pessoa segundo Gurjão (1994,p.71) possuía:

Duas linhas de ação norteadoras: a tentativa de depurar o coronelismo, impondo-lhe a tutela governamental e o estabelecimento do centro comercial do Estado na capital - esvaziando assim, a dependência ao Recife ao mesmo tempo que promovendo a autonomia econômica da Paraíba no plano regional - e, favorecendo sua articulação direta com os mercados externos.

As linhas norteadoras de João Pessoa provocaram reações diferenciadas entre as oligarquias paraibanas:

Os comerciantes da capital deram total apoio, sobretudo à reforma tributária que, como veremos a seguir, foi por eles inspirada. Além destes, alguns grupos empresariais, ligados às atividades fabris, também apoiaram o presidente em face das medidas fiscais e creditícias que lhes favoreciam. As oligarquias algodoeira-pecuária e açucareira resistiram à política de João Pessoa, uma vez que esta atingia seus vínculos comerciais com os mercados externos. (GURJÃO,1999, p.71)

Tais medidas adotadas por João Pessoa são interrompidas em 26 de julho de 1930 quando o mesmo é assassinado. Enquanto isso, no âmbito nacional usando como pretexto o assassinato do aliancista João Pessoa por um simpatizante de Washington Luís, João Dantas, Getúlio Vargas e seus partidários organizaram um golpe que, em outubro de 1930, tirou Washington Luís do poder. Getúlio Vargas tomou posse do governo no dia 3 de novembro 1930, data que ficou registrada como sendo o fim da Primeira República.⁷Nesse contexto Gurjão (1999,p.76) expõe que

A participação da Paraíba na rebelião de outubro, como componente da Aliança Liberal, conferiu às lideranças locais, que já integravam o quadro da administração do Estado, a permanência no poder. Logo após a vitória do movimento armado, José Américo de Almeida (principal auxiliar da administração de João Pessoa, já conhecido como escritor, destacou-se como articulador do movimento de 1930 na Paraíba) foi empossado na chefia do executivo paraibano. Elevado, assim, ao principal cargo político do Estado, como uma homenagem que os líderes nacionais prestavam à memória de João Pessoa, José Américo passou, então, à condição de herdeiro político do ex-presidente da Paraíba e o seu maior líder político.

⁷Texto baseado na obra: *Revolução de 30* disponível em: <<http://www.culturabrasil.pro.br/revolucao30.htm>>

Logo, a década de 30 na Paraíba é marcada por dois principais partidos: Os situacionistas, com o Partido Progressista da Paraíba (PP) conhecido também como Partido do Interventor, liderado por José Américo de Almeida [americismo⁸], que apoiavam o governo de Getúlio Vargas e o Partido Republicano Libertador (PRL), correligionários de Epitácio Pessoa, sendo a mesma oposição ao governo de Vargas. (SANTANA,1999). O Governo de Getúlio Vargas é caracterizado pela centralização do poder por meio dos interventores tenentistas estaduais. Sobre isso Gurjão (1999,p.76,grifo nosso) cita que

As mudanças político-administrativas efetuadas a partir de 1930, aparelharam gradualmente o poder central, possibilitando o seu controle sobre a estruturas políticas regionais preexistentes, subordinando-as, absorvendo e delimitando seu campo de ação. Assim, se efetuou a contínua centralização do poder [...]

O papel dos interventores foi, portanto, fundamental na tarefa de centralização. Sua condição de elemento de confiança do governo federal, por ele nomeado, conferia-lhe certa independência em relação às oligarquias locais, uma vez que não lhes devia sua permanência no cargo. Por outro lado, naturalmente identificados com coronéis e oligarcas, estes interventores tinham facilidade de promover a boa convivência entre a elite dominante e o governo central, mantendo os alicerces do mandonismo local e a autonomia necessária ao governo federal, permitindo-lhe a prática de uma política econômica viabilizadora da concentração e centralização de capital no Sudeste.

Diferentemente dos Estados mais desenvolvidos, onde os conflitos entre interventores e a elite dominante chegaram ao rompimento, **na Paraíba, as interventorias apresentaram-se como força maior, disciplinadora da ordem oligárquica.**

Os interventores que dirigiram a Paraíba nos anos de 1930-1942 são:

1. José Américo de Almeida (04/10 a 25/11/1930);
2. Antenor Navarro (1930/1932);
3. Gratuliano de Brito(1932/1934);
4. Argemiro de Figueiredo (1935/1937 - Eleito pela Assembléia Legislativa e 1937/1940);
5. Ruy Carneiro (1940/1945).

Nesse contexto, os interventores paraibanos, de maneira geral tinham como objetivo “aestruturação do centralismo do aparelho do Estado” (SANTOS NETO,2007,p.49) e conciliar

⁸Neste estudo adota-se o termo Americismo segundo a perspectiva de SANTANA, Martha Maria Falcão de Carvalho e Moraes. *Poder e Intervenção Estatal: Paraíba 1930-1940*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB 1999. No qual a autora entende como a correlação das forças políticas paraibanas sob o comando de José Américo

o poder oligárquico ao Estado. Nesse sentido, os interventores Antenor Navarro e Argemiro de Figueiredo são exemplos da nova estrutura política centralizadora do aparelho do Estado na Paraíba. Antenor Navarro pautou-se na política de desfazer a estrutura coronelista e Argemiro de Figueiredo, pela redefinição e consolidação do poder oligárquico

Sob a administração de Antenor Navarro, a Paraíba viveu momentos de grandes transformações estruturais, com vistas a um processo de recondução das relações de poder para as hostes do Estado. [...] pela ação centralizadora de Antenor Navarro, foi reconduzido a uma nova dinâmica organizativa, sem os arranjos políticos da Primeira República, ou seja, depois de 30, as relações de poder foram conduzidas para o Estado, e a partir dele foram institucionalizadas de modo a estruturar um poder estatizado, cujo o fim foi a consolidação da burocratização estatal e o esvaziamento dos redutos oligárquicos, até então organizados na Paraíba. (SANTOS NETO, 2007, p.149)

O interventor Argemiro de Figueiredo é um exemplo da política de redefinição oligárquica.

Utilizando-se da máquina estatal e da estreita sintonia com os cípios ideológicos do Estado Novo, através da conciliação, confronto, pressão e cooptação, Argemiro polarizou um conjunto de interesses e lideranças políticas, a que se denominou “Argemirismo”, garantindo a recomposição e redefinição do poder coronelístico-oligárquico na Paraíba pós-30. (SANTANA, 1999, p.21, grife da autora)

Em 1937 no governo provisório de Getúlio Vargas, ele, com a pretensão de continuar no poder executou um golpe político com o apoio dos generais Góis Monteiro, chefe do estado-maior do Exército e Eurico Gaspar Dutra, seu ministro da Guerra instituindo o Novo Estado [Ditadura Militar] sustentando-a até 1945. Na Paraíba, os reflexos do golpe de 37 ampliaram segundo Santana (1999, p.245) “a centralização e o intervencionismo estatal [...] implantou um regime autoritário, reforçando os poderes do chefe de Estado, conferindo-lhe a faculdade de governar por decretos-leis, elastecendo a intervenção do governo federal nos estados.” Essa política intervencionista vai prevalecer até 1945 [nosso recorte temporal vai até 1942], refletindo em todos os segmentos da sociedade paraibana: na educação, na economia, nos meios de comunicação e outros.

Na Educação é alto o índice de analfabetos, especialmente na zona rural. O Estado possuía um precário sistema de ensino, com apenas 450 escolas primárias e 03 secundários, sob atuação dos intelectuais. (SANTANA, 1999) e “o ensino público ficou subordinado à lei de

unificação do ensino primário, que impedia os municípios de organizar sua própria rede escolar.” (PINHEIRO, 2002, p.195).

A economia na década de 30 e início dos anos 40 ainda é marcada por uma estrutura agro-exportadora e o algodão é o principal produto agrícola. “Com relação ao quadro Industrial paraibano nos anos de 1930 e de 1940, deve-se ressaltar o caráter regionalizado de sua produção, isto é, uma indústria que se respaldou no consumo/reprocessamento de matérias primas da região[...]” (AMORIM, 1999, p.49).

O sistema de comunicação é relevante no governo de Getúlio Vargas e, conseqüentemente, para os interventores paraibanos, que utilizam-se do jornal oficial A União, o jornal católico “A IMPRENSA” e a Rádio Tabajara. A imprensa independente que não fazia parte do governo “foi amordaçada pela repressão policial, sofrendo toda série de perseguições e ameaças, que iam desde o empastelamento e censura, à prisão e espancamento de seus profissionais.” (SANTANA, 1999, p.78).

Na esfera social o quadro era precário: alto índice de mortalidade infantil; precário sistema sanitário e de assistência médico-hospitalar; por exemplo, mortes por tuberculose pulmonar, a boubá e a esquistossomose; deficiente sistema bancário; a exploração do trabalhador rural pelo latifúndio e o trabalhador urbano pelos empresários/industriais. (SANTANA, 1999). A propósito disso, Mello (2003, p.45) afirma que “a situação era grave com o desemprego e a carestia acarretando privações.”

3.2 A Imprensa Paraibana

De acordo com Araújo, (1983) o primeiro jornal publicado na Paraíba denominou-se *Gazeta do Governo da Paraíba do Norte*, datado em 16 de fevereiro de 1826 e impresso na Typographia Nacional da Parahyba, administrado pelo súdito inglês Waller S. Boardman. O exemplar Custava 80 réis e trazia o brasão de armas imperiais de permeio ao título .

Na época, o presidente da Província da Paraíba era o coronel Alexandre Francisco de Seixas Machado, que o fundou e tornou-o órgão oficial de sua administração. Circulou até fevereiro de 1827 quando Alexandre Francisco de Seixas Machado entregou seu governo ao sucessor. Em relação ao primeiro jornal da Paraíba, José Leal (1962) apresenta outro título – *O Português* que supõe ter sido impresso no Recife, e dali transportado por algum canoeiro em 1818, quando a Paraíba não possuía oficinas gráficas. O autor e jornalista José Leal (1962) expõe também que *O Português* eram uns panfletos nos quais velhos habitantes da cidade, indagados por ele, falaram que ouviram dos seus antepassados, mas, não souberam informar se o jornal era

impresso ou manuscrito e que esse foi o pioneiro do periodismo na Paraíba, contudo, José Leal (1962), considera uma hipótese quase absurda.

Na Paraíba, a imprensa cita que “durante a monarquia, circularam mais de 50 periódicos, quasetodos na capital, a maioria com orientação política e defendendo interesses partidários, havendo uma parte que **seguia a linha de ataque ao poder e outra em defesa.**” (ARAÚJO,1983,p.70, grifo nosso). Nesse sentido

qualquer jornal que aspirasse a uma circulação regular, devia girar em torno do partidarismo político. A politização da imprensa daquele tempo era bem maior que a dos dias atuais, chegando a decepcionar os profissionais que tinham idéias mais amplas. Por tais motivos, muitos emigravam para outros centros, como José Maria dos Santos, que estudou Jornalismo no exterior e preferiu trabalhar na imprensa paulista; Eliseu César, grande batalhador da campanha abolicionista da escravatura, que não quis continuar na Paraíba, trabalhando nos jornais de quase todo o Brasil; Argemiro de Souza, que foi para o Rio de Janeiro ser redator-chefe do Jornal Do Commercio daquela cidade.(ARAÚJO,1983,p.74)

Reforçando o pensamento de Araújo (1983) sobre o deslanche político nos periódicos durante a monarquia temos como exemplo a Typographia Nacional da Parahyba que foinegociada para o Recife em 1829 por Gabriel Getúlio Monteiro de Mendonça, “o mesmo venderápara livrar das críticas ao seu governo.” (MARTINS,1978,p.22). Com a venda da tipografia Nacional da Paraíba, a Província da Paraíba segundo Martins (1978,p.22) “ ficou sem nenhum jornal e nem oficina onde editar [...]” foi então que:

o presidente Gabriel Getúlio Monteiro de Mendonça, o mesmo que venderá [...] entra em entendimentos, em fevereiro de 1830, na praça do Recife ,sobre a possibilidade de arrematação da dita tipografia “para a redação de hum, ou mais Periódicos naquela cidade, cuja tarefa seria defender a Constituição, e o Throno contra os anarquistas [...]e assim a 10 de fevereiro desse ano surge o Correio da Paraíba [...]. Era certamente o órgão oficial do governo da mesma província, então presidida por Gabriel Getúlio Monteiro de Mendonça, substituído, já a 21 de Março de 1830, por Francisco José Meira, que pode indicar ter tido curta duração [...]. Exposta à venda a Typographia Cruzeiro, José Rodrigues Costa consegue arrematá-la, e, sabedor da escassez de estabelecimento tipográfico na Paraíba, a custo, a transfere, de volta, para a capital paraibana, onde se estabeleceu em fins de 1834, na casa n.º 2 da Rua Direita (atual Rua Duque de Caxias), posteriormente, sede da Imprensa Oficial e de “A União”. (MARTINS, 1978,p.22-23)

Segundo Martins (1978,p.35) a tipografia de José Rodrigues da Costa durante amonarquia prestou “inestimável serviço [...] à cultura paraibana, com a publicação de livros e constantes periódicos, com a impressão de leis provinciais, relatórios e exposições governamentais.” Os periódicos paraibanos nesse período não possuíam um perfeito desenvolvimento para sua época,

porém, “ começam a imitar os padrões da imprensa do Rio de Janeiro, época em que os grandes diários daquele Centro-Sul começam a entrar aqui com maior facilidade, devido ao progresso dos sistemas de comunicação e dos transportes.”(ARAÚJO (1983,p.74)

No período republicano, entre os vários autores que buscaram mapear o periodismo na Paraíba nesse século temos José Leal Ramos (1962) e Fátima de Araújo (1983, 1986). Alguns desses títulos são:

1900



A VERDADE – jornal semanário editado pela Diocese da Paraíba, muito dogmático, pouco interesse despertou, por isso desapareceu rapidamente, era impresso na tipografia de “ A IMPRENSA” ;

1902



O MONÓCULO – semanário de feição literária, poliantéia de menor importância, pelo cunho religioso. Era editado por principiantes que sempre procuravam impressionar pela simplicidade dos títulos dos jornais. Impresso na oficina gráfica da “ A IMPRENSA” ;



O COMBATE – considerado o jornal que agitou a província. Considerado o porta voz da mocidade republicana. Impresso na tipografia de “ A IMPRENSA”. Desde o seu nascedouro, sofreu perseguições políticas, sendo por mais de uma vez suspenso e em seguida reaparecendo, o que demonstra o *combativismo*, fibra e o idealismo de seus dirigentes. Circula até 1905;

1904



A VOZ DA MOCIDADE - órgão da mocidade católica, circula entre 1904 e 1905. A tipografia que o imprimia ficava no convento do Carmo;

1906



A FOLHA - semanário, foi tão efêmero que encerrou sua circulação um mês após seu lançamento. Proclamava-se como Órgão independente;



O INSTRUCTOR - semanário, proclamava-se Órgão dos lavradores trazendo matérias ligadas à agricultura e aos direitos e deveres da classe lavradora do Estado com vida efêmero;

1907



A REPÚBLICA - jornal renomado na história da “IMPrensa” paraibana. Meteu-se em sérias polêmicas com A UNIÃO, desde os primeiros momentos do seu nascedouro. Considerado oposicionista ao governo do estado e política do então senador Álvaro Machado. Circulou até 1908



ESTADO DA PARAHYBA - essencialmente oposicionista, combateu dois governos sucessivos: Walfredo Leal e João Machado, só deixando de circular em 1914;



1909



O ECHO - jornal de propaganda comercial da Livraria Penna, estabelecimento da capital paraibana. Era um mensário de distribuição gratuita;



O PORTA VOZ - jornal de divulgação comercial;



GUTENBERG - defendia os tipógrafos da exploração capitalista, por parte dos patrões;



TIRO PARAHYBANO - órgão da entidade militar;



O CORREIO DA TARDE - diário independente;

1911



NOVENAL - periódico que circulava durante a Festa das Neves;

1912



Reabre o jornal católico “A IMPrensa” após quase dez anos de eclipse; a data exata da reabertura a 15 de agosto de 1912;



TIC- TAC - saía aos domingos;



A LUCTA - semanário humorístico e noticioso, também dominical;

1914



O CHIQUE - folha de existência limitada ao período da Festa da Padroeira da cidade;



A NOTA - jornal de caráter literário, crítico e humorístico, com vida efêmera;

1915



A NOITE - cujo número inaugural saiu a 9 de julho parecia um jornal de festa, pela natureza crítica e humorística, apesar de ser também noticioso. Circulava às segundas e sextas-feiras, à noite, porém, de vida efêmera;



A NOTÍCIA - de vida efêmera. Considerado por José Leal como um dos melhores jornais da “IMPREENSA” paraibana, de grande influência;



DIÁRIO DO ESTADO - circulou até 1919, Órgão do partido Republicano Conservador, nasceu sob os auspícios do senador Walfredo Leal (para dar cobertura ao pleito pela renovação de representação paraibana no Congresso Nacional (Câmara de Deputados e um terço do Senado). Fazia parte da elite intelectual e notabilizou-se pelas célebres polêmicas de natureza política (walfredismo x epitacismo), mantidas com A UNIÃO e O NORTE;



O REBATE - jornal fundado na vila de Santa Rita. Órgão do partido epitacista. Não traz detalhes quanto ao corpo redacional nem tão pouco sobre sua periodicidade;

1916



O PINPOLHO - cujo aparecimento está registrado na edição do jornal Diário do Estado; ressalta que os colaboradores são valiosos elementos intelectuais da Paraíba;



CORREIO DA MANHÃ - Circulou até 1934. Destaca-se pela sua inconstância, um a vez que é digna de nota quanto aos diretores, pois foi o jornal paraibano que mais mudou de direção. Foi vendido, em 32, a Ruy Carneiro em 1934, à altura de suas últimas edições e era tido como áurea folha, não apenas por circular diariamente, mas também por possuir redatores qualificados e bons colunistas;

1917



TRIBUNA - semanário da Associação dos Empregados no Comércio;

1921



O EDUCADOR - órgão de divulgação do professor de primário;

1928



O RIO DE PEIXE- Órgão independente, noticioso e de orientação católica de Cajazeiras

Sobre os periódicos desse período

Um fato interessante pode ser notado com relação à imprensa da Paraíba: muitos **jornais surgiam, depois desaparecendo e ressurgindo em décadas diferentes, muitas vezes dentro da mesma filosofia**, outras, de forma inteiramente oposta. Acontecia também de serem fundados jornais com o título de outros há muito desaparecidos, que tinham sido editados por pessoas completamente diferentes. (ARAÚJO,1983,p.78, grifo nosso)

Exemplificando as colocações de Araújo (1983) aludimos ao jornal católico <<**A Imprensa**>> que foi fundado em 27 de maio de 1897, circulando até 13 de novembro de 1903, ressurgindo no dia 5 de agosto de 1912 com a mesma linha editorial da sua primeira fase.

3.3 A Diocese e Arquidiocese da Paraíba

Em 27 de abril de 1892, pela Bula *Ad Universas Orbis Ecclesias*, do Papa Leão XIII foi criada a Diocese da Paraíba. Em 1893 foi nomeado para bispo da Paraíba Monsenhor José Basílio Pereira, padre da Bahia que, alegando motivo de saúde, não aceitou a nomeação. Segundo Dias (2008, p.98) “por um Breve de 2, de janeiro de 1894, Leão XIII nomeou o cônego Adaucto Miranda Henriques, primeiro Bispo da Paraíba. Dom Adaucto já havia sido convidado pelo Internúncio Jerônimo Gotti, em nome da Santa Fé, para ser o bispo da diocese de Curitiba, mas não aceitou.” Conforme Dias (2008) ao receber o convite para ser Bispo da Paraíba, Dom Adaucto, o recebeu com grande entusiasmo. Então, no dia 4 de março de 1894, foi canonicamente instalada a Diocese da Paraíba com a chegada do seu 1º Bispo, Dom Adaucto Aurélio de Miranda Henriques.

A Fundação da Diocese na Paraíba não foi por acaso. Ela fazia parte da estratégia do Episcopado Brasileiro em ampliar o número das dioceses do Brasil, pois, “a Igreja procurava se reciclar institucionalmente na tentativa de reverter o processo de decadência que o período imperial lhe proporcionara.” (FERREIRA, 1994, p.59). No Período Imperial a Igreja Católica e o Estado, apesar de serem instituições diferentes, estão entrelaçados⁹ no mesmo sistema político-administrativo, econômico, social e outros. Contudo, em 1889, início da República, a Igreja Católica e o Estado se separaram. Na nova conjuntura, “a Igreja buscará uma estruturação diferente e condizente com sua nova condição, separada do Estado” (DIAS, 2008, p.56). Nesse contexto a reestruturação da Igreja Católica, em particular no Brasil, no fim do século XIX e no século XX se dá por meio da política de romanização que teve como articulador Dom Macedo Costa. Sobre isso Dias (2008, p.37) explica que

A história do cristianismo católico no século XIX foi marcada pela ação da Igreja na busca por reformas visando à implementação da Santa Sé e das Igrejas locais, dioceses, da política ultramontana: esforço por uma centralização da Igreja católica na figura do Papa, o bispo de Roma. Essa política de reformas marcadamente romanizante assumida pelos bispos brasileiros é chamada de Romanização.

Nesse sentido Ferreira (1994, p.10-13) ainda expõe que

Consolida-se um novo tipo de catolicismo - o romanizado que no fundo constitui-se numa tentativa da Igreja de uniformizar/unificar os diversos catolicismos coexistentes. [...] a igreja configura-se o momento de afirmação do processo de romanização, ou seja, de europeização do catolicismo através de

⁹ É oportuno ressaltar que a Igreja Católica do Brasil durante o Império, esteve firmemente subordinada ao Estado.

uma política geral do Vaticano, que visava estreitar o vínculo com as Igrejas nacionais, reforçar o sentido da hierarquia católica: papa- bispo- clero, e resgatar a posição de destaque dos sacramentos na prática do catolicismo.

Para implementação da política de romanização no Brasil, o Episcopado Brasileiro planejou estratégias organizacionais e de ação pastoral que

passou a ser a meta dos bispos romanizadores, visando a fortalecer e a estruturar a Instituição frente às ameaças em que se encontravam: ameaça política, ameaça de perda de influência e ameaça de existência. Os princípios do movimento romanizador passaram a nortear as políticas empreendidas para a redefinição institucional e própria organização eclesial, na condição de Igreja separada e autônoma do Estado. As estratégias usadas pelos bispos para promover o fortalecimento da Igreja são classificadas por alguns historiadores da religião em dois grupos: **estratégias organizacionais**, de caráter mais interno como a formação do clero, a renovação dos seminários e o aumento do contingente de religiosos, com a vinda de missionários estrangeiros para o Brasil, e as **estratégias de ação pastoral**, com repercussões mais públicas, atingindo não só os quadros eclesiais. Foram elas: as Cartas Pastorais, as Visitas Pastorais e a Imprensa. (DIAS, 2008, p. 79, grifo nosso)

Como estratégia organizacional tem a expansão do número de dioceses no Brasil, e consequentemente criação da Diocese na Paraíba.

[...] um outro sinal de reforço organizacional e de consolidação da reforma da Igreja no Brasil, via estratégias romanizadoras, foi a criação de novas dioceses. Em 1889, havia apenas uma arquidiocese e onze dioceses no país. Em 1893, Leão XIII criou uma segunda província eclesiástica⁴⁴ com sede no Rio de Janeiro, acrescentando mais quatro novas dioceses. Daí por diante o número das dioceses foi crescendo progressivamente: em 1900 havia 17, em 1910 havia 30, em 1920 havia 58 e, em 1930, as dioceses do Brasil já chegavam a 80. Ou seja, a partir de 1890, com a República (1889), o processo de criação de dioceses foi acelerado, passando de doze dioceses para uma soma de oitenta nas diversas regiões do Brasil. Um aumento real de sessenta e oito dioceses. **A Diocese da Paraíba foi criada em 1892, em pleno movimento de romanização** e afirmação da Igreja na República laica a caminho da modernidade. (DIAS, 2008, p. 92, grifo nosso)

“A Diocese da Paraíba foi instalada dotada de uma estrutura mínima para o seu funcionamento, com apenas os cargos essenciais da administração da Cúria Episcopal: Secretário do Bispado, escrivão da Câmara Eclesiástica, Promotor do Juízo Eclesiástico e Porteiro.” (FERREIRA, 1994, p. 66). Para implantar e consolidar a política de romanização na Paraíba, a Diocese da Paraíba sob a liderança de Dom Adaucto empregou

[...] as estratégias, tanto intereclesiais como extraeclesiais, seguiam a mesma dinâmica das estratégias usadas pelos demais bispos reformadores: comunhão com Roma, unidade com os bispos no Brasil, organização estrutural e pastoral da

Igreja e combate aos “erros da modernidade”. Claro que com os remates, condicionamentos e liberdade de ação que a conjuntura do regime republicano na Paraíba permitiu. (DIAS, 2008, p.92)

Nesse contexto temos as estratégias na “**área administrativa**: a Cúria Episcopal e o Cabido da Catedral; **na área de formação**: o Seminário e os colégios diocesanos e religiosos; e na **área de divulgação** a imprensa periódica. (FERREIRA, 1994, p.76, grifo nosso). Endossando Ferreira (1994) o autor Dias (2008, p.97) menciona que :

A romanização do catolicismo brasileiro ocorreu por meio da implementação de um conjunto de estratégias da Igreja semelhantes em todo o país. Entre essas estratégias, podem-se citar: criação de novas dioceses; abertura e reforma de seminários; construção de palácios episcopais e catedrais; criação da imprensa católica; fundação de colégios; organização financeira e administrativa; visitas pastorais e a orientação das irmandades no que se refere às manifestações da religiosidade popular, visando a uma maior ortodoxia eclesial. As cartas pastorais passaram a ser o veículo das orientações do episcopado reformador. O Papa Leão XIII foi o responsável pela reestruturação da Igreja no Brasil

Em relação à área de divulgação da Diocese da Paraíba, D. Adauto, fundou os jornais <<**A Imprensa**>>, Oito de Setembro e a Voz da Mocidade.

Integrando a política de implantação da Diocese, foram criados, em 1897 dois periódicos para a divulgação doutrinária e noticiosa nas capitais da Paraíba e do Rio Grande do Norte. O primeiro foi lançado em maio, denominado “**A IMPRENSA**”, jornal em formato grande com periodicidade semanal. Circulou, na sua primeira fase, até 1903. O segundo teve seu primeiro número lançado em setembro, sob a denominação Oito de Setembro, em homenagem à natividade de nossa senhora, sendo semanal e em formato pequeno, tipo revista, circulando só até 1902. “**A IMPRENSA**” dispunha também de uma gráfica, que prestava serviços à diocese e à comunidade, inclusive imprimindo jornais de terceiros, como foi o caso de A Verdade e Voz da Mocidade, de jovens católicos, e o republicano O Combate. A Voz da Mocidade era mantido pela sociedade mocidade católica, definindo-se como noticioso, religioso, político, social e literário, com seus lemas estampados como subtítulos: ação, união e sacrifício e deus, pátria e letras. (FERREIRA, 1994, p.74, grifo nosso)

Ressaltamos que a imprensa foi uma estratégia romanizadora relevante no Brasil, pois em várias regiões brasileiras foram fundados jornais e revistas católicos. Além disso, eles tinham o “poder” de representar as doutrinas e as ideologias da Igreja Católica Romana nos locais mais longínquos, oferecendo assim, acesso ao pobre como ao rico.

[...]. Entre 1870 e 1930, circulavam vários jornais católicos como A Boa Nova (Belém do Pará), A tribuna Católica (Fortaleza-Ceará), A União (Recife-PE), A Crônica Religiosa (Salvador-Bahia), O Bom Ladrão (Mariana-Minas Gerais), A

Ordem, O Tabor e Mensageiro do Coração de Jesus (São Paulo), **A Imprensa e Voz da Mocidade (Paraíba)**, O Oito de Setembro e A Ordem (RN) e outros. Os franciscanos fundaram a Revista Vozes e os Redentoristas, o jornal e o almanaque da Aparecida, ampliando a propaganda confessional da doutrina católica.

A proliferação de jornais católicos veio acompanhada de uma tomada de consciência pela hierarquia da importância da imprensa em um meio social permeado de problemas oriundos da transição política, diante dos quais a Igreja precisava posicionar-se e esclarecer para seus fiéis e a sociedade em geral o que ela pensava e queria. A imprensa católica foi, ainda, meio de reivindicação da Igreja de certos direitos como o ensino nas escolas públicas e contribuiu na reorganização e coordenação das forças católicas, segundo os esquemas traçados pelo episcopado desde a pastoral de 1890 e reforçados pelos Congressos Católicos, ocorridos na passagem do XIX ao XX.

Na Pastoral Coletiva de 1915, o episcopado, referindo-se ao jornalismo católico, insistiu na importância de articular as forças para que fosse criada no Brasil a Associação da Boa Imprensa, o que se tornou realidade com a criação do Centro da Boa Imprensa, que tinha por objetivo auxiliar os jornais e revistas católicas. Na década de 1920, a abertura do Centro Dom Vital revigorou a imprensa católica. O Centro iniciou, no Rio de Janeiro, um movimento com intelectuais, resultando em um maior interesse pelas publicações católicas. A Boa Imprensa, como elemento estratégico de viabilização do projeto reformador assumiu, no período de 1890 a 1930, caráter de oposição aos “maus” periódicos. (DIAS, 2008, p.84)

No dia 6 de fevereiro de 1914, pela Bula “*Maius Catholicae Religionis Incrementum*”, do Papa Pio X, a Diocese da Paraíba foi elevada à Arquidiocese e Sede Metropolitana. Em 14 de julho de 1914, Dom Adauto, foi elevado arcebispo da Paraíba (SANTOS; VELÔSO, 2010). Nesse contexto Dias (2008, p.152) cita que

A consolidação da política de romanização na Paraíba pôde ser constatada quando, em 06 de fevereiro de 1914, vinte anos depois de ser sagrado bispo, Dom Adauto recebeu de Roma dois títulos significativos: o de primeiro *Arcebispo Arquidiocese da Paraíba* e o de *Metropolitano* da nova *Província Eclesiástica*, esta inaugurada pela Bula *Maius Catholicae Religionis Incrementum*.

Logo, a criação da Diocese da Paraíba em 27 de abril de 1892 pela Bula *Ad Universas Orbis Ecclesias*, do Papa Leão XIII e canonicamente instalada no dia 4 de março de 1894 com a chegada do seu primeiro Bispo, Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques. Sendo no dia 6 de fevereiro de 1914, pela Bula *Maius Catholicae Religionis Incrementum*, do Papa Pio X, elevada à Arquidiocese e Sede Metropolitana estão inseridas no processo de Romanização e da consolidação da Igreja Católica no Brasil na nova conjuntura política, a República.

3.4 Os Arcebispos da Arquidiocese na Paraíba

Os Arcebispos que foram nomeados no nosso recorte temporal foram: Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques (1914-1935), e Dom Moisés Sizenando Coelho (1935-1959). Ressaltamos que Dom Adauto, no período de (1894-1914) exerceu o bispado e a partir do dia 6 de julho de 1914 foi nomeado o primeiro Arcebispo da Paraíba.



3.4.1 Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques (1914-1935)

Conforme Dias (2008), Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques nasceu em Areia, no Brejo da Paraíba, no dia 30 de agosto de 1855. Seus pais eram o Coronel Idelfonsiano de Miranda Henriques e Laurinda Esmeralda de Sá de Miranda Henriques, proprietários do engenho Buraco no qual “durante o Império, sua família integrava a direção do Partido Liberal no município e como afirma seu biógrafo, o Pe. Francisco Lima, foi filho, neto e bisneto de senhores de engenho, o que deixou marcas profundas na sua personalidade.” (FERREIRA, 1994, p.63)

Até oito anos de idade foi alfabetizado, por sua mãe. Ao ler a biografia de Frei Caetano de Messina, missionário capuchinho; aos dez anos, foi despertado para a vocação sacerdotal “Quando passou a frequentar a escola primária de Areia, tendo como colegas de sala Álvaro Machado e João Machado, futuros presidentes da Província da Paraíba, e Walfredo Leal, que se tornou monsenhor e vice-presidente da Província.” (DIAS, 2008, p.98). Com 17 anos de idade iniciou, em Areia, os seus estudos em latim visando ao sacerdócio. Nesse contexto Ferreira (1994, p.64) expõe que

[...] estudou até os dezenove anos em Areia, quando partiu para a Europa. Fez o Curso de Humanidades no Seminário de S. Sulpício, Issy em Paris (1875/76), o Curso Superior em Teologia e o doutorado em Direito Canônico no Colégio Pio Latino-Americano, em Roma (1877/82). [...] Ordenou-se presbítero em 1880. Ao retornar ao Brasil, em 1882. Ingressou como professor no Seminário de Olinda, onde permaneceu até 1894, quando assumiu o bispado da Paraíba. Sua sagração

episcopal ocorreu na capela do Colégio Pio Latino-Americano, em Roma, em 7 de janeiro de 1894, e a posse, na Paraíba, em 4 de março do mesmo ano.

Em relação a volta de Dom Adauto ao Brasil, Dias (2008,p.99) acrescenta:

[...] voltou para o Brasil em 1882, sendo nomeado professor de Filosofia, Retórica, Francês e Direito Canônico no Seminário de Olinda. Por indicação de Dom José Pereira, bispo de Olinda, Dom Adauto recebeu o *placet* de Dom Pedro II, tornando-se Cônego do Cabido diocesano e foi designado Diretor Espiritual do Seminário e Capelão do Orfanato de Santa Teresa.

Vale ressaltar que Segundo os autores Dias (2008) e Ferreira (1994) o Seminário de Olinda não estava funcionando, por isso, Dom Adauto, e outros seminaristas foram estudar na Europa. A formação européia de Dom Adauto foi exaltada por Dom Carlos Coelho, que “mostrou o sentido que teve sua formação nos moldes europeus e o que significou essa formação para a nova diocese da Paraíba” (DIAS,2008,p.100). A posse de Dom Adauto na nova diocese foi mencionada por “alguns Jornais da capital que noticiaram com detalhes sua chegada e a solenidade de posse [...]. Essas descrições enfatizam a boa acolhida que teve o Bispo ao chegar à Paraíba, ressaltando a integração das classes sociais nas homenagens.”(FERREIRA,1994,p.66)

O lema de Dom Adauto era *Iter para Tutum* - Prepara o Caminho Seguro. (ARQUIDICIOSE,2010) no qual

[...] pinçado de uma das estrofes do hino mariano Ave Maris Stella, composto no século IX, que bem traduz sua consciência de precursor, de desbravador, com a missão de reconstruir e restaurar o prestígio da Igreja paraibana e patrocinar a moral católica, esgarçada pelo relaxamento da disciplina eclesiástica. Severo, de costumes austeros, vigilante, persistente, venceu resistências, consolidou sua autoridade com a força de sua conduta irrepreensível, inspirou confiança e, acima de tudo, formou e selecionou uma plêiade admirável de sacerdotes sábios e santos, tornando o Clero da Paraíba um celeiro de Bispos.(PROJETO, 2010)

Dom Adauto “foi bispo e arcebispo, durante o período de 1894-1935 [...] faleceu em 15 de agosto de 1935, na capital da Paraíba, e está sepultado na Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves”(SANTOS;VELÓSO,p.40,2010).

Em relação a morte de Dom Adauto no dia 16 de agosto de 1935 o jornal <<A Imprensa>> na matéria intitulada *De luto, a Paraíba Católica! Faleceu ontem, às vésperas dos seus 80*

anos, a maior figura da Igreja na Paraíba, o seu primeiro bispo e arcebispo, o exmo. e revdmo. sr. dom Adaucto Aurelio de Miranda Henriques registra que

A Paraíba Católica transita de dor, assistiu ontem, o desaparecimento do seu grande Arcebispo incompatível figura de chefe que durante quase meio século iluminou os nossos destinos espirituais com os fulgores de uma vocação de apóstolo e de guia. DOM ADAUTO AURELIO DE MIRANDA HENRIQUES – Morre o ínclito e venerando apóstolo às vésperas dos seus 80 anos de idade dos quais 41 foram todos entregues aos afanosos deveres do munus pastoral na terra do seu berço [...].

A linha sacerdotal de Dom Adaucto pode ser entendida de acordo com o quadro 2

	Local	Data
Ordenação Presbiteral	Loreto - Itália	18 de setembro de 1880
Nomeação Bispal		2 de janeiro de 1894
Ordenação Bispal	Roma - Itália	7 de janeiro de 1894
Arcebispo:		14 de julho de 1914

Quadro 2 – Arcebispo da Paraíba: Dom Adaucto Aurélio de Miranda Henriques (1914-1935).

Dados da Pesquisa: Quadro adaptado da Arquidiocese da Paraíba. Disponível em: <<http://www.arquidiocesepb.org.br/>>. Acesso em 24/05/2010

As atividades exercidas por Dom Adaucto Aurélio de Miranda Henriques¹⁰ foram



Professor do Seminário de Olinda;

Coadjutor do Cabido Diocesano;

Diretor Espiritual do Seminário de Olinda;

Capelão do Orfanato de Santa Tereza - PE.

¹⁰ As datas das atividades exercidas por Dom Adaucto não foram registradas na pesquisa por falta de subsídio.



3.4.2 Dom Moisés Sizenando Coelho (1935-1959)

Dom Moisés Sizenando Coelho nasceu no dia 08 de abril de 1877, no sítio Riachuelo, município de Cajazeiras, Estado da Paraíba. Seus pais eram: Capitão Raimundo Coelho e Maria da Circuncisão Coelho. (SANTOS;VELÔSO, 2010). O pai de Dom Moises “foi político do Partido Liberal e administrou Cajazeiras como Presidente do Conselho Municipal, no período de 1880 a 1884” (TAVARES,1974,p.26). A respeito da infância de Dom Moisés pouco se sabe, apenas que teve uma rígida educação de seus pais, e,

[...] orientado pelos exemplos do virtuoso parente por Padre Rolim, sentiu, desde de cedo, a inclinação para o ministério sacerdotal. Após a Primeira Comunhão que recebeu das mãos do Padre Mestre, concluiu o primeiro curso, seguindo com a idade de 16 anos ao encontro do irmão Padre Sabino Coelho, então Vigário de São Lourenço da Mata (Pernambuco), com quem iniciou seus estudos de Latim. Em maio de 1894, matricula-se no Seminário de Olinda para, dois meses depois, transferir-se para o Seminário da Paraíba que Dom Adauto fundara e cuja direção confiara ao mesmo Padre Sabino. (TAVARES,1974, p. 26).

No dia 1 de novembro de 1901 na Catedral Nossa Senhora das Neves foi ordenado presbítero pelo bispo Dom Adauto. Nesse contexto,Tavares (1974,p.17) alude que tornou-se “sucessor daquele de cujas mãos recebera, 34 anos antes, a unção sacerdotal.” No dia 16 de novembro de 1914 foi nomeado Bispo de Cajazeiras e ordenado em 02 de maio de 1915, na Catedral de Nossa Senhora das Neves, na capital da Paraíba, “sendo *sagrange* o Revmo. e Exmo. Sr. Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques e consagrantes os Exmos. Srs. Dom Santino Maria da Silva Coutinho, Arcebispo do Pará e Dom José Tomaz Gomes da Silva, Bispo da Diocese de Aracajú”. (SANTOS;VELÔSO,p.41,2010).

No ano de 1932 tomou posse como Arcebispo Titular de Barea e Coadjutor do Arcebispo da Paraíba no qual Trindade (2004,p.72) expõe que

Aos 12 de fevereiro do ano de 1932, viu-se transferido como Coadjutor do Arcebispo, em João Pessoa, com direito à sucessão. Desta forma, ante o falecimento de Dom Adauto, passou de imediato a ser o segundo Arcebispo da Paraíba, a partir mesmo de 15 de agosto de 1935, data de falecimento do antecessor.

Em 18 de abril de 1959 faleceu em João Pessoa e está sepultado na Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves. (SANTOS;VELÔSO,2010).A propósito da morte de Dom Moisés Tavares (1974, p.67)descreve-se que

Sentindo mingüarem-se-lhe as forças, recorreu a Santa Sé pedindo um Bispo Auxiliar para ajudá-lo a carregar a cruz que aceitou, mas cujo o fardo estava já por demais pesado. Pio XII o atendeu, escolhendo [...] Mons. Manuel Pereira da Costa [...] dividiu consigo os trabalhos, mas mesmo assim, algum tempo depois, o Arcebispo ficou sem condições de dirigir, ao aparecerem –lhe os primeiros sintomas de arteriosclerose. Nessa emergência, o Bispo Auxiliar foi autorizado a gerir os negócios da Arquidiocese, desde que D. Moises, encontrava-se já então sem lucidez completa, quase desmemoriado. O agravamento de seus males prenunciava o fim que estava próximo e que chegou a 18 de abril de 1959, quando assistido por seu incansável Cirineu e alguns sacerdotes, expirou placidamente no Senhor. Oito dias atrás completara 82 anos de idade contando ainda 58 de Padre, 44 de Bispo, 27 de Arcebispo e 24 de Governo Arquidiocesano. [...]

O lema episcopal de Dom Moisés Coelho é a expressão encontrada no primeiro versículo do Salmo 26 *Dominus Illuminatio Mea*- O Senhor é Minha Luz. “ Tal escolha revela seu encontro constante com Deus na intimidade de si mesmo, reconhecendo-o como sua luz e salvação. ” (PROJETO,2010).

A linha sacerdotal de Dom Moisés pode ser entendida de acordo com o quadro 3abaixo

	Local	Data
Ordenação Presbiteral	João Pessoa	1 de novembro de 1901
Nomeação Bispal		16 de novembro de 1914
Ordenação Bispal	João Pessoa	2 de maio de 1915
Arcebispo		12 de fevereiro de 1932
Posse como Arcebispo na Paraíba		15 de agosto de 1935

Quadro 3 – Arcebispo da Paraíba: Dom Moises Sizenando Coelho(1935-1959)

Dados da Pesquisa:Quadro adaptado da Arquidiocese da Paraíba. Disponível em: <<http://www.arquidiocesepb.org.br/>>. Acesso em 24/05/2010

Atividades exercidas porDom Moisés Sizenando Coelho são:



Capelão do Colégio Nossa Senhora da Conceição, em Natal (1902-1903);

Vice-Diretor do Colégio Santo Antônio e Coadjutor de Vigário, em Natal (1903);

- † Vigário em Ceará-Mirim (1904);
- † Diretor do Colégio Pio X da Paraíba (1907);
- † Diretor Espiritual do Seminário da Paraíba (1905-1914);
- † Professor do Seminário da Paraíba nas cadeiras de Latim, Liturgia, Pastoral e Direito Canônico (1905-1914);
- † Bispo da Diocese de Cajazeiras -PB (1914-1932);
- † Arcebispo Titular de Barea e Coadjutor do Arcebispo da Paraíba (1932-1935).

De acordo com o exposto acima a linha cronológica dos Arcebispos da Paraíba podem ser visualizados no quadro 4 abaixo:

	Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques Estudos: <i>Filosofia</i> - Seminário de São Sulpício, em Issy - Paris - França <i>Teologia</i> - Colégio Pio Latino Americano - Roma - Itália	Nascimento: 30 de agosto de 1855 Local: Areia - PB Falecimento: 15 de agosto de 1935	† Lema: <i>Iter para Tutum</i> Prepara o Caminho Seguro!
	Dom Moisés Sizenando Coelho Estudos: <i>Filosofia</i> - Seminário da Paraíba - PB <i>Teologia</i> - Seminário da Paraíba - PB	Nascimento: 8 de abril de 1877 Local: Cajazeiras - PB Falecimento: 18 de abril de 1959	† Lema: <i>Dominus illuminatio Mea</i> O Senhor é Minha Luz!

Quadro 4– Arcebispos da Paraíba: (1912 a 1942)

Dados da Pesquisa:Quadro adaptado da Arquidiocese da Paraíba. Disponível em: <<http://www.arquidiocesepb.org.br/>>. Acesso em 24/05/2010

4 O JORNAL <<A Imprensa>>

[...] E dever de todos os catholicos sustentar, conforme suas posses, a bôa imprensa, avigorar,na medida de suas forças, o jornalismo catlhólico. A cruzada moderna não é já como a da meia idade, mas doutra espécie: é o apostalado da imprensa. (HENRIQUES,1918, p.7)

“A existência da imprensa não se dá por acaso. Ela pressupõe condições culturais bem marcadas e, sobretudo, um certo grau de deslanche das forças produtivas” (MARTINS,1978, p.11). Parafraseando o escritor e o historiador José Octávio de Arruda Mello que prefaciou o livro *A tipografia do Beco da Misericórdia: apontamentos históricos* do autor Eduardo Martins publicado no ano de 1978 o jornal <<A Imprensa>> desde sua fundação em 27 de maio de 1897 e o seu encerramento na semana compreendida entre 31 de dezembro de 1967 a 19 de janeiro de 1968, não foi por acaso que ele estava inserido no contexto religioso, político, social e cultural da sociedade paraibana.

No contexto religioso o jornal era uma ferramenta estratégica para integrar o processo de implantação da Diocese romanizada na Paraíba no qual estabeleceu relações políticas com as oligarquias locais. No âmbito social e cultural combatia as conjunturas existentes na sociedade paraibana influenciando-as nos dogmas católicos. Hoje, o Jornal <<A Imprensa>> não está inserido nas condições culturais, sociais, políticas e religiosas da sociedade paraibana, contudo, devemos concordar com a vizinhança do poema *Jornal, longe* da autora Cecília Meireles?

[...], com telegramas, notícias,
anúncios, fotografias, opiniões...?

*Caem as folhas secas sobre os longos relatos de guerra:
e o sol empalidece suas letras infinitas.*

*Que faremos destes jornais, longe do mundo e dos homens?
Este recado de loucura perde o sentido entre a terra e o céu.*

*De dia, lemos na flor que nasce e na abelha que voa;
de noite, nas grandes estrelas, e no aroma do campo serenado.*

*Aqui, toda a vizinhança proclama convicta:
"Os jornais servem para fazer embrulhos".*

E é uma das raras vezes em que todos estão de acordo.

Cecília Meireles

Não! Não concordamos com a vizinhança que aproveita o jornal para embrulhar seus objetos; e sim, o empregaremos, em especial, o jornal <<**A Imprensa**>> com suas folhas empalidecidas e de letras infinitas para reconstruir as práticas editoriais enquanto práticas culturais da Paraíba no período de 1912 a 1942 .

4.1 O jornal <<**A Imprensa**>> (1912 a 1942): retornou às páginas da história

estamos perfeitamente conscientes que a <<Imprensa>> desde o primeiro dia de sua existência até a presente época tem seguido a risca o seu programma.

Doutrinar o povo e defender a religião dos assaltos dos *espíritos fortes* que a todo transe pretendem fazer de nossa pátria um país de bárbaros – tal é o nosso feito
(A IMPRENSA, 30 de junho de 1901)

São poucos os escritores que narraram o histórico do jornal <<**A Imprensa**>>. Isso pode ser justificado pelo fato de que o tema relevante seja a história da imprensa na Paraíba, e não, a de um jornal em particular. Contudo, a autora Fátima de Araújo nos seus livros intitulados *História e ideologia da imprensa na Paraíba: dados históricos e técnicos* (1983) e *Paraíba: Imprensa e Vida: jornalismo impresso* (1986); a historiadora Laudereida Eliana Marques Moraes na sua pesquisa denominada *Breve histórico do jornal A IMPRENSA* (1994); a tese *Igreja e romanização: a implantação da Diocese da Paraíba 1894/1910* da historiadora e pesquisadora Lucia de Fátima Guerra Ferreira e o ex-diretor-chefe do jornal <<**A Imprensa**>> Odilon Pedroso com seu livro intitulado *Escritos de Ontem* nos oferece pistas para reconstituirmos sinteticamente essa história fragmentada em dois períodos. O primeiro, a fase de circulação (1897-1903) e a segunda (1912 - 1968). Sendo assim, após 70 anos do surgimento do primeiro jornal oficial da Paraíba, a Gazeta

do Governo da Paraíba do Norte nasce <<**A Imprensa**>> em 27 de maio de 1897, “órgão hebdomadario, doutrinario e noticioso” fundado por Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, primeiro bispo e arcebispo da Paraíba.

Fátima de Araújo (1986) menciona que o primeiro redator chefe de <<**A Imprensa**>> foi o padre José Thomás Gomes da Silva, que trabalhava em conjunto com outro religioso Manoel Antonio Paiva. A redação do jornal tinha à disposição vários padres, além de colaboradores frequentes e vigários que contavam com o espaço no jornal para divulgar o seu trabalho paroquial. Contudo, tinham obrigatoriamente de fazer a assinatura do jornal além de encarregarem-se de sua divulgação na paróquia (FERREIRA, 1994).

A pesquisadora e historiadora Ferreira (1994, p.165) destaca que além de colaborar como jornalismo católico “alguns padres escreviam também em outros periódicos que não tinham uma linha declaradamente anticlerical”. Conforme <<**A Imprensa**>> de 08 de março de 1903, além dos colaboradores e vigários, a redação do jornal possuía correspondentes distribuídos em 15 centros municipais. Esses correspondentes eram constituídos de padres, cônegos, coronéis, professores, majores, capitães e promotores engajados na produção literária do jornal que, segundo Barbosa (2007, p.30, grifo nosso), “o termo literário, quando associado a um jornal, está sempre relacionado a outras palavras. São de caráter Político, Literário e Crítico, ou Político, Literário e Comercial, Literário, Recreativo e **Noticioso**”.

Em relação à manutenção do jornal Ferreira (1994, p.249, grifo nosso) expõe que:

Para a manutenção da imprensa católica bem como para o aniquilamento da má imprensa era fundamental a colaboração do clero e dos fiéis através dos mais diversos meios, tais como a divulgação de resenhas de bons livros, a criação de bibliotecas, a valorização da imprensa católica através de assinaturas de jornais e revistas ou ainda a colaboração financeira por parte dos mais abastados. **Apelos eram feitos com veemência**

Exemplificando os apelos que eram feitos quanto à manutenção do jornal <<**A Imprensa**>> apresentamos Dom Adauto no qual ele cita que

[...] gostaríamos criminosamente com as assignaturas de mãos jornaes, com cinemas ruins e romances estruidos e de todo imprestaveis, reservemol-o á boa imprensa, assignando jornaes catholicos, comprando bons livros que são outros tantos fieis do dia da bôa imprensa nesta Archidiocese; reservemo-o, repetimos, ao jornal catholico, a nossa << **A Imprensa** >>, que tanto bem há já feito, e que esperamos vel-a, em breve diária para fazer assim ao nosso caro Estado, maior somma de bens.[...] façam exhortações ao povo afim de que concorram, com o seu obulo, para a manutenção da << **A Imprensa** >>, [...] para multiplicar o bem que vae fazendo. (HENRIQUES, 1918, p.8 e 21, grifo nosso)

Entretanto, a manutenção do jornal passa por uma crise financeira, e, na busca de resolver o problema foi criada a figura do agente encarregado da divulgação e venda de assinaturas semestrais e anuais, nas diversas paróquias da Diocese. Podia ser o próprio vigário ou pessoa por ele indicada tendo como pagamento certa percentagem sobre as assinaturas vendidas, além do direito a uma assinatura gratuita. Esse esquema deu certo, inicialmente, levando até ao aumento da tiragem, mas, em seguida, as assinaturas foram deixadas de ser renovadas inviabilizando a manutenção do jornal e, conseqüentemente, seu fechamento.(FERREIRA,1994)

O fechamento do jornal ocorreu em 13 de novembro de 1903, após seis anos de atividade jornalística. Porém, “Imprensa ao longo de sua duração interrompeu sua circulação diversas vezes. O período mais longo foi de 1903 a 1912 sendo esta lacuna explicada com falta de recursos financeiros para sua manutenção”. (MORAES,1994,p.2)

Em 5 de agosto de 1912, voltou a circular como “ Bi-Semanário Católico e Órgão oficial Diocesano, munido de um prelo a vapor, tendo nesta fase o Mons. Manoel Antonio Paiva, como redator chefe, e o Pe. João Ireneo Joffily¹¹, como redator.”(MORAES,1994,p.3)

No editorial de 15 de Agosto de 1912 o jornal registra que

[...] Vencidas muitas dificuldades que, entre nós, se acastellam toda vez que se trata da criação de um jornal alheio a partidos políticos, **reaparece a “Imprensa” sem prurido de novidades para continuar o seu modesto curso, enterrompido ha alguns anos por motivos justificaveis.** [...] (A IMPRENSA, 15 de Agosto de 1912, grifo nosso)

Sendo assim, após nove anos sem circulação o jornal <<A Imprensa>> reaparece justificando o seu fechamento apenas por motivos justos. Durante a década de 20 e princípios dos anos 30 ele possuía “grande aceitação por parte da opinião pública. [...] A Imprensa trazia um noticiário variado e bastante técnico para a época. Fazia a cobertura de todo o Estado, alcançando também outros recantos do país.” (ARAÚJO,1986,p.42)

No dia 26 de agosto de 1931 o jornal esclarece aos leitores que “tendo este jornal de passar à direção e responsabilidade dos <<Moços Catolicos >> deixará de circular de hoje até o dia 7 de setembro quando recomeçará a sua publicação como diário.”Nesse contexto o jornal

reabre no dia “ 7 de setembro de 1931 e tornava-se o bi-semanário da Arquidiocese, em diário, sob a orientação da União de Moços Católicos, sendo o seu diretor o dr. Francisco

¹¹Segundo FERREIRA, Lucia de Fátima Guerra (Org.). **Catálogo dos processos de ordenação** . João Pessoa: Arquidiocese da Paraíba/NDIHR,1992 . João Irenêo Joffily e filho de Irenêo Ceciliano Pereira Joffily e Rachel Olegaria de Torres Joffily.

Lianza logo substituído pelo dr. Mauro Coelho que o dirigiu até 15 de agosto de 1933” (A IMPRENSA, 27 de Maio de 1942). Na gestão de Mauro Coelho houve amodernização do parque gráfico com aquisição de uma máquina de composição Linotipo, porém, devido a forte oposição do Cônego Matias Freire, por meio do jornal *Correio da Manhã* no qual publicou uma série de artigos agredindo-o, Mauro Coelho, resolveu pedir demissão da direção do jornal em carta dirigida ao arcebispo Dom Adauto. Terminava assim, a única fase que o jornal ficou sem a direção eclesiástica. (MORAES, 1994).

João Pessoa, 17 de agosto de 1933

Exmo. e Revdmo. Sr. Arcebispo Metropolitano

O diretor de A IMPRENSA vem, entregar definitivamente e irrevogavelmente a direção desse jornal nas mãos prudentes e sábias de V. Excia. Revdma.

Este seu gesto é fácil de se compreender: o cônego Matias Freire vem de há muito nas colunas do seu jornal o CORREIO DA MANHÃ, sem o menor motivo, provocando e atacando A IMPRENSA e seus dirigentes. Fomos chamados de mentirosos, de escandalosos, tarados, etc. Nenhuma providência foi tomada para se evitar esse desedificante espetáculo. Aos primeiros insultos A IMPRENSA não revidou; veio a repetição, a insistência, ao mesmo tempo que o CORREIO DA MANHÃ, tomava uma feição de literatura de cordel, publicando versinho e outros trabalhos livres.

Foi quando, sem referir-se a pessoas, A IMPRENSA lamentou que um jornal dirigido por um católico, como o CORREIO DA MANHÃ, estivesse a publicar coisas que não podiam ser lidas em casa de família.

Isto motivou a estúpida série de injúrias publicadas hoje naquele jornal contra o diretor de A IMPRENSA.

Não queremos pelas colunas de um jornal que é da propriedade da Arquidiocese responder no mesmo escalão a um homem que apesar de todos os seus desvios é um sacerdote em uso de ordens. A única saída com dignidade e sem quebra da disciplina de católico que se nos oferece é esta que tomamos da entrega da direção de “A IMPRENSA.”

Com a saída de Mauro Coelho, Dom Adauto nomeou o padre Carlos Coelho que “[...] continuou a modernização do seu parque gráfico, iniciado pelo irmão, com aquisição de outras máquinas de composição Linotipo e de impressora Rotoplana.” (MORAES, 1994, p.4). Além disso, na gestão do padre Carlos Coelho <<A Imprensa>> passou a servir ainda mais a coletividade. (ARAÚJO, 1986). A direção de Carlos Coelho vai até 1942, quando o jornal foi fechado pelo Interventor Rui Carneiro. Conforme Moraes (1994, p.4) “se constituiu em um dos raros momentos que a Igreja se desentendeu com o Governo Estadual.”

Na edição de 27 de Maio de 1942 na Seção de Educação, o jornal publicou quatro matérias:

1. Novo professor para o colégio Paraibano;
2. Extinguiu-se a Escola Doméstica;
3. Espera-se para breve a reforma dos cursos normais;
4. Fechou-se o Colégio Leão XIII de Catolé do Rocha.

As matérias sobre a Escola Doméstica eo Colégio Leão XIII de Catolé do Rocha foram as que o Interventor Rui Carneiro entendeu como sendo “[...] um comentário tendencioso à sua administração [...]” (PEDROSO,1983,p.10). Os conteúdos das matérias transcrevemos na íntegra:

EXTINGUIU-SEA ESCOLA DOMÉSTICA	
Foi com tristeza que a sociedade paraibana recebeu ontem noticia do fechamento da ESCOLA DOMESTICA DA PARAÍBA, iniciativa da professora Maria das Dores Muniz . Iniciada no começo do ano, a Escola Domestica fecha as suas portas por deficiências econômicas. Instalada e organizada pelo senso pratico da professora Maria das	Dores Muniz provecta educadora pernambucana, a nossa Escola Domestica estava realizando na Paraíba uma grande obra sócio-educativa . Pela carencia de meios econômicos, oriva-se assim a nossa terra de um estabelecimento de real eficiencia educativa . (Edição de 29-05- 1492)
FECHOU- SE O COLÉGIO LEÃO XIII DE CATOLÉ DO ROCHA	
Em face da dolorosa situação criada pela sêca em Catolé do Rocha, O Colegio Leão XIII que estava sob o regime de inspeção preliminar, teve de fechar-se temporariamente.	Dirigido pelo padre Americo Sergio Maia, o colegio Leão XIII gozava de merecido conceito no sertão paraibano . (Edição de 29-05-1942)

No dia 30 de maio de 1942 o Governo do Estado por meio do jornal *A União*, órgão oficial do Estado, contrapõe as matérias sobre a Escola Doméstica e o Colégio Leão XIII de Catolé do Rocha publicadas pelo jornal <<**A Imprensa**>> na qual transcrevemos na íntegra o teor da edição.

A UNIÃO

As iniciativas educacionais têm merecido do atual governo o apoio compatível com a situação financeira do Estado que tem acudido com auxílios a vários estabelecimentos de ensino particular, sem excluir mesmo os de educação secundária do interior.

“A Imprensa” noticiou ontem o fechamento do Colégio Leão XIII de Catolé do Rocha a pretexto das dificuldades sobrevindas com a seca que antegiu aquele município. Anunciou também aquele matutino o encerramento do curso mantido pela Escola Doméstica desta capital fundada em janeiro deste ano pela professora Maria das Dores Muniz. Esqueceu, porém, o sutil relator de “A Imprensa” de explicar ao público que, há menos de dois meses, o Colégio Leão XIII, de Catolé do Rocha, recebeu do Estado por intermédio da Secretaria do Interior, o auxílio de seis contos de réis autorizado pelo interventor Rui Carneiro por solicitação do padre Américo Sérgio Maia diretor do mesmo estabelecimento. É lamentável que a resolução de suspender o funcionamento desse colégio não tenha sido francamente manifestado antes do pedido do auxílio tão insistentemente feito ao governo.

Quanto à Escola Doméstica a sua diretoria esteve há cerca de dois dias em Palácio, pleiteando ao sr. Interventor um amparo a essa movel instituição. E o Chefe do Governo em vez de uma negativa formal, prometeu examinar com benevolência o assunto.

É certo que, nas condições atuais do Tesouro, não será possível alargar a assistência financeira do Estado, além de iniciativas de real alcance social. O próprio diretor de “A Imprensa” tem o testemunho da generosidade do Governo, amparando o progresso material de certos empreendimentos privados, com reflexos e utilidade pública. Com boa memória alguns jornalistas conterrâneos poderiam adotar atitude mais discreta em harmonia com o decoro do ofício.

A administração atual não corteja a popularidade de com favores. Ampara o ensino particular quando organizado em condições técnicas, por uma exata compreensão das suas finalidades.

Si de certo angulo do jornalismo paraibano surge, vez por outra, algum comentario menos justo, embora dissimulado, é que não tem sido possível, a todo momento, atender aos apelos do próprio comentarista, no sentido de um apoio financeiro mais volumoso ao jornal que distila insinuações cavilosas em termos de evangélica ingenuidade.

(Edição de 30-05-1942)

Em réplica a matéria do jornal *A União*, o jornal <<**A Imprensa**>>, publicou no dia 31 de maio de 1942 o artigo de *A União* [Edição de 30-05-1942] e ao lado as matérias publicadas pelo jornal dos dias 29 e 30 de maio de 1942

A ESCOLA DOMESTICA VAI CONTINUAR - O INTERVENTOR FEDERAL AUXILIARA A NOVA INSTITUIÇÃO

Noticiamos ontem que se ia fechar Escola Domestica da Paraíba dirigida pela distinta professora pernambucana Maria das Dores Muniz por motivos e ordem economica.

A extinção da Escola Domestica que há cinco meses vem funcionando com os melhores resultados despertou um sentimento geral de consternação por parte de nossas famílias

O interventor Federal dr Rui Carneiro ao tornar conhecimento de que a Escola Domestica ia fechar por deficiência economica determinou que fosse prestada áquele estabelecimento toda a assistência de que ela vem a necessitar conquanto que a Paraíba não venha a se privar de uma escola de formação domestica da altura desta que a benemerita prof^a Maria das Dores Muniz vem realizando na Paraíba .

O gesto do sr .Interventor Federal ecoou simpaticamente no seio da sociedade paraibana merecendo os mais francos aplausos

Assim com o auxilio do Estado, a Escola Domestica continuará com os seus cursos especializados e elementares.

Ontem à tarde esteve em nossa redação uma comissão de alunas da escola domestica quenos veio comunicar o prosseguimento daquele estabecimento .

(Edição de 30-5-1942)

Na mesma edição [31 de maio de 1942] o jornal <<**A Imprensa**>>em comemoração ao 45º aniversário de fundação do jornal em artigo denominado *Mais um Pouco da Historia de Casa*“dava conta das contribuições que de toda a Paraíba cristã, independente de critério político, recebeu o jornal católico para última reforma [...] em novembro do ano passado.” (PEDROSO,1983,p.11). O artigo apresenta o seguinte teor:

MAIS UM POUCO DA HISTORIA DE CASA

Ocorrendo há poucos dias, o 45º aniversário da fundação da A IMPRENSA, publicamos um pouco de nossa história de casa, hoje julgamos oportuno divulgar algumas notas sobre a última reforma por que passou a nossa folha em novembro passado.

A IMPRENSA, jornal de propriedade da Arquidiocese é um patrimônio da Paraíba para cuja formação ocorreu nestes 45 anos, a cooperação de todos os paraibanos, sem distinção de situação política e sentido partidário.

Para a sua reforma no ano passado concorreram ao seu apelo num edificante testemunho de compreensão, pessoas de todos os matizes sociais. É que acima de qualquer situação política mais ou menos transitória, A IMPRENSA se coloca servindo a coletividade. Aqui todos dentro das restrições que as normas legais estabelecem, encontram a acolhida.

Só assim se explica esta sinergia de esforços vindos de todos os quadrantes políticos da Paraíba. A reforma que a A IMPRENSA realizou subiu a algumas centenas de contos de réis. Conseguiu para auxiliar as despesas iniciais a cooperação de vários paraibanos no valor de 38:400\$000 Damos abaixo a relação dos contribuições recebidas [...].

Além dessas ofertas recebemos a cooperação da firma J. Barros & Cia. Que nos vendeu o material elétrico com o abatimento de 30 % . E o do dr. Heretário Zenaide que nos ofereceu estanho, um gesto que muito nos penhorou.

Somos imensamente gratos a quantos auxiliaram a dar a Paraíba um jornal à altura das necessidades da nossa terra.

Como veem os nossos leitores, a cooperação que decidiu A IMPRENSA representa o alto conceito que desfruta a nossa folha no meio paraibano.

A contribuição do Estado para esses melhoramentos com reflexo de utilidade pública confirma a tradição que sempre mantiveram os governos paraibanos de auxiliarem a toda iniciativa de caráter social e que signifique progresso para o Estado. Longe de valer por um favor pessoal a quem o solicita, ele representa uma contribuição, clara e sem favoritismo, a uma organização de utilidade pública, feita com dinheiro do Estado que deve ser revertido em favor da comunidade de onde ele foi arrecadado. Concretizada a reforma do jornal. A IMPRENSA não recebeu nem solicitou nenhuma contribuição mais nem do Estado nem de particulares. Empresa organizada está vivendo, modesta mas honestamente das rendas ordinárias de assinaturas e publicidade. Aliás os processos do jornalismo “facadista” nunca de coadunam com as normas de moralidade que mantêm os homens de bem mesmo os que não têm a ingenuidade evangelica.

Apesar de todos os esforços do padre Carlos Coêlho em esclarecer as matérias sob Escola Doméstica e o Colégio Leão XIII de Catolé do Rocha publicadas na Seção de Educação, o governador, Ruy Carneiro no dia 1º de junho de 1942, às 23 horas e 30 minutos empastelou o jornal. Como diretor do jornal, o padre Carlos Coêlho, escreveu um memorial ao Presidente e demais Membros do Conselho Nacional de Imprensa explicando os acontecimentos que levaram ao fechamento do jornal. Esse memorial foi editado por Odilon Pedroso no seu livro *Escritos de Ontem*:

[...] Em sua edição de 29 de maio último, na seção dedicada a Educação, entre outras notícias, publicou A IMPRENSA, que a instituição particular “Escola Domestica da Paraíba ia fechar as suas portas por deficiência econômica” e ainda que “em face da dolorosa situação criada pela seca em Catolé do Rocha, O Colégio Leão XIII, que estava sob regime de inspeção preliminar, teve de fechar temporariamente”. As notas se referiam a duas instituições particulares: eram FATOS verificados; não foram feitos quaisquer comentários; o poder público era completamente alheio às causas do fechamento dessas escolas, e as causas foram expressamente nomeadas: “deficiência econômica e a seca do nordeste. [...] Não era a primeira vez e nem será provavelmente a última que um Colégio sertanejo cerra as suas portas diante de uma seca que impossibilita aos pais atingidos pelo flagelo, de manter seus filhos em Colégios particulares, não gratuitos. Não entendeu assim, porém, o governo do Sr. Interventor Federal, e insinuando não sei por que espírito maldoso, entendeu ver naquelas simples notícias de fatos, um comentário tendencioso à sua administração. Como se o governo pudesse ser responsabilizado pela seca ou pelas finanças mal arranjadas de uma instituição particular. É difícil imaginar que um homem de senso seja capaz de um pretexto, qualquer que fosse ele, para justificar uma violência. Foi bem o que sucedeu. [...] às 23 horas e 30 minutos de 1º do corrente, o Sr. Chefe de Polícia, capitão Mário Solon, acompanhado do delegado de polícia, Bel. Ivaldo Falconi e do Inspetor de veículos Sr. Diogenes Chianca, e mais dois investigadores, que ficaram à porta de A IMPRENSA e declarou, sem explicar motivos, que o jornal estava fechado. Ao pedido do diretor de A IMPRENSA de documentar por escrito a ordem, deu a sua palavra o Sr. Chefe de Polícia, que no dia seguinte providenciaria que nas oficinas e na redação permanecesse um só redator ou operário, e assistiram ao fechamento da porta do jornal. Após a sua saída de A IMPRENSA, o Sr. Chefe de Polícia dirigiu ao telégrafo e proibiu severamente aos telegrafistas de plantão a transmissão de qualquer notícia sobre o caso, adiantando que toda correspondência de A IMPRENSA, deveria ser remetida, ao Palácio do Governo para exame.

Três dias após, o Secretário do Interior, Bel. Samuel Duarte, mandou chamar o Monsenhor Odilon Coutinho, vigário geral da Arquidiocese da Paraíba, a quem declarou que o governo ia permitir que a A IMPRENSA voltasse à circulação, acrescentando, porém, de agora por diante o governo, através de sua organização policial, saberia responsabilizar o diretor do jornal toda vez que a seu critério se publicasse qualquer notícia ou nota julgada inconveniente.

Depois desse entendimento, no dia 6 do corrente, A União, órgão oficial do Estado, publicava, por escarneo, e porque sabia que estando fechado a A IMPRENSA, não havia meio para desmentir, que a direção do jornal católico cogitava “de suspender a circulação desse matutino em vista de dificuldades de ordem financeira (A União, edição de 06 de junho de 1942 - doc. 4). Diante desses fatos, está-se a ver que é impossível a existência na Paraíba de outro jornal que não seja o órgão oficial, aliás, A IMPRENSA era o último diário não oficial que ainda existia no Estado. A responsabilidade imposta sob a ameaça de coação policial, a respeito de notícias que venham “desagradar”, o governador impossibilita a vida jornalística extra-oficial na Paraíba, não porque haja propósito de ofender o governador, mas porque ninguém poderá saber o que é que venha “desgostar”. Desde o fracasso econômico de um Colégio particular, com o qual o governo não tinha ligação até fenômenos naturais como a seca, tudo isto, como vimos, pode dar matéria para os intrigantes e o honrado Sr. Interventor de convencer de que está sendo atacado. O pretexto da oposição é desses que não devem ser nem mencionados, tão inverossímil é ele para quem conhece a ordodoxia, as intenções e a história desse órgão exclusivamente católico. Levando esses fatos ao conhecimento desse Egrégio Conselho, queremos deixar patentes os motivos que forçaram a suspender a circulação de A IMPRENSA. Felizmente a parte econômica no jornal não é má e poderá suportar o pagamento das indenizações trabalhistas e contas de fornecedores, te que seja possível reaver dos responsáveis o prejuízo verificado. Com os protestos do mais alto apreço e consideração. (PEDROSO, 1983, p.11-12)

E no dia 14 de junho de 1942 o diretor-chefe padre Carlos Coêlho por meio de um circular comunica aos leitores o fechamento do jornal no qual transcrevemos na íntegra o teor da circular.

A IMPRENSA

João Pessoa, 14 de junho de 1942.

Prezado Assinante da “A IMPRENSA”

A direção da “A IMPRENSA” vem comunicar a V.S. que esta folha suspendeu a sua circulação desde 1 de junho de 1942.

Impelida por motivos de força maior, é, com tristeza, que “A IMPRENSA” interrompe a sua vida de 45 anos toda dedicada à defesa da Igreja e ao bem da comunidade paraibana.

A 31 de maio ultimo, às 11,30 da noite compareceu á nossa redação o sr. Chefe de Policia que nos cientificou que o Governo do Estado mandava fechar o nosso jornal. Dois dias depois, o Governo autorizava novamente a circulação desta folha.

Motivos superiores, porém, não de natureza economica, mas de ordem moral, aconselham que “A IMPRENSA” permaneça fechada, provisoriamente, aguardando melhores tempos para reincetar a sua vida e cumprir o seu alevantado programa.

Apresentando estas razões aos nossos dedicados assinantes, esperamos que todos saibam compreender os motivos de força maior que nos levam a nos afastar temporariamente do periodismo local, e o nosso sacrificio moral e material principalmente depois de tantos esforços para dar a Paraíba um grande diário.

Aquicom os agradecimentos e a estima de sempre,

Pela “A IMPRENSA”

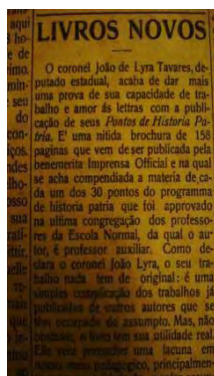
Padre Carlos Coêlho - Diretor

Em 1946 com o processo deredemocratização no Brasil, e, conseqüentemente, na Paraíba, o jornal <<**A Imprensa**>>reabre sob a direção do senhor Odilon Pedrosa, “brilhante jornalista egresso da imprensa pernambucana, que arrebatou leitores com seus arrojados editoriais” (ARAÚJO,1986,p.44). O mesmo ficou na direção do jornal até 1951 quando foi nomeado pelo arcebispo Dom Moisés, o padre Luiz Gonzaga de Oliveira para desempenhar a função de diretor-chefe do jornal que permaneceu no cargo até 1964. Dom José Maria Pires quando assumiu a Arquidiocese da Paraíba em 1965 defronta-se com o jornal fora de circulação por questões financeiras. Como tentativa de recuperá-lo substitui o diretor-geral do jornal <<**A Imprensa**>> padre Luiz Gonzaga de Oliveira por Dr. Agrimar Santa Cruz Montenegro como também voltou a editá-lo semanalmente. “Por essa época escrevia brilhantes artigos para AIMPrensa, num prisma de riqueza intelectual e convite à desalienação” (ARAÚJO,1983,p.76). Contudo, as tentativas não deram certo depois de 71 anos de existência. O jornal deixa de circular na semana compreendida entre 31 de dezembro de 1967 a 19 de janeiro de 1968. “Sabe-se que, além da falta de recursos, houve também, pressões políticas dentro e fora da Igreja.” (ARAÚJO,1983,p.76)

4.2 Jornal <<A Imprensa>>: a história e percurso de um perfil

[...]brotam torrentes de veneno,extravia o entendimento e corrompe o coração e nada , absolutamente nada, de proveito pode fazer [...].Temos dito e estamos no nosso dever aconselhando o povo catholico cuidado com a imprensa má, e sectaria, verdadeiro atraso da sociedade cujos interesses devem ser zelados pela progação de princípios sãos e nunca como erro e a calunmia.Tenhamos summo cuidado com a má imprensa.
(A IMPRENSA, 29 de março de 1903)

O jornal <<A Imprensa>>com suas páginas amareladas, ácidas, rasgadas, manchadas, revelam múltiplas facetas da relação entre Igreja Católica eo Estado da Paraíba no âmbito da política, da cultura. Sendo assim, o perfil primeira fase (1897-1903) e na dificuldades devido às própria relação. Em particular, a perfil editorial do jornal da primeira para compreendermos o perfil temporal(1912-1942). Isto só foi publicadas nos editoriais do jornal que contemplavam o programa [missão e dever] de <<A Imprensa>> somadas aos autores Henriques (1918); Ferreira (1994); Gurjão (1994) e Santana (2002-2003).



economia, da sociedade da editorial deste jornal na sua segunda (1912-1968) revelam ambiguidades e conflitos desta nossa pesquisa, reconstruiu o fase (1897-1903), pois ela é base editorial do nosso recorte possível devido às matérias

4.2.1 O Perfil do jornal <<A Imprensa>> na primeira fase (1897-1903)

“ quando a << Imprensa>> se apresentou no campo do jornalismo nesta capital, traçou o seu programma o prometeu defender os princípios que concorrem para o bem da sociedade em geral e da família em particular. Assim tem procedido até hoje e nada a demovera deste propósito [...].”
(A IMPRENSA, 16 de setembro de 1900).

A tese *Igreja e romanização: a implantação da Diocese da Paraíba (1894/1910)* da historiadora Lucia de Fátima Guerra Ferreira contempla a primeira fase do jornal <<**A Imprensa**>>(1897-1903). A pesquisa da autora analisa a ação do jornalismo católico paraibano a partir do jornal <<**A Imprensa**>> identificado como discurso religioso oficial da Diocese da Paraíba. Em relação à Diocese da Paraíba e a ação do seu jornalismo ela expõe que a igreja católica além de participar da política, dedicava-se às atividades jornalísticas, que nessa fase encontrava-se bem situada e que os meios de comunicação eram utilizados para integrar o processo de implantação da Diocese romanizada na Paraíba; portanto, os periódicos católicos divulgavam e defendiam os interesses da Diocese e dos grupos sociais aliados a ela. Os meios de comunicação utilizados no processo de implantação da Diocese na Paraíba eram os jornais, as revistas e os livros. Contudo, a igreja considerava o jornal mais eficaz junto à população do que os livros, uma vez que, o mesmo poderia ser adquirido tanto por pobres como por ricos e por alcançar os locais mais longínquos (FERREIRA, 1994). A pesquisa da autora Lucia de Fátima Guerra Ferreira aponta ainda que nessa fase do jornalismo católico havia discussões nos periodismos da época sobre a missão da imprensa; o que era a boa e a má imprensa. Quanto à missão do jornal <<**A Imprensa**>> em 30 de junho de 1901 na coluna *Imprensa* um artigo intitulado *O Nosso Dever* expõe que

estamos perfeitamente conscientes que a <<Imprensa>> desde o primeiro dia de sua existencia até a presente epocha tem seguido a risca o seu programma. Doutrinar o povo e defender a religião dos assaltos dos *espíritos fortes* que a todo transe pretendem fazer de nossa patria um paiz de barbaros – tal é o nosso feito .

Nesse registro a missão do jornal por meio do seu programa editorial possui duas diretrizes: a primeira, em doutrinar o povo paraibano; e, a segunda, em defender a Santa Sé dos espíritos fortes. Com relação à primeira, em doutrinar o povo paraibano, Dias (2008, p.10, grifo nosso) explica que “um novo modelo de inserção da Igreja na sociedade brasileira desencadeou um processo de transição do **Padroado para Romanização**”, ou seja, doutrinar a sociedade paraibana representava excluir o sistema do padroado vivenciado pelos fiéis e enquadrá-los nos moldes da Santa Sé romanizada. A propósito da segunda, em defender a Santa Sé dos espíritos fortes, ressaltamos que esses “espíritos fortes” eram representados pelos costumes modernos, as correntes ideológicas e religiosas vigentes, e que os mesmos eram armas fortes e perigosas no processo da transição do padroado para a romanização. A respeito dos costumes modernos, a Igreja Católica por

meio do jornal <<**A Imprensa**>>passou a externar fortes críticas e até mesmo condená-los. Nesse sentido o teatro, o cinema e a moda refletem esses “espíritos”.

Certo, ao expectador que attento observar os **costumes** a que o século chama modernos, parecerá terem-se approximado aquelles tempos de cujos povos assim fala a sagrada escriptura “ o homem quando estava na honra não o entendeu,foi comparado aos animais irracionais, e se fez semelhante a elles” **o theatro** com suas scenas desenvoltas, **o cinema** com os seus films despudorado, os cafés cantantes com suas lascivas,perfaz o gosto do homem moderno. De outro lado, **a moda** escandalosa que Põe aos olhos do vulgo partes do organismo que a modéstia chistã manda cobrir e occultar, procura varrer da alma,outr’ora tão bella e tão louçã, da mulher, os sentimentos puros e elevados da moral evangélica as hostes infernas, utilizando-se do desenvolvimento da arte, lançaram por diversas maneiras as sementes da perdição (HENRIQUES,1918,p.5, grifo nosso)

Contudo, Ferreira (1994) ressalta que a prática jornalística católica em combater os costumes modernos“era ambígua e contraditória, utilizando, por um lado, um discurso antimodernista, tradicionalista e, por outro, lançando mão dos avanços do mundo moderno, atualizando-se.” (FERREIRA,1994, p.20). A respeito das correntes ideológicas confrontadas pela Igreja e, conseqüentemente, pelo jornal,Ferreira (1994,p.251) explica que o jornalabordava e discutia as mesmas por meio “ dos seus conceitos, sua historicidade e da prática social dos seus ideólogos, constituíram-se em temas constantes, a exemplo do liberalismo e da liberdade, da democracia e do progresso, do positivismo, do anarquismo, do socialismo entre outros [...].” A propósito das correntes religiosas que o jornal combatia a fim de defender a Santa Sé aludimos, por exemplo, ao protestantismo e à maçonaria. Existem no jornal várias matérias que discutem essas correntes religiosas, tomando como exemplo a Coluna *A maçonaria, propaganda infernal: vos ex patre diabolo estis: et desideria ejus vultis faere* que aborda os fundamentos da maçonaria e equivalentemente a matéria *A maçonaria* que afirma ser “ evidente que é impossível ser ao mesmo tempo católico e maçom”. (A IMPRENSA, de 25 de junho de 1899). De modo semelhante o jornal publica matérias sob o protestantismo, a exemplo, o artigo intitulado *O Perigo Protestante*

E a propaganda protestante, entre nós, essa propaganda promovida por seitas americanas, seitas incoherentes, sustentada com dinheiro das sociedades missionarias de Nova York e Nashville [...]. A nossa reação deve consistir antes de tudo, na instrução religiosa. O catholico bem instruído na sua

religião nunca cairá preso nos ardis do missionário protestante[...] (A IMPRENSA de 27 de outubro de 1901)

Logo, a missão do jornal <<**A Imprensa**>>em doutrinar o povo paraibano e defender a religião dos assaltos dos espíritos fortes são endossadas nas colocações de Figueiredo (1906,p.248)

[...] a fim de levar com maior celebridade pelas paragens mais longínquas e difficultosas da diocese o pabulo balsamico ao rebanho escolhido, lhe mostrando ao mesmo tempo as necessidades que mais urgem e os meios de acautelar-se dos lobos vorazes, [...]das paixões ignobeis e dos monstruosos erros do século inflexiveis defensores dos interesses moraes e apostólicos.

Portanto, o jornalismo católico, representado na Paraíba pelo jornal <<**A Imprensa**>>como estratégia para divulgar a Diocese e integrar a política de romanização, resultou numa divisão no jornalismo paraibano na época - a boa e a má imprensa. A má imprensa pode ser entendida como livros, revistas, jornais, folhetos e outras publicações adversas aos dogmas e ideologias católicas, como também a institucionalização do Vaticano e seus ministros:

Não faltam certamente, no meio de vós, impressos cheios de espirito irreligioso, nos quaes, mui frequentemente, se combate de uma maneira directa a igreja catholica nos seus dogmas, sua moral sua divina instituição e nos seus ritos; a impiedade é, ás vezes, alli espalhada tão copiosamente e por modos tão repugnantes que o animo de quem não tenha de todo perdido a fé, fica profundamente horrorisado! (PONTIFICE LEÃO XIII, *apud* HENRIQUES, 1918, p.12)

A má imprensa é apresentada também pelo Jornal <<**A Imprensa**>>como inimiga da família e da pátria. Nesse contexto no dia 22 de março de 1903 com a matéria intitulada *A má imprensa* I o jornal expõe que:

A má imprensa é o inimigo mais perigoso da sociedade, affirmamos peremptoriamente sem receio de constestação. O jornalismo tem uma missão sublime no meio da sociedade, a qual terá de fatalmente despreziarse si o elemento lethal do máo jornal correrper-lhe a vida. Nada há tão pernicioso a sociedade como a leitura de um jornal sem critério e que só se ocupa de fallar de chrismes , de escândalos, em lugar de trazer á luz da publicidade do dever [...]

Como inimiga o jornal orientava os católicos para terem cuidado com ela!

[...] brotam torrentes de veneno, extravia o entendimento e corrompe o coração e nada, absolutamente nada, de proveito pode fazer [...]. Temos dito e estamos no nosso dever aconselhando o povo catholico cuidado com a imprensa má, e sectaria, verdadeiro atraso da sociedade cujos interesses devem ser zelados pela progação de princípios sãos e nunca como erro e a calunmia. Tenhamos summo cuidado com a má imprensa.

(A IMPRENSA, 29 de março de 1903)

Além de ser inimiga da família e da Pátria ela era considerada uma das terríveis armas contra a igreja católica romanizada; sendo assim, a mesma não “merecia usufruir dos espaços que a liberdade de imprensa proporcionava. A necessidade da censura era invocada para conter a ação nefasta da má imprensa”. (FERREIRA, 1994, p.246). Já a boa imprensa era o jornalismo católico que segundo Henriques (1918, p.4-7) ela

transmitte aos individuos e a familia a vida moral, trazendo concomitantemente a seguraça das instituições, o bem-estar da sociedade e o verdadeiro progresso dos povos[...]. A bôa leitura, a propagada da bôa imprensa, seria, pois, o instrumento, por excellencia, de educação, o meio externo mais apto a produzir esta desejada mudança intellectual e moral.[...] E dever de todos os catholicos sustentar, conforme suas posses, a bôa imprensa, avigorar, na medida de suas forças, o jornalismo catholico.

Sendo assim, a boa imprensa ou o jornalismo católico representava o bem-estar da sociedade, da família e o verdadeiro progresso da pátria enquanto a má imprensa representava o inverso. Nesse contexto a missão do jornal era também em “defender os princípios que concorrem para o bem da sociedade em geral e da família em particular. (A IMPRENSA, 16 setembro de 1900). Segundo Ferreira (1994, p.251, grifo da autora) essa discussão a respeito da má e da boa imprensa “[...] marcou a linha do Jornal A IMPRENSA que manteve em seus editoriais e artigos a preocupação quanto à abordagem de temas que envolvessem a sociedade de uma forma mais globalizante.”.

Reforçando a tese de Ferreira (1994) apresentamos a carta pastoral intitulada *Do Nosso Dever Com a Imprensa* escrita por Dom Adauto Aurélio de Miranda Henrique, arcebispo da Paraíba e fundador do Jornal <<**A Imprensa**>> aos vigários, clero e fiéis da Diocese da Paraíba em 29 de junho 1918.

A carta pastoral de Dom Adauto é iniciada com as palavras de Leão XII: “[...] cumpre aos catholicos, escreveu elle, sustentar de uma maneira efficaz, a bôa imprensa...; concorrendo directamente para fazel-a viver e prosperar, o que pensamos se não há feito bastante até agora [...]”. (HENRIQUES, 1918, p.12-14). Após as palavras de Leão XIII Dom Adauto expõe que os sucessores de Leão XIII, Pio X e Bento XV, o então Papa, se ocuparam com a causa da boa imprensa por ser grave e urgente o seu dever no

qual “ a razão é porque a imprensa constitue hoje, mais que nunca, o principal alimento do espírito assim para a vida como para a morte, tanto para o bem como para o mal [...]” (HENRIQUES,1918,p.12-14). Em seguida aborda e discute sobre a boa e má imprensa:

Bôa, transmite aos individuos e a familia a vida moral , trazendo concomitantemente a seguração das instituições, o bem-estar da sociedade e o verdadeiro progresso dos povos. Má, arrasta consigo a decadência, amontoa destroços sobre destroço: gera a morte. Não se comprehende bem como sacerdotes e fies não empreguem em favor da saúde da alma os esforços que a hygiene soe dispendir com a saúde do corpo, sendo que esta é de tempos, enquanto aquella não conhece fim. Nenhuma propaganda, assim, mais importante, hoje em dia, do que a da boa imprensa. Sem esta, desconhecidas e desprezadas dos homens ficarão muitas das graças divinas. Muitos há, na verdade, bem intencionados que se conservam na ignorância ou esquecimento de seus deveres, ainda os mais sagrados, só por ouvirem nunca a palavra de deus; a estes já não impressiona a voz da verdade natural, o testemunho de uma alma naturalmente christã. A bôa leitura, a propaganda da bôa imprensa, seria, pois, o instrumento, por excellencia, de educação, o meio externo mais apto a produzir esta desejada mudança intellectual e moral. Não escasseiam os livros e os jornaes e não são poucos também os que lêem. E de lamentar é, irmãos e filhos caríssimos, que entre catholicos se encontre quem, para satisfazer uma vã curiosidade ou condescender criminosamente com pedido de falso amigo, suste, com o seu dinheiro, essas officinas infernaes . [...] Se os catholicos se resolvessem, como devem, a não comprar nunca livros máos e a não assignar jamais um só jornal que publique coisas contra a fé ou os bons costumes ,contra a Religião ou seus ministros, contra a justiça ou a caridade, certo desapareceriam na sua mor parte estas machinas de guerra e factores de demolição e já não teríamos de deplorar as suas más consequências na família e na sociedade (HENRIQUES,1918,p.4 -7)

A boa imprensa argumentada por Dom Adauto é o jornalismo católico, no qual promove o bem- estar da família como também o desenvolvimento da sociedade e nação. Além disso, ela promovia a saúde da alma sendo sua propaganda importante para anunciar as graças divinas e suas leituras construtoras dos bons costumes. Contudo, ele não entendia como os fiéis e os sacerdotes não estavam cumprindo os seus deveres em propagar, ler e sustentar a boa imprensa como também em combater e abster-se da má imprensa, nesse contexto, Dom Adauto convoca os fiéis e sacerdotes para sustentar a boa imprensa e combater a má !

[...] E dever de todos os catholicos sustentar, conforme suas posses, a bôa imprensa, avigorar, na medida de suas forças, o jornalismo catholico. A cruzada moderna não é já como a da meia idade, mas doutra espécie: é o apostalado da imprensa. resolução firme, irmãos e filhos mui amados, acabando logo por tomarmos todos parte desta cruzada, dotando dos meios necessários a bôa imprensa e collocando-a como a mais importante

das obras, a altura das exigências da época para corresponder a sua missão nobre e alevantada de defender e propagar o maior dos bens – a civilização christã. (HENRIQUES,1918,p.7-8)

Ele ainda faz referência às palavras do Pontífice Leão XIII que são também orientações sobre a má e a boa imprensa, sendo que a primeira combate os dogmas da igreja católica e seus ministros. Os fiéis não deveriam ler as suas publicações e nem tampouco permitir que fizessem parte dos seus lares, portanto, são venenos mortais, logo, corromperá a mente e o coração principalmente dos jovens que não têm discernimento por serem inexperientes e que os católicos deveriam sustentar o jornalismo católico:

[...] E andam, todavia, essas publicações pelas mãos de todas e oxalá muitíssimos daqueles que são e querem permanecer catholicos e exercitam ainda as praticas religiosas não lessem todos os dias e não lhes dessem entrada livre e pacifica morada em suas casas, offerecendo, assim ensejo a que jovens inexperientes, donzellas innocentes encontrem tão abundantemente preparado o mais perigoso veneno que depressa lhes corromperá a mente e o coração[...] Seria faltar a nossa missão pastoral o não proclamar, como um dever de honra para todo catholico da Austria que não receba maus jornaus, nem preste o seu apoio senão á boa imprensa. (PONTIFICE LEÃO XIII,*apud* HENRIQUES,1918,p.12 - 14)

Posteriormente, as palavras de Leão XIII, Dom Adauto expõem que “o Episcopado brasileiro, cheio de zelo e bem firmado na experiência, determina o seguinte em sua Carta Pastoral Colectiva e Constituições que obrigam todas as nossas províncias ecclesiasticase que, por vos serem talvez desconhecidas, para aqui trasladarmos” (HENRIQUES,1918,p.14)

A carta que Dom Adauto translate são orientações também sobre a má e boa imprensa na qualos padres deveriam divulgar o catolicismo, a leitura de bons livros, neutralizar e combater a má imprensa, intimidar os pais para que eduquem os filhos nos dogmas da igreja católica e nas leituras da boa imprensa; deveriam ainda instruir aos fiéis para: combater a má imprensa,não assinar e nem comprar seus jornais e outras literaturas, sendo pecado a sua assinatura, divulgação, leitura e mantê-los em casa e que as associações não deveriam: apoiar, divulgar, financiar a má imprensa. Além disso, informar que foi criada a Associação da Boa Imprensa com o fim de arrecadar fundos para sustentar a boa imprensa e a edição de um futuro jornal católico no âmbito nacional. Essa arrecadação seria

Em cada anno haja o concurso pecuniário dos fieis, affim de se ir aos poucos formando o capital necessário para fundação e manutenção de um

jornal catholico na capital da Nação. Qualquer quantia collectada seja enviada annualmente, no fim de novembro às Cúrias Diocesanas, e no mês de dezembro remetida ao Eminentissimo Cardeal Metropolitano do Rio de Janeiro pelos secretários dos Bispados. Fica marcado o dia 15 de agosto de cada anno para coleta de auxílios destinados á Associação da Boa Imprensa, em todas as parochias de Nossas diocese, devemos os rvdms. Parocho ser solícitos em cumprir esta nossa determinação. Além da coleta acima mencionada, desejamos também que cada irmandade ou associação religiosa que já existia ou venha a existir, concorra annualmente com qualquer quantia para o mesmo fim. Os thesouros das irmandades ou associações, de acordo com a respectiva directoria, poderão tirar a porcentagem que for estipulada, e enviar-a nos primeiros dias de Dezembro á Curia Episcopal.[...]. (EPISCOPADO BRASILEIRO *apud* HENRIQUES, 1918, p.16-17)

O Episcopado Brasileiro ainda louva os jornais semanários católicos existentes, e que verá com prazer a criação de outros. Incentiva aos padres para que aumentem as assinaturas dos jornais católicos existentes, auxiliem as assinaturas, “ da metade da contribuição annual com que cada Diocese concorrer para a Associação ou centro da Boa Imprensa.” (EPISCOPADO BRASILEIRO *apud* HENRIQUES, 1918, p.17) e que não se responsabiliza com as orientações sociais dos órgãos existentes. Com o término da carta do Episcopado Brasileiro, Dom Adauto, cita: “ **agora mãos a obra, que o tempo urge**” (HENRIQUES, 1918, p.18, grifo nosso). Dom Adauto estabelece o dia 08 de dezembro para o dia da Boa Imprensa e repreensão da má, dando instruções como a mesma deveria ser organizada.

Acerca do Jornal <<**A Imprensa**>> em particular, Dom Adauto evidencia

[...] que gostaríamos criminosamente com as assignaturas de mãos jornaes, com cinemas ruins e romances estruidos e de todo imprestaveis, reservemol-o á boa imprensa, assignando jornaes catholicos, comprando bons livros que são outros tantos fieis do dia da boa imprensa nesta Archidiocese; reservemo-o, repetimos, ao jornal catholico, a nossa << **A Imprensa**>>, que tanto bem há já feito, e que esperamos vel-a, em breve diária para fazer assim ao nosso caro Estado, maior somma de bens.[...] façam exhortações ao povo afim de que concorram, com o seu obulo, para a manutenção da << **A Imprensa** >>, [...] para multiplicar o bem que vae fazendo. (HENRIQUES, 1918, p.8-21, grifo nosso)

Com a tese de Ferreira (1994) e a carta pastoral de Dom Adauto (1918) podemos juntamente compreender algumas facetas do jornal <<**A Imprensa**>> na sua primeira fase (1897-1903):

1. o jornal como um dos instrumentos utilizados para integrar a política de romanização e fortalecer a implantação da Diocese na Paraíba;
2. a linha editorial do jornal.

Para entendermos a primeira faceta do jornal é necessário que lembremos a Idade Média, em que a Igreja Católica foi a instituição que exerceu influência preponderante na sociedade feudal, atingindo praticamente todos os setores da vida social. Já na Idade Moderna, devido ao renascimento, à reforma protestante, ao iluminismo, ao capitalismo e outros, o cenário político, econômico, religioso e social é distinto da Idade Média. Com isso, a Igreja Católica, a instituição mais importante da Idade Média, vai aos poucos perdendo os seus poderes político-administrativos e suas ideias e dogmas passaram a ser contestados. Contudo, busca manter-se no poder aliando-se à política administrativa do Estado e reafirmaos seus dogmas e ideias nos princípios do Vaticano refutando assim as correntes ideológicas e religiosas vigentes. Para concretizar as doutrinas romanizadas utiliza-se da imprensa como instrumento vital. Nesse contexto, existe a boa imprensa [a católica] vista como construtora dos valores morais da família, da religião, do progresso da sociedade e nação e a má imprensa [anticlerical] que é inimiga e destruidora da família, da sociedade, da nação, um retrocesso.

Se os catholicos se resolvessem, como devem, a não comprar nunca livros máos e a não assignar jamais um só jornal que publique coisas contra a fé ou os bons costumes ,contra a Religião ou seus ministros, contra a justiça ou a caridade, certo desapareceriam na sua mor parte estas machinas de guerra e factores de demolição e já não teríamos de deplorar as suas más consequências na família e na sociedade [...] varios países já se lembraram de instruir ligas com o expresso juramento de não comprar mercadoria aos inimigos da Patria [...]mortífero veneno das más leituras[...]gera a morte[...]pobre família ,infeliz sociedade, quando os homens são levados a essa desastrada inversão e toda a norma do bem [...]trabalhemos todos, irmãos e filhos caríssimos com a palavra e mais ainda com o exemplo ,pela diffusão da imprensa catholica. Saibamos conter, por uma acção prudente e firme,inspirada nos sentimentos da fé chistã , essa torrente impetuosa de erros com que a má imprensa, no seu ódio contra a igreja de Jesus Christo, ameaça, ao mesmo tempo, a religião e Patria (HENRIQUES,1918,p.4-7)

No âmbito nacional, no Brasil, em especial no Nordeste, o processo de romanização se dá no século XIX como vimos na criação da Diocese da Paraíba. A romanização tanto no âmbito internacional, como no nacional, em particular no Brasil, na Paraíba, os jornais católicos, os livros, as revistas na linha clerical são as armas de guerra da implantação, uma vez que “ a cruzada moderna não é já como a da meia idade, mas

doutra espécie; é o apostolado da imprensa.” (HENRIQUES, 1918, p.7). Sendo assim, adentramos a segunda faceta – a linha editorial do jornal <<**A Imprensa**>> que se funde com a primeira - integrar a política de implantação da Diocese romanizada na Paraíba na qual se faz necessário doutrinar o povo e defender a religião dos assaltos dos espíritos fortes justificados pelo “bem-estar da sociedade, da família e no progresso da pátria”. Portanto, os assuntos: o que era a boa e a má imprensa; qual a missão e papel da imprensa na família, na sociedade e na nação; o combate às correntes ideológicas e as religiosas modernas são traços temáticos da linha editorial do jornal que é reflexo do posicionamento da Diocese da Paraíba subordinada ao Vaticano.

Chamamos atenção para os livros nessa fase. Os que fazem parte da boa imprensa e da classe dominante vinculada à igreja são incentivados à leitura e à compra. Em 05 de maio de 1903, o jornal divulga *Goffine' Manual do Christão* onde

cada fiel christão possuirá com elle um verdadeiro e inestimavel *thesouro* . Ahi pois encontrará sua felicidade aquella, a quem as duras necessidades da vida não permittirem, talvez, em seus melhores dias um conhecimento mais perfeito da religião, que professa[...]. Portanto o presente manual deve ser o livro de todos

Os que fazem parte da má imprensa são venenosos e registrados no jornalismo católico a fim de não serem lidos e comprados.

Ao lado dessa imprensa nefasta, há também o livro mau, impio, provocador de paixões subalternas, destruidor do bons costumes, o qual, por meio de contos e novellas inconvenientes, predispõe o coração do povo, sobretudo da mocidade, para o laxismo da moral e da consciência. Não é procedente, tampouco, o motivo que outros allegam. Lemos, dizem, com o fim de nos inteirarmos dos erros, lemos para os conhecer e fugir. Fútil pretexto, de certo. Mas não podem conhecer os através dos bons jornaes, dos bons livros e revistas que os citam e refutam ? [...] (HENRIQUES, 1918, p.19).

4.2.2 O perfil do jornal <<A Imprensa>> nas décadas de 10 e 20

“ Do pequeno semanário de 1897 ao bi – semanário de 1912 [...] ”
(A Imprensa, 27 de Maio de 1942)

Ao dar seguimento à circulação do jornal em 5 de agosto de 1912, o jornal publica no editorial no dia 15 de Agosto de 1912, o artigo intitulado *A Imprensa*:

[...] Vencidas muitas dificuldades que, entre nós, se acastellam toda vez que se trata da criação de um jornal alheio a partidos políticos, reaparece a “Imprensa” sem prurido de novidades para continuar o seu modesto curso, interrompido ha alguns anos por motivos justificaveis.

A família e sua organização, o operariado e seus interesses, o povo e os seus deveres, direitos e liberdades, a moral, a lei, a religião e seus princípios, em summa, a educação social esta a reclamar incessantemente maior somma de esforços dos que podem amparada e defendel-la. A ordem e o respeito às instituições de utilidade publica e ao sagrado principio da authoridade, desconhecidos por uns, desprezados por outros, [...] **portanto é o nosso primeiro dever defender a causa e os direitos do nosso bom Deus e fazermos nos arautos de suas leis, e dos preceitos de sua Egreja, de cuja obdiencia depende a paz e o verdadeiro progresso, entre as nações,** [...] a patria, que não é só o logar, o sitio onde nascemos, é também o lar, a familia, a lingua que herdamos de nossos paes, a religião que professamos [...]. Tudo isso se nos aparece como um dever de primeira monta para o jornal catholico, dever que desejariamos cumprir por amor a Deus e a pátria tanto podessem as nossas forças. (A IMPRENSA, 15 de Agosto de 1912, grifo nosso)

No dia 19 de agosto de 1912, no editorial intitulado *Convem dizer* o jornal explica que

[...] nós que fazemos A IMPRENSA animados da grande coragem do jornalismo para servir do melhor modo que nos for possível, aos legítimos interesses da sociedade parahybana. **Tendo já promettido isto em nosso artigo-programma, não faz mal que o repitamos hoje. Estamos, portanto, empregando uma boa parte de nosso tempo num apostolado que visa conseguir no meio indígena a estabilidade de um jornal que seja realmente: _ ameno, bem orientado e instructivo.**

Podemos conseguir? Responderá em nosso favor mais a consciência do publico, que a nossa própria consciência. **A missão do jornal catholico neste século é muito mais ampla, muito menos especulativa e muitissimo mais necessária ao bom funcionamento do organismo social que nos séculos de antanho.**

Seja como for, porém, precisamos ainda repetir que A IMPRENSA, sendo um periódico de feição catholica, não é um periódico simplesmente religioso, não foi creado para ensinar simplesmente ao povo como se deve rezar, ou ouvir a missa, ou portar-se na igreja.

Isto porque a imprensa em nossos dias acha-se dividida nestes quatro ramos bem differentes e definidos: a imprensa política, a imprensa pornographica, a imprensa anti-social e a imprensa catholica.

Resta a imprensa catholica. Esta, por hoje nos furtamos de analysar, deixando que essa analyse primeiramente amadureça na consciencia do leitor. E sobre tão momentoso assumpto só isto agora convem dizer. (A IMPRENSA, 19 de Agosto de 1912, grifo nosso)

Com base nos editorias de <<A Imprensa>> o jornal inicia uma nova fase decirculação, contudo, o cerne do seu programa editorial é o mesmo da sua primeira fase (1897-1903) “doutrinar o povo e defender a religião dos assaltos dos espíritos fortes” (A IMPRENSA, 30 de junho de 1903) , ou seja, **“defender a causa e os direitos do nosso bom Deus e fazermos nos arautos de suas leis, e dos preceitos de sua Egreja, de cuja obdiencia depende a paz e o verdadeiro progresso, entre as nações”** (A IMPRENSA, 15 de Agosto de 1912, grifo nosso). Todavia, a sociedade paraibana, não é a mesma do velho-novo programa. É necessário adaptar-se ao novo contexto social e cultural com os mesmos princípios dogmáticos, porém, com uma interface orientada à instrução. Por isso, é fundamental que empregue **“ uma boa parte de nosso tempo num apostolado que visa conseguir no meio indígena a estabilidade de um jornal que seja realmente: _ ameno, bem orientado e instructivo.”** (A IMPRENSA, 19 de Agosto de 1912, grifo nosso).

Sendo assim, as temáticas vivenciadas pelo jornal na década de 10 são um prolongamento do período de (1897-1903). Por exemplo, na matéria denominada *A's Armas! Pela Bôa Imprensa* do dia 28 de abril de 1913 <<A Imprensa>> discute o papel da imprensa impressa diferenciando a má da boa imprensa e que a boa é uma relevante ferramenta na construção dos valores morais da família e do progresso da Pátria.

A sociedade moderna, afastada dos verdadeiros principios da sã moral e da lei christã, acha-se em face de um abysmo pavoroso e inevitavel, que hã de destruir o machinismo de todos as nações, se os que ainda têm fé viva e profunda cruzarem os braços, desanimaods e tristes [...] a imprensa, arma invencível e poderosa dos tempos modernos, que dirigida por espiritos sadios e fortes, seria o rochedo indestructível da boa causa, onde se quebrariam as furias infernaes da onda perversa, é hoje, no poder dos ímpios e dos incredulos- a rainha soberana de um mundo que se decompõe, já friamente atirado á vertigem dos vícios e da embriaguez moral [...]. (A IMPRENSA, 28 abril de 1913)

Ressaltamos ainda que *As Armas pela Boa Imprensa* não estavam limitadas apenas aos jornais, abrangia também as revistas, os boletins informativos e os livros. Os livros, em particular, vinculados ao Centro da Boa Imprensa Católica; a elite da sociedade brasileira; as instituições governamentais e não governamentais vinculados à Igreja Católica tinham seus lançamentos publicados nas colunas *Bibliographia, Livros e Livros Novos* e as suas leituras eram indicadas à sociedade paraibana.

O Brasil já se não resente tanto da falta de boas leituras, como até pouco tempo. Graças à iniciativa do Centro da Boa Imprensa, temos excelentes opusculos, de leitura facil, agradável e edificante. Hajam vista os dois preciosos livrinhos: *Maio* e *Gemeas* que gentilmente nos ofertou a Red. d'A União. São duas jóias de inestimável valor, que recommendamos aos nossos leitores. *Maio* são paginas bem escriptas e de amor a Virgem Santa. E o 2ª vol. da biblioteca d'A União que em nada desmerece do 1ª, *Gemeas*, romance da emerita escriptora Myriam Massa, digno de ser possuido por todas as famílias christãs. Agora, os nossos applousos ao incansavel apostolo operosissimo Dr. Felício dos Santos que tomou a si tarefa tão nobre, qual a de diffundir as boas leituras (A IMPRENSA, 22 maio. 1914)

Outro exemplo do prolongamento das temáticas do período de (1897-1903) na década de 10 é o combate às correntes religiosas: o protestantismo, o espiritismo e a maçonaria que ocorrem com frequência nesse período. Em relação aos protestantes, em particular, aos presbiterianos, além de combater os seus dogmas, o jornal relatava os adeptos que se converteram ao catolicismo. Em 03 de junho de 1913 o jornal <<**A Imprensa**>> divulga *Os que retornam objurando o protestantismo: um brasileiro que volta á communhão da fé catholica, mais um convertido!* Quanto ao espiritismo, o jornal, geralmente, por meio interrogativo refutava sua doutrina, a exemplo: *O espiritismo é uma coisa boa?* (A IMPRENSA, 25 de setembro de 1913). A maçonaria também é fortemente contestada pelo jornal. O combate dava-se pela refutação dos seus princípios, como também exibindo as críticas que ela recebia em outros países e contrapondo-a ao avanço do catolicismo. Em 26 junho de 1913 o jornal expõe no noticiário: *A republica da Colombia váe fechar as fronteiras à maçonaria.* No dia 07 de agosto de 1913 uma nota sobre *A maçonaria em apuros! Um escândalo em Brusellas.* Em 03 de março de 1914 registra o avanço do catolicismo em Portugal e as críticas que o país argentino fez à maçonaria:

È sabido de como as lojas tentaram, mas debalde, conseguir do governo argentino personalidade jurídica para a maçonaria. A Argentina negou se reconhecer a seita internacional allegando os seguintes motivos: 1º essa sociedade (a maçonaria) não procura o bem comum dos cidadãos, senão os interesses egoístas de seus afilhados, com detrimento de outros; [...] em

Portugal brilhante orgam das associações de Itú:<<No meio das perseguições mais odientas o catholicismo triumpha em Portugal. Na região do Porto as conferencias de S. Vicentes de Paulo multiplicam-se de um modo verdadeiramente admiravel . Nunca foram vistos tantos homens no tempo Paschal receberem os santos sacramentos>> [...]

Essas religiões estão relacionadas à má imprensa, sua principal divulgadora e responsável pelo mal da Pátria.

Não ha duvida, que um dos meios principaes de que se serve a impiedade para espalgar as doutrinas perversas é o da imprensa. Vemos todos os dias sahirem novos jornaes immundos em nossas cidades, os quaes zombam da religião ,insultam o seu venerando chefe e procuram minar **as bases da sociedade** (A IMPRENSA,1913,grifo nosso)

Reforçando as temáticas expostas acima, o jornal, apresenta o teatro e o cinema como umas das ferramentas utilizadas pelos anticlericais para minar à base da sociedade brasileira, em particular, a sociedade paraibana, e consequentemente, “ Deus e seus arautos”. O “ teatro mau e um perigo para a educação e para a moral,os males que nos vêm dos cinemas são mais perigosos ainda,porquê sendo estes de facil ao acesso pecuniario,levam o veneno a todos as classes e aos pontos mais affastados dos grandes centros. [...]” (A IMPRENSA, 04 setembro de 1913). Porém, <<**A Imprensa**>>nos seus editoriais apresenta a *imprensa impressa* mais perigosa do que o teatro e o cinema. Em 30 de abril de 1914, o jornal publica uma correspondência do Rio de Janeiro com esse tema: *O Teatro e a Imprensa Impressa*.

Do rio (Correspondencia especial para a A Imprensa) permitam-me que fira de novo esta importantíssima tecla.[...] o theatro não leva á perdição tantas almas como a imprensa.os senhores sabem que o jornal vai a fazenda,ao arraial, á povoação, aonde não chegamcompanhia de opereta.o jornal entra por cem reis, em muito lar cujas famílias não têm meios que as levem a uma frisa nem sequer as galerias duma casa de espectaculos [...] resta, porém, saber se a victima de má imprensa será mais prejudicial á sociedade, aos filhos, á moral, emm somma, do que a victima do theatro. Resta saber se a victima da má imprensa causa tantos ou mais estragos do que o estactador do theatro por sessoes. (A IMPRENSA, 30 de abril de 1913)

Essas temáticas estendem-se por toda década de 20 também. Em 12 de Agosto de 1920em comemoração ao aniversário do jornal <<**A Imprensa**>> no editorial publica a matéria intitulada *Nosso aniversario*

No próximo dia 15 entra este jornal no seu décimo oitavo anno de existência, comprehendidas as duas fases. São outros tantos annos de pesada e rude luta, de amargos dissabores e triumphos compensadores.

Fazer boa imprensa, sobre tudo fazer imprensa catholica em nosso pais e, na verdade, um dos mais desalentadores misteres, [...]. Todos os catholicos querem imprensa catholica, já dizia desalentadoramente o egregio e sábio bispo d. Francisco, do maranhão, todos querem, entretanto não se resolvem a descruzar os braços.

E o inimigo extremo a combatermos é o polvo de mil tentaculos, terrivel briareu açulado pela colera mais violenta. É a imprensa amoral, immoral ou por ainda, neutra [...]

Quanto custa manter uma folha de princípios que não deixa prostituir no mercado do suborno, que não vende a sua doutrina nem se sustenta dos dinheiros públicos, sabem no quanto tem assumido esse exhaustivo embora glorioso apostolado.

Mas nem por isso, desacoroçoamos prudentes e firmes, atidos a ousteridade do nosso programma, conservar-nos-emos sempre atalaia na defesa do bem público e da fé que professamos. E formaremos sempre, como sempre formamos, do lado desses orgams de bom senso que tomam a defesa dos interesses materiais ou morais do povo [...]. Muito bella, pois, a missão do jornal catholico. [...]

Tratando particularmente de nossa folha, felizmente, não temos muito que nos queixar, porque ao menos dos amigos não nos tem faltado apoio e a cooperação. Ao digno clero parochial, sobretudo, devemos nós a nossa manutenção econômica, os rvmos vigários parahibanos, digamo-lo, tem, em geral, sabido cumprir o seu dever para com o orgam catholico da sua archidiocese. Pelo que, ao encerrar estas breves linhas, deixamos aqui a nossa homenagem a tão dedicados amigos e aos seus dignos rebanhos, cooperadores valorosos desta importantíssima obra de ação social catholica.(A IMPRENSA, 12 de Agosto de 1920)

Nesse editorial em comemoração ao aniversario do jornal é lembrado aos paraibanos o seudever em defender a família e a pátria bem como os dogmas católicos e que a <<**A Imprensa**>> representada pelo diretor-chefe e demais participantes apesar, da longa trajetória, continuam firmes, austeros no cumprimento dessa missão. Essa afirmativa é endossada na matéria do dia 11 de janeiro de 1928 no qual o jornal registra a missão do jornal como “ Orgam de defesa da religião, da família e da sociedade em geral “ (A IMPRENSA, 11 de janeiro de 1928). Logo, <<**A Imprensa**>>continuou firme no seu programa editorial e nas temáticas proporcionadas por ele desde a sua fundação em 27 de maio de 1897 até meados da década de 30. Contudo, ressaltamos que ele também aperfeiçoou o seu noticiárioproporcionando aos seus leitores um caráter informativo, pois, disponibilizava de um vasto noticiário desde as notas sob a Igreja Católica no âmbito internacional, nacional, regional e local até de cunho social, cultural, político, econômico

tanto do cotidiano da Paraíba como do âmbito estadual, nacional e internacional. Além disso, o jornal trazia matérias sob saúde pública, por exemplo, a varíola, a tuberculose, o fumo, o alcoolismo; divulgava os resultados das pesquisas médicas; publicava poemas, crônicas, sonetos, etc. cumprindo assim sua meta em orientar e instruir aos seus leitores com um programa jornalístico noticioso que terá seu auge na década de 30 e início dos anos 40.

4.2.3 Noticioso: o perfil do jornal <<**A Imprensa**>> na década de 30 até os anos de 1942

“[...] pequeno diário de 1931 ao grande diário de 1942 ”
(A Imprensa, 27 de Maio de 1942)

O noticiário do jornal <<**A Imprensa**>> na década de 30 e nos anos 40 atingiu o seu ápice com a fertilidade de informação e a publicidade. Isto pode ser justificado pelo fato do jornal tornar-se diário a partir do dia 7 de setembro de 1931, concretizado assim o objetivo de Dom Adauto¹². Por outro lado, na gestão dos diretores Mario e Carlos Coelho houve investimentos tecnológicos na oficina gráfica que resultou em um jornal bastante técnico para a época; por exemplo, na edição de março de 1934 o jornal registrou “*Noticias da Alemanha (Serviço Internacional das 21 horas de ontem captado diretamente por um aparelho Philco para “A Imprensa”)*”. Além dos avanços tecnológicos o jornal disponibilizava de correspondentes, em particular, nos municípios da Paraíba. Em 13 de maio de 1934 o jornal cita: “[...] enviamos àquela prospera cidade e distritos vizinhos de Píripituba e Alagoinha o nosso companheiro de trabalho, jornalista Gambarra Filho que foi preparar nosso numero”. Outra ferramenta utilizada pelo jornal são os telegramas e as correspondências recebidas que eram editadas. Tudo isso contribui para aumentar o prestígio do jornal tornando-o um dos mais lidos na Paraíba (SANTANA, 2002-2003) e de grande porte editorial, seu ápice.

¹²Objetivo expresso na *Carta pastoral do nosso dever para com a imprensa*. Parahyba: Typ. A Imprensa, 1918. “façam exhortações ao povo afim de que concorram, com o seu obulo, para a manutenção da <<**A Imprensa**>> , nosso jornal catholico, **por enquanto ainda hebdomadário, que ardentemente desejamos passe a diário** para multiplicar o bem que vae fazendo. (HENRIQUES, 1918, p.4 e 21, grifo nosso)

Ressaltamos que as notícias publicadas no jornal nesse período abrangem modalidades bem diversificadas do cotidiano da cidade de João Pessoa, do Estado da Paraíba, dos Estados Brasileiros, da República Federativa e de outros países. Devido ao curto prazo de tempo da pesquisa, estudá-las minuciosamente é impossível, porém, classificamos de maneira geral os conteúdos das notícias que foram facilmente perceptíveis na <<**A Imprensa**>> durante a coleta de dados, que são:



Notícias Locais - João Pessoa;



Notícias Regionais - Estado da Paraíba;



Notícias Nacionais - Estados Brasileiros e da República Federativa do Brasil;



Notícias Internacionais;



Notícias Religiosas;



Notícias de Lançamentos de livros;



Notícias Esportivas;



Notícias Sociais;



Notícias de Cinema e teatro;



Notícias Policiais;



Notícias de Educação;



Notícias políticas;



Notícias econômicas;



Notícias comerciais;



Notícias de saúde;



Artigos;



Avisos;

Além dessas notícias o jornal disponibiliza das seções:

	<i>Nota do Dia;</i>
	<i>Indicador Profissional;</i>
	<i>Cultura Feminina;</i>
	<i>“A Imprensa” Agrícola</i>
	<i>Boletim da Hora Zero;</i>
	<i>Do Teatro da Guerra,</i>
	<i>Nota da Cidade;</i>
	<i>Classificados.</i>

Esclarecemos que existem no jornal outras colunas que não foram mencionadas e que essas colunas registradas durante a década de 30 e início dos anos 40 sofreram variações constantes tanto na apresentação gráfica como na editoração, por exemplo, a Coluna “A Imprensa” Agrícola sob a direção do agrônomo Paulo Miranda que nas quintas-feiras articulava sobre agricultura, pecuária e ruralismo é interrompida alguns meses depois do seu surgimento; A Coluna *Cultura Feminina*, sendo uma página quinzenal sob a direção de um grupo de moças da Associação Católica da Capital, que escreviam sobre religião, artes, literatura, modas e temas atuais para mulheres também saiu de circulação; contudo, reaparece em 1942 intitulada *Mulher e Lar*; A Coluna *Indicadora profissional* comodifusora de profissionais e seus respectivos endereços permaneceu até 1942, já as Colunas *Boletim da Hora Zero* e *Do Teatro da Guerra* aparecem no período da Segunda Guerra Mundial. Sob o noticiário do jornal <<A Imprensa>> o diretor padre Carlos Coelho¹³ expõe que

¹³Exposição feita pelo padre Carlos Coelho ao redigir o Memorial sobre A HISTÓRIA DO FECHAMENTO DE “A IMPRENSA” para o Presidente e demais Membros do Conselho Nacional de Imprensa publicado na obra de PEDROSO, Odilon. *Escritos de Ontem: A Imprensa num quinquênio da vida* [S.l.:s.n.]. 1983(Escritos de Ontem, n.3)

[...] A IMPRENSA tradicional órgão dos católicos paraibanos, fundado há mais de 45 anos – 27 de maio de 1897- pelo primeiro Bispo e Arcebispo da Paraíba, o saudoso Dom Adauto Aurélio de Miranda Henrique. Durante esse já extenso período, passou por varias reformas, procurando sempre, dentro dos limites do meio provinciano, acompanhar os progressos do periodismo brasileiro. Não se **limitou a ser unicamente jornal de doutrinação católica, mas também conseguiu ser folha noticiosa, transmitindo criteriosamente aos seus leitores desde o noticiário internacional, através dos serviços das Agências Associated Press, Nacional e Havas , até as informações comerciais, esportivas e sociais.** Está tecnicamente aparelhada com baterias de compositores “ Linotype, impressora “Rotoplana” e gabinete de fotografia e zincografia, próprios. [...] è o único jornal do Estado que, pela sua tiragem, goza do privilégio da taxa “taxa paga nos Correios”.(PEDROSO, 1983.p 4-5, grifo nosso)

Essa vertente noticiosa de <<A Imprensa>> denominamos como sendo uma característica da linha editorial da década de 30 e dos anos 40 a 42. A outra é a política que teve no seu cerne a propaganda integralista; o combate ao comunismo e apoio ao governo Estadual.

4.2.4 Perfil político do jornal <<A Imprensa>> na década de 30 e anos 40

[...] Precisamos de jornais catolicos para combatemos o comunismo
ateu [...]

Nos catolicos temos a obrigação de conjurar este mal. Devemos nos
bater valentemente contra esses monstros. Aqui na Paraíba, temos um diario
católico, que a custa dos maiores sacrificios, de pesadas lutas, ele vai se
mantendo, é “A IMPRENSA”
(A IMPRENSA, 14 de janeiro de 1940)

No dia 16 de agosto de 1930 na matéria intitulada *A IMPRENSA* o jornal publica:

Entrou a << A Imprensa>> no seu vigésimo sexto anno de publicação.

Em sua primeira phase de existencia, Ella serviu de vheiculo ás idéas regeneradoras que trouxe para o solo parahybano o seu inclito bispo, o incansavel apostalo que teve a gloria de ver abençoados de Deus os seus trabalhos e elevado á dignidade de metropole a sua humilde diocese .

Fundada em 27 de maio de 1897, a <<A Imprensa>> realizou integralmente o seu largo programma, convertendo-se num dos factores do movimento religioso e propulsão da vida catholica.

Após ligeira interrupção, devido a causa empvistas, reapareceu em 15 de agosto de 1912, sem prurido de novidades, prompta para recommençar os bons combates do senhor.

Sempre fóra da arena agitada dos partidos, a <<A Imprensa>> manteve-se firme nos seus principios de jornal catholico e independente, propugnando a ordem social christã, os direitos do magisterio divino da igreja, o respeito ás autoridades constituídas, sem se afastar jamais das normas e directrizes traçados com sabedoria pelo desvelado pastor que está á frente dos destinos desta Archidiocese.

Sabe Deus que difficuldades se acastellaram deante de nos, mas estas, mercê do céu, não conseguiram ainda a entibiarmos o espirito de cumprir o nosso dever.

Infelizmente ainda não podemos levar a effeito o nosso maior desejo que é ter diario o nosso bi-hebdomadario para melhoramento corrersponder á nossas finalidades.

E aqui nos parece opportuno appellar mais uma vez para a dedicação de nossos parochos e para bôa vontade da familia catholica todos com mais afenco em pro da a <<A Imprensa>> o único jornal catholico desta diocese.

E um dever que se nos impõe na hora presente dever que nos é enculcado pelos grandes Pontifices de Leão XII a Pio XI.

A imprensa é a arma de precisão a chamou insigne escriptor, com a qual podemos responder aos ataques ensidiosos levantados contra a igreja, contra o Direito, contra a Moral e a Justiça. (A IMPRENSA, 16 de agosto de 1930)

Nessa matéria em comemoração ao aniversário do jornal, o redator, narrou a trajetória editorial de<<A Imprensa>> ereafirmou o seu ramo jornalístico – um jornal católico, que, desde a sua existência no dia 27 de maio de 1897 permanece firme nos dogmas católicos e na sua missão em doutrinar o povo e defender a religião dos assaltos dos “espíritos fortes” apesar do perfil noticioso. Nesse sentido Pedroso (1983,p.5,grifo nosso)endossa que **“nunca se desviou da linha de conduta traçada pela doutrina católica** e sempre visou um serviço legal ao Brasil, para isso colaborando sempre com as autoridades no sentido do bem comum.” Nesse contexto, na década de 30 e início dos anos 40, o programa editorial do jornal traçado por Dom Adaucto não foi altero, contudo, os “espíritos fortes” nesse período são representados pelo comunismo, então, a missão do jornal é defender a sociedade, a família, a pátria desse mal alicerçada na política integralista e na aliança política entre Igreja e Estado. Ressaltamos que nos primeiros anos da década de 30 existem no jornal matérias ainda relacionadas aos “espíritos fortes” -protestantismo e maçonaria, a exemplo, Em 07 de julho de 1934 o jornal publica “*Protestantes* - Nossa única luz será o evangelho. – Que evangelho?”. Outro exemplo é a do dia 02 de outubro de 1934

quando o jornal divulga: *As excomunhões á Maçonaria* da autoria de Artur Jaguará que informa

Leão XII., como fizeram Clemente XII, Bento XIV e Pio VII condenou a Maçonaria excomungando-a e declarando excomungados os que a ela se filiarem. [...] o Papa chama atenção para o fato de que “estas seitas são a fonte donde partem tantos esforços para transtornar os poderes legítimos e destruir os ensinamentos da igreja” [...].

Porém, as temáticas religiosas depreciam-se e as de cunho político intensificam-se ao longo da década de 30 e nos anos 40. A respeito da política integralista, Santana (2000), expõe que o jornal <<**A Imprensa**>> defendia o integralismo, e combatia o comunismo ou perigo vermelho, pois “observa-se um recrudescimento no combate ao comunismo, e **significativo aumento da propaganda integralista**, através do jornal A IMPRENSA [...] refutando qualquer ideia de mudanças e criando no imaginário [...] o perigo vermelho.” (SANTANA, 2002-2003, p.223-229). Endossando Santana (2002-2003), a autora Gurjão (1994, p.170) expõe que:

[...] a Igreja católica intensificava sua campanha anticomunista. “A IMPRENSA” alardeava os ‘horrores’ do regime soviético enquanto veiculava a propaganda integralista, agora através de uma secção semanal denominada ‘Coluna Integralista’. [...]

Exemplificando o significativo aumento da propaganda integralista e o combate ao comunismo mencionadas pelas autoras Santana (2002-2003) e Gurjão (1994) apresentaremos os meses de agosto e setembro de 1933 e o segundo semestre de 1934 do jornal <<**A Imprensa**>> :

No dia 08 de agosto de 1933 *A Ação Integralista Brasileira: a chegada e esta capital da caravana integralista. A brilhante conferência do escritor Plínio Salgado.*

Numa missão de acendrado patriotismo, traçando direções no meio da confusão, dos caos do momento, o brilhante escritor paulista, dr. Plínio Salgado, vem pela Pátria Brasileira pregando a doutrina integralista [...]. Em propaganda do ideal integralista, que **los nossos leitores já conhecem, através de publicações feitas nesta folha** [...]. (A IMPRENSA, 08 agosto de 1933)

Em 11 de agosto de 1933 a *Margem do Ritmo Integralista* de Chilene de Alverga, explicando que “as classes sociais de João Pessoa tiveram ensejo de ouvir há dias na escola Normal, a palavra de ordem de Plínio Salgado, o chefe conspícuo da Ação Integralista Brasileira”, (A IMPRENSA, 11 de agosto de 1933), contudo. Chilene de Alverga esclarece os princípios integralistas e o seu bem à nação.

No dia 12 de agosto de 1933 *Dum filho ao pai*

- Que significa ,papai,essa bandeira azul que o Plínio Salgado trouxe á Paraíba?
- E a salvação da Pátria meu filho, ameaçada de morte.
- Qual é essa moléstia,que mata o Brasil?
- E a peste amarela do materialismo, socialismo e comunismo [...]

Na mesma edição [12 agosto de 1933],*Ação Integralista Brasileira:nota do triumvirato paraibano* noticiando sobre a caravana de Plínio Salgado a Campina Grande onde “ a conferencia de Campina Grande obteve os aplausos e o acolhimento das figuras de maior destaque intelectual naquela cidade”. (A IMPRENSA, 12 agosto de 1933)

Em 27 de agosto de 1933 informa que:

A situação na Rússia: no Congresso Socialista Internacional reunidos em Paris, são feitas graves acusações ao governo soviético. Ex-deputado socialista se opõe,categoricamente, ao plano de unidade de ação com os comunistas [...] socialismo é um crime porque é indispensável que o cidadão esteja sempre de acordo com o governo [...]

No dia 19 de setembro de 1933 as matérias intituladas *Alerta Contra o Socialismo* e *Integralismo em Marcha!* da autoria de Gustavo Barros. Em 20 de setembro de 1933 na primeira página do jornal redigida por João Carlos Bezerra *O Coração de Carne de Benito Mussolini*

Todo mundo aqui no Rio, está lendo agora *La Vita di Arnaldo*, que é um livro de biografia , escrito pelo fundador do Fascismo sobre o irmão unico, desaparecido há bem pouco [...] *La Vita di Arnaldo* é uma obra em que biografo e biografado se retratam. É um livro muito humano, de todo imprescindível ao futuro biografo de Mussolini e ao futuro historiador do Fascismo. É a anatomia do coração de carne de Mussolini

Por outro lado, no segundo semestre do ano de 1934, o jornal publica na íntegra o Estatuto da Ação Integralista Brasileira na coluna denominada *Instrução do Movimento Integralista*. A propaganda integralista no jornal não é exclusiva dos anos de 1933 e 1934, mas até o ano de 1937¹⁴, porém, o combate ao comunismo “vai cobrir todo o período 1930-45” (GURJÃO, 1994, p.150). Nesse contexto no dia 14 de janeiro de 1940 <<A Imprensa>> publica a matéria intitulada *O jornal católico* da autoria do padre Hildon Bandeira

Cada dia que se passa mais se acentua a necessidade dos bons jornais e sobretudo dos jornais católicos no mundo inteiro, no Brasil aqui em nossa Paraíba para pregarem as grandes idéias, a verdadeira paz, a verdadeira moralidade dos costumes, os verdadeiros caminhos por onde a humanidade deve marchar para encontrar a felicidade relativa deste mundo. É bem verdade, que o jornal tem uma influencia decisiva nos destinos da humanidade. Guia-a para a paz ou para a guerra. Ensina-lhe o bem ou o mal. É uma arma terrível que constrói ou destrói um povo.

O jornal católico para combater o venal, judaico-maçom, bolchevisante, hoje é tão urgente e indispensável. [...] De fato, o diário católico é o veículo mais eficiente para o apostolado moderno, o meio mais prático e providencial para se conseguir a recatolização dos povos. [...] O diário católico é o pulpito da Igreja levado por todos lugares, desde as grandes capitais às pequeninas vilas e sítios, cai nas mãos do burguês [...] como na mãos calejadas dos operários do mucus miseráveis de nossos subúrbios, lê-o o letrado, o homem de cultura e os matutos de nossos sertões adustos e longínquos, enfim, corre de mão a mão quando bem propagado. A todos ele prega a verdadeira doutrina religiosa, profliga os vícios, aponta os tumores sociais que devem ser sarjados, combate os erros políticos, os abusos dos governadores, defende os oprimidos, forma a mentalidade de um povo e colaborando com os poderes públicos dirige-os para os seus verdadeiros destinos eternos e temporais. O Evangelho, do Cristo, código de verdades e de salvação, ele apresenta às inteligências e consciências em seus artigos, sueltos, editoriais e misteriosamente vão entrando na alma dos leitores. Feliz a nação, abençoada a diocese que possui o seu diário católico á altura de suas finalidades, afiado como uma espada, e vibrante como as idéias. Chegamos a um tempo, em que não precisamos mais de igrejas faustosas, adornadas de ouro e cortinas de sêda e damasco, onde se gastavam centenas de contos de réis para louvamos a Deus, é certo... Nos precisamos hoje é de jornais, de diários católicos para levarem o dogma, a moral, sociologia cristã, a liturgia, a vida da igreja aqueles que vivem distantes, longe da igreja [...]. **Precisamos de jornais católicos para combatermos o comunismo ateu**, o nazismo pagão, o laicismo, o liberalismo democrático, o divórcio, o degeneramento dos costumes, os teatros e filmes imorais. O nudismo desavergonhado das praias selvagens, enfim, combatermos todas as forças desfibradoras e aniquiladoras de uma nacionalidade. **Precisamos de diários católicos para salvarmos o Brasil do caos remendo que a**

¹⁴Em dezembro de 1937 Vargas decretou o fechamento da AIB, juntamente com todas as demais organizações partidárias do país. A nota está disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas/1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/AIB>>

Rússia comunista e a guerra ocidental vão lançar a humanidade depois desta luta. A imprensa católica é urgente e insubstituível. [...].

Os inimigos da igreja não dormem. Os seus jornais abertamente anti-católicos ou “inimigos pelo silêncio” que fazem da doutrina católica, como dizia Pio XI, na Encíclica **“Contra o Comunismo Ateu”** estão com suas baterias acessadas contra a Igreja, a Cristo, e a civilização cristã. Nos católicos temos a obrigação de conjurar este mal. Devemos nos bater valentemente contra esses monstros. Aqui na Paraíba, temos um diário católico, que a custa dos maiores sacrifícios, de pesadas lutas, ele vai se mantendo, é “A IMPRENSA”. [...] (A IMPRENSA, 14 de janeiro de 1940, grifo nosso)

Outro exemplo do combate ao comunismo pelo jornal <<**A Imprensa**>> foi a transcrição de uma parte da dissertação do padre Hildon Bandeira intitulada *A Boa Imprensa em Geral* no qual o mesmo proferiu:

[...] Católicos! Chegamos a um tempo em que precisamos muitíssimo de jornais católicos diários [...] **para desferimos uma campanha tenaz desmascarante e violenta ao comunismo ateu que continuou vivo em nosso Brasil** [...] Como se vê, o jornal diário católico é urgente e indispensável para podermos fazer um dique a essa onda esmagadora que **nos vem das potências infernais, representadas no comunismo ateu**, no nazismo hitleriano e no materialismo judaico [...] (A IMPRENSA, 12 de maio de 1940, grifo nosso)

Destacamos que o jornal <<**A Imprensa**>> a fim de combater o comunismo, utilizou-se também da Liga Eleitoral Católica (LEC) que segundo Cavalcante Neto (2007, p.204-205)

[...] Em 1932, com o objetivo de articular-se com o mundo da política, o grupo católico, tendo novamente à frente dom Leme, criou a Liga Eleitoral Católica (LEC). Congregando intelectuais e segmentos da classe média, a LEC teve uma participação expressiva nas eleições de 1933 para a Assembleia Nacional Constituinte, batendo de frente com os candidatos da Liga Pró-Estado Leigo, os quais eram acusados de pertencerem ao credo comunista e inimigos dos ideais católicos. Sua atuação consistiu em supervisionar, selecionar e recomendar ao eleitorado católico os candidatos aprovados pela Igreja, mantendo uma postura apartidária. [...]

Sendo assim, na Paraíba, em 1933 fundou a LEC baseada na nacional (Rio de Janeiro) no qual seu principal objetivo era reconquistar o espaço político perdido na Constituição de 1891, ou ainda, vetar os candidatos leigos, ateus ou comunistas. (SANTANA, 2002-2003). No dia 03 de maio de 1933, a LEC, concorreu ao pleito das

eleições, contudo, não ganhou. Nos plebiscitos posteriores que acontecem no Estado paraibano, participa ativamente da política, porém, aliada ao governo do Estado.

A participação da Igreja Católica se faz mais efetiva na política estadual, através da Liga Eleitoral Católica – LEC [...] através do órgão da Arquidiocese, percebe-se o declarado apoio da Igreja ao partido situacionista, revelando seus temores diante das contradições sociais e defendendo com entusiasmo os princípios integralistas. Seus editoriais, consubstanciados na defesa da Religião, da Pátria e da Família, mesclavam suas mensagens de difusão do integralismo, com a necessidade de implantação de um regime forte e enérgico, sem luta de classes e sem anarquia. (SANTANA, 2002-2003, p.135)

A fim de fortalecer a LEC, e consequentemente, os partidários do Governo Estadual aliado à Igreja Católica, no ano de 1934, por exemplo, o jornal <<**A Imprensa**>> publica artigos de opinião sobre política com a finalidade de instruir e conscientizar os fiéis a votarem nos candidatos apoiados pela LEC, por exemplo,

Liga Eleitoral Católica: Instruções para as Juntas Locais:

Em cada Junta local haverá um livro de registro de eleitores onde todos que se comprometerem a votar de acordo com a sua consciência católica assinarão o seu nome, indicando com clareza a sua residência. No alto da página desse livro estará escrita essa promessa: **Nós abaixo assinados nós comprometemos em consciência a cumprir o dever eleitoral e votar de acordo com a nossa consciência católica, seguindo a orientação da Liga Eleitoral católica** [...]. (A IMPRENSA, 1 de agosto de 1934, grifo nosso)

A respeito do apoio da LEC ao governo do Estado e seus aliados consequentemente do jornal <<**A Imprensa**>> Dias (2008, p.128) explica que

foi com Getúlio Vargas que a relação Igreja e Estado se restabeleceu de forma visível e oficial, concretizada com a Constituição de 1934, que reconheceu a continuidade da separação entre Igreja e Estado, mas permitiu a subvenção financeira no que era de “interesse coletivo” (art. 17). Os artigos da Primeira Constituição Republicana contestados pela Igreja foram suprimidos na Nova Constituição, trazendo benefícios e privilégios para a Igreja.

Reforçando o autor Dias (2008) quanto a aliança existente entre a Igreja Católica e a República Federativa a autora Santana (2002-2003, p.89) alude que

Concomitantemente, o porta-voz da Igreja, o jornal A IMPRENSA, através de sua coluna integralista, incrementava a propaganda anticomunista e a doutrinação integralista. De meados ao fim de julho, o jornal católico iniciou a denúncia de um plano objetivando a “bolchevização do Brasil [...] A guerra psicológica desencadeada um dos jornais mais lidos na capital, fazia parte de uma campanha desenvolvida pela Igreja e pelo o Governo de Vargas a nível nacional. Nesse sentido, A IMPRENSA enfatizava o perigo da doutrinação com comunista e que o Brasil era o país escolhido pelos comunistas para o seu quartel-general na America Latina

Nesse contexto a linha editorial do jornal <<**A Imprensa**>>na década de 30 e nos anos 40 é caracterizada pelo perfil político: aliança entre a Igreja e o Estado e consequentemente o combate ao comunismo em defesa ao integralismo

5 NAS PÁGINAS HISTÓRICAS DE << A IMPRENSA>>: livros (re)editados

Em busca de atender aos objetivos específicos da pesquisa foram registrados quinhentos e trinta e quatro títulos de livros que estão relacionados conforme, o quadro 5.

Nº	Títulos	Ano
1.	Pontos de história pátria	1912
2.	Sobre o divórcio	-
3.	Os meus primeiros versos	1914
4.	Notas biográficas	-
5.	Diccionario chorografico	-
6.	Dominio Hollandez no Brasil	1915
7.	O padre Ibiapina	-
8.	Dúvida	-
9.	Talcos e avellorios	-
10.	Citharedo	-
11.	Saneamento da Parahyba	-
12.	Vida de bárbaros	-
13.	Seccas contra a secca	-
14.	Diccionario bio-bibliographicocearense	1916
15.	O banquete do amor divino 2.ed.	-
16.	Lutas e victorias	-
17.	Introduction ap Union intime avec Dieu	-
18.	Estatística da instrucção	-
19.	Datas e notas para a historia da Parahyba v. 2	-

20.	Perfis, cartas e borrascas passadas: no Brasil e na Europa	-
21.	Relhadas ao pastor das cebolas do Egypto em Itapira: ao apostata Amorim Correia	-
22.	Roteiro policial	1917
23.	Mística flores a Maria e psicologia mínima	-
24.	Do littoral do Sertão	-
25.	Razões de apelação	-
26.	Retraite de Jeunes filles	-
27.	LES Briseurs de blocus – la Haute Banque et la guerre	-
28.	Les Sources d'eau vive	-
29.	Frei Serafim de Catania	-
30.	Os nossos escriptores: apreciações bio-bibliographia	1918
31.	Arte crhistã	-
32.	O problema da dôr 3.ed.	-
33.	Notas de viagem: apontamentos sobre a criação legitima gado zebú....	-
34.	Pequeno atlas de historia natural do homem	-
35.	Esmeraldas	-
36.	Como os Estados Unidos foram envolvidos na guerra	-
37.	Annuario estatistico da Parahyba do Norte,Brasil 1916	-
38.	Almanach para as familias brasileiras anno 1918	-
39.	Joanna Eyre	-
40.	Escorço de chorografia da Parahiba	1919
41.	Para sobremesa	-
42.	Annuario Ecclesiastico da Parahyba do Norte - 2.v	-
43.	Compendio	-
44.	Colleção de mappas mudos	-
45.	Como ser castro?	-
46.	Phalenas	1920
47.	Ataques e defesas	-

48.	O thesouro da Cega: drama em tres actos	1922
49.	Paulino e Marília	-
50.	Fuloreios	-
51.	Historia Eclesiástica de Pernambuco	1923
52.	A Figura das Lesões Corporaes no Direito Criminal Brasileiro	
53.	Horas de Enlevo	1924
54.	O livro do nordeste	1925
55.	Lições da língua materna 5.ed.	1926
56.	Aviação e defesa nacional	-
57.	A Diocese de Pouso [Porto] Alegre em 1925	-
58.	Os Ideaes de S. Francisco de Assis	-
59.	Estudo sobre os Verbos Franceses	-
60.	A rosa de Alencon	1928
61.	Maio	-
62.	Principessa Mafalda	-
63.	Conceitos e Factos	1930
64.	O grande presidente	1931
65.	O Cooperativismo	1933
66.	Cooperativas agrícolas	-
67.	O Liberalismo	-
68.	Ensaio de Biologia	-
69.	A ilusão americana - Reedição	-
70.	Em surdina	1934
71.	Lenine e Gandhi	-
72.	Lagartas e Libelulas 2.ed.	-
73.	Nove mil dias com João Ribeiro	-
74.	Mulherzinhas	-
75.	Freud	-

76.	U.R.S.S Um Novo Mundo Novo	-
77.	Rumos e perspectivas	-
78.	Vida de Beethovem	-
79.	Batalha dos Guararapes	-
80.	Campanha do Conselheiro	-
81.	Nobreza Americana	-
82.	Viagem ao Araguaia 3.ed.	-
83.	A Voz do Oéste	-
84.	Diamantes Pernambucanos	-
85.	Oliveira Salazar	-
86.	Bangüê	-
87.	Suor	-
88.	Contos Pesados	-
89.	Japão	-
90.	Pássaro Tonto	-
91.	Uma família Carioca	-
92.	Emilia no País da Gramática	-
93.	Flavius Josephus	-
94.	O homem eterno	-
95.	Palavras e Sangue	-
96.	Nasceu uma criança	-
97.	E agora, sem moço?	-
98.	A Noite	-
99.	El Dorado	-
100.	Minha Luta	-
101.	O Ciclo Revolucionário do Ministério da Viação	-
102.	Minhas Memórias dos Outros	-
103.	Era uma Vêz uma ilusão	-

104.	Machado de Assis 2.ed.	-
105.	Belazarte	-
106.	A conversão de Eva Lavalliére	-
107.	O Brasil na crise mundial	-
108.	Europa Inquieta	1935
109.	Brasil colônia de banqueiros	-
110.	Sombras que Sofrem 2.ed.	-
111.	Contos de Fadas	-
112.	Fabulas	-
113.	Historia da Civilização Brasileira	-
114.	O Homem sem Coração	-
115.	A Batalha	-
116.	Contos Leves	-
117.	Quatro discursos históricos	-
118.	Quarto Império	-
119.	O Capitalismo Internacional	-
120.	O moleque Ricardo	-
121.	Juventude de Hoje: lares de amanhã	-
122.	Rubaiyat 2. ed.	-
123.	Sepultando os meus mortos	-
124.	Rincão de Herois	-
125.	Iniciação Judiciaria	-
126.	Sinopse da Legislação da Paraíba	-
127.	Scarface	-
128.	O cassetete Malaio	-
129.	O crime no casino	-
130.	Tarzan o rei da Jangal	-
131.	Aventura Política do Brasil	-

132.	Filosofia da Arte 2. ed.	-
133.	Juan Facunde Queiroga	-
134.	Reminiscências	1936
135.	Um sonho de pobre	-
136.	Antologia da Academia Brasileira de Letras	-
137.	O conceito e a imagem na poesia brasileira 2. ed.	-
138.	No limiar da Idade Nova	-
139.	Forma e Exegese	-
140.	Hindengurg	-
141.	Roma Pagã, seus costumes e instituições	-
142.	Dois grandes vultos da Republica	-
143.	Entidades Comerciais	-
144.	Na Fazenda	-
145.	Historia Universal da Literatura	-
146.	Indicações Políticas	--
147.	O Bom amigo e outros contos	-
148.	Territorio Humano	-
149.	Os Catolicos e a Questão Social	-
150.	A Luz do Sub-solo	-
151.	Dante Vivo	-
152.	A.B.C do integralismo	-
153.	Zacarias	-
154.	Terras Mortas	-
155.	Angustia	-
156.	Ocaso de um coração	-
157.	Doutrina Cristã3. ed.	-
158.	Literaturas Estrangeiras	-
159.	Retrato de uma atriz	--

160.	A Bagaceira 6.ed.	-
161.	Raízes do Brasil	-
162.	Santa Tereza do Menino Jesus	-
163.	Poemas aos imortais	-
164.	Historia da Amazonas	-
165.	Dois Mestres 2 ed..	-
166.	Marcha à Ré	-
167.	Evolução do Ensino na Paraíba	-
168.	Últimas crônicas	-
169.	Espelho dos livros	-
170.	Introdução a psicologia social	-
171.	Sociedade de Economia Coletiva	1937
172.	Rosas de todo o ano as do Rosário de Maria	-
173.	Experiência	-
174.	Emquanto Ela Dorme	-
175.	Circulo de Família	-
176.	A Esquila do Pecado	-
177.	O amor na Escandinávia	-
178.	Romance D' uma carioca	-
179.	Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. v.1	-
180.	Nephropatias e Nephrites	-
181.	Diabete sacarino	-
182.	Raparigas Modernas	-
183.	Fidias	-
184.	Rafael	-
185.	Geografia Sentimental	-
186.	O Imperativo Econômico Brasileiro	-
187.	Historias do bem e do mal	-

188.	Documentário do Nordeste	-
189.	A sombra das tamareiras 4. ed.	-
190.	O monstro [O monstro e outros contos] 6. ed.	-
191.	A sabedoria do Quixote	-
192.	Anuario Brasileiro de Literatura 1936	-
193.	Parias 7 ed..	-
194.	Oscarina 2 ed..	-
195.	Galicismos (03/06/1937 e 24/07/1937)	-
196.	A visão do profeta	-
197.	A virgem de Fátima e seus milagres	-
198.	Compendio de Literatura Cristã	-
199.	O sagrado esforço do homem	-
200.	O homem que não era ninguém	-
201.	Compendio de Direito Administrativo Brasileiro	-
202.	A fábrica do novo homem (03/06/1937 e 31/08/1937)	-
203.	Historias de todas as cores	-
204.	Voltaire	-
205.	Os olhos do irmão moderno	-
206.	O neto de Marco Aurelio: impressões sobre D. Ped.ro II	-
207.	Nicolau II: o prisioneiro da Purpura	-
208.	A Castelã do Líbano [Castelo de Pureza]	-
209.	O Almirante Saldanha e a Revolta da Armada	--
210.	O esperado 2. ed.	-
211.	O estrangeiro 2. ed.	--
212.	Novas Cartas Persas	-
213.	As jóias dos ostrekoff	-
214.	O espectro da cara cinzenta	-
215.	Sinagoga Paulista	-

216.	Receitas para Você	-
217.	A vida singular de Angelim	-
218.	O Outro Nordeste	-
219.	Nacionalismo: o problema judaico e o nacional – Socialismo	-
220.	O grande desconhecido	-
221.	A ronda dos séculos 4. ed.	-
222.	Historia dos Mares do Sul	-
223.	A Doutrina Social da Igreja	-
224.	Precauções a serem tomadas nos contratos de compra e venda de bens imóveis 2. ed.	-
225.	O Petroleo (04 /09/1937 e 07/09/1937)	-
226.	Judaísmo, maçonaria e comunismo	-
227.	Historia Verdadeira dos marcos de compensação	-
228.	A Revolução franceza	-
229.	Brasilidade	-
230.	Historia da Velha Totonia	-
231.	Loucura e Crime	-
232.	Sombras que Sofrem 6. ed.	-
233.	Geografia Sentimental 2. ed.	-
234.	Suburbio	-
235.	Experiencia 2. ed.	-
236.	Teatro	-
237.	Na Terra do Mahdi – 3 v	-
238.	Inacio de Loiola	-
239.	O aventureiro	-
240.	Minha Vida Querida	-
241.	Castro Alves	-
242.	China, velha China	-
243.	Sinfonia Sideral	-

244.	Musica ao longe 2. ed.	-
245.	Capitães da Areia	-
246.	A Paraíba e seus problemas	-
247.	Morro do Moinho	-
248.	As aventuras de Tibicuera	-
249.	Histórias de João Tajá	-
250.	Mundos Mortos	-
251.	Talleyrand	-
252.	A Garra de Cristal	-
253.	Cristina da Suecia	-
254.	O Nilo: a historia de um Rio	-
255.	Mixuangos	-
256.	Rua do Siriri	-
257.	A Esmeralda da Quadrada	-
258.	Na Terra do Mahdi – v.2	-
259.	Asa de Morcêgo	-
260.	Do Brasil ao Japão	-
261.	Alma Varia	-
262.	O reino das mulheres sem Lei	-
263.	Historia da Terra e da Humanidade	-
264.	O orfeão na escola Nova	-
265.	No rolar do tempo	1938
266.	A bagaceira 7. ed.	-
267.	Simão Bolivar	-
268.	Tratado Pratico de Correspondencia Comercial	-
269.	Os grandes Bemfeitores da humanidade	-
270.	Ruth	-
271.	O Amanuense Belmimiro	-

272.	Na terra do Mahdi - 3 v	-
273.	Conta uma historia	-
274.	Pequena historia do mundo	-
275.	Os grandes sonhos da humanidade	-
276.	A questão Judaica	-
277.	Discursos: rumo da diplomacia brasileira	-
278.	ABC de João e Maria	--
279.	Carlos Magno e seus cavaleiros	-
280.	Nordeste	-
281.	Historia verdadeira dos Marcos de Compensação v.2	--
282.	Autos de Devassa da Inconfidencia Mineira – v. 5	-
283.	A Festa das Letras	-
284.	A carga Macabra	-
285.	Subsidios para o estudo da estrutura política do Estado Novo	--
286.	O índio Brasileiro e a revolução franceza	-
287.	Navios iluminados	-
288.	Ensinando a nadar	-
289.	Basket –Ball (20/04/1938 e 18/06/1938)	-
290.	Brasílio Machado	-
291.	Saltos e Lançamentos (13/05/1938 e 18/06/1938)	-
292.	Veraneios nas Praias (13/05/1938 e 18/06/1938)	-
293.	Foot –Ball (13/05/1938 e 18/06/1938)	-
294.	O acampamento e a timidez: conselhos de pedagogia e educação	-
295.	Memorias 10. ed.	-
296.	O Estado Autoritário e a Realidade Nacional	-
297.	Traços a Carvão	-
298.	Roosevelt	-
299.	Recenseamento Torácico	-

300.	Doença e Constituição de Machado de Assis	-
301.	Idade, Sexo e Tempo: três aspectos da psicologia humana	-
302.	Pinheiro Machado	-
303.	Pedra Bonita	-
304.	Ritmo Ariano	-
305.	Anuario brasileiro de literatura de 1938	-
306.	O grande atirador	-
307.	O bando dos anjos vermelhos	-
308.	Entre Abutres	-
309.	Nove historias tranquilas	-
310.	O caso da dama apavorada	-
311.	A gata persa	--
312.	Sem olhos em gaza	-
313.	O homem e a paisagem	-
314.	Arco Iris	-
315.	Eça de Queiroz e o século XIX	-
316.	O moleque	-
317.	Ritmos Estranhos	-
318.	Arte de cozinhar 2. ed.	-
319.	Movimento extremista de natal em 1935	-
320.	A Paraíba Anedotica	-
321.	A Odisse'a de um medico americano (14/12/1938 e 18/02/1939)	-
322.	Os grandes processos da historia - v. 2	-
323.	Morrodos ventos Uivantes	-
324.	O calvário das sêcas	-
325.	Urso-com-Musica-Na-Barriga	-
326.	Bichos da Africa (17/12/1938 e 28/01/1939)	-
327.	Salazar	1939

328.	Teresópolis	-
329.	Ritmos do século	-
330.	Síntese histórica da Paraíba	-
331.	Histórias de bicho	-
332.	Gómez, Tirano dos Andes	-
333.	A luta contra a morte	-
334.	O Mistério do polyantha	-
335.	Mão decepada	-
336.	O médico em casa	-
337.	Problemas do Brasil	-
338.	Cinco Anos de Cirurgia	-
339.	Retrato de Alfonsus de Guimarães	-
340.	Novos Poemas	-
341.	Idade, Sexo e Tempo 2. ed.	-
342.	Memórias de um senhor de engenho	-
343.	Os Azevedos do Poço	-
344.	O Amanuense Belmimiro 2. ed.	-
345.	Kummunka	-
346.	Filosofia da ordem nova	-
347.	Os judeus e nós os cristãos	-
348.	Descrição dos rios Paraíba e Gurupi (Reedição)	-
349.	As minas do Brasil e sua legislação	-
350.	Confiteor	-
351.	O Idealismo da Constituição 2. ed.	-
352.	Tobias Barreto	-
353.	Mãos vazias	-
354.	Canudos: diário de uma expedição	-
355.	Peru versus Bolívia (Reedição)	-

356.	A unica solução	-
357.	A arte de pensar	-
358.	Vozes de Ariel	-
359.	A instrução nas províncias	-
360.	Namoros com a medicina	-
361.	Poemetos a feição do Oriente	-
362.	Visconde de Abaete	-
363.	Escravidão Africana no Brasil: das origens á extinção	-
364.	Migrações e cultura indígena	-
365.	Anuario Brasileiro de Literatura 1939	-
366.	Outra vez os 3 porquinhos	-
367.	Primeira Jornada no reino da musica	-
368.	Como fazer amigos e influenciar pessoas	-
369.	Alexandre Rodrigues Ferreira	-
370.	A vida do Elefante Brasilio	-
371.	Origens e transformações do materialismo histórico: de Marx a Stalin	-
372.	Dois perfis	-
373.	Evolução econômica da Paraíba	-
374.	Emboscada do destino (11/06/1939 e 08/07/1939)	-
375.	Historia da Civilização Européa	-
376.	Garibaldy e a guerra dos farrapos	-
377.	Cesar	-
378.	Elementos de estatística geral 2. ed.	-
379.	A serpente de pluma	-
380.	Vida de Disraeli	-
381.	Ela ...	-
382.	Mussolini	-
383.	Tóxico	-

384.	A inteligência de Mr. Reeder	-
385.	Os quatros homens justos	-
386.	As aventuras de Jimmif Dale	-
387.	Minha Luta 3. ed.	-
388.	História das guerras e revoluções do Brasil	-
389.	Noiva	-
390.	Dicionário de Etnologia e Sociologia	-
391.	Dor de amar	-
392.	Os Caminhos Seculares	-
393.	A volta de ela	-
394.	A revolução Farroupilha	-
395.	O príncipe Romântico	-
396.	Da aclamação á maioria	-
397.	Beijo ao Luar	-
398.	Da colocação dos pronomes pessoais	-
399.	Os semeadores de glórias	-
400.	Os males do presente e as esperanças do futuro: estudos brasileiros	-
401.	Anne Shirley	-
402.	Enquanto a morte não vem	-
403.	A vida secreta de D'Anunzio	-
404.	Seis dias de amor	-
405.	Do Guaira aos saltos do Iguaçu	-
406.	Capitão Blood	-
407.	Evolução econômica do Brasil	-
408.	Cabocla 2. ed.	-
409.	A ciência da natureza humana	-
410.	A maltrapilha	-
411.	Biologia Educacional	-

412.	A freirinha (Reedição)	-
413.	Peter Lund no Brasil	-
414.	O amor nunca morre	-
415.	Historia da educação	-
416.	Machado de Assis	-
417.	Ensaio de suma católica contra os sem-Deus	-
418.	Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios do Brasil	-
419.	Índios do Brasil	-
420.	Memórias dum caçador de homens	-
421.	A instrução nas províncias 2. ed.	-
422.	Historia da Agricultura Brasileira - v.1	-
423.	Reserva de brasilidade	-
424.	A prodigiosa Aventura	-
425.	Os grandes processos da historia - v. 4	-
426.	A Evolução da Física	-
427.	A conquista do Brasil	-
428.	Viagem, Caçadas e explorações	-
429.	As artes	-
430.	Viagem pelo Amazonas e o Rio Negro	-
431.	Os grandes processos da historia - v.3	-
432.	Dois Romances de Nico Horta	-
433.	A educação sexual (para paes e educadores)	-
434.	Evaristo da Veiga	-
435.	Dedo Mindinho	-
436.	Hoje	-
437.	Historia Social do Brasil – 3 v	1940
438.	Panorama do Segundo Imperio	-
439.	Minotauro	-

440.	Casamentos na Tormenta Vermelha	-
441.	A Flexa de ouro	-
442.	Estudo da língua Nacional	-
443.	Farias Brito: o homem e a obra	-
444.	Os grandes pensadores	-
445.	Estudos Históricos - Tomo 1	-
446.	O destino (Reedição)	-
447.	Alma em flor (Reedição)	-
448.	Amazonia	-
449.	A prisioneira do dragão vermelho	-
450.	Itinerário de Paris	-
451.	O batedor de florestas	-
452.	Amôr de outono	-
453.	Um coração entre flores	-
454.	O Mistério do Elefante	-
455.	O Estado Nacional : sua estrutura, seu conteúdo ideológico	-
456.	J.T.M.	-
457.	Roteiro de Margarida	-
458.	Dona Barbara	-
459.	Bagana Apagada	-
460.	Memorias secretas de D. Carlota Joaquina 3.ed.	-
461.	Bandeiras e Bandeirantes de São Paulo	-
462.	Rui Barbosa: coletânea Literária	-
463.	Publicidade e Propaganda	-
464.	Tarzan e a Cidade do Ouro	-
465.	O terror do ar	-
466.	A Cidade Sepultada	-
467.	Eletricidade sem mestre	-

468.	Historia Geral da Agricultura Brasileira - 2 tomo	-
469.	Pesquisas e exploração de petróleo	-
470.	Paternidade	-
471.	Pulila sem tutor	-
472.	O tormento das trevas	-
473.	O segredo no noivado	-
474.	Domina	-
475.	A língua Brasileira – v.1	-
476.	Pequeno Dicionário de nomes de pessoas	-
477.	Terra dos homens	-
478.	Passagens do mundo	-
479.	O Rio São Francisco	-
480.	A psicologia da fé 4. ed.	-
481.	Qual dos três ?	-
482.	O crime dos três inocentes	-
483.	Encantamento 3.ed.	-
484.	Como criar meu filhinho 2.ed.	-
485.	Expressões do populario sertanejo	-
486.	Uma viagem a lua	-
487.	Bolsos Vasios	-
488.	O patriota	-
489.	Esperança	-
490.	O Romance da Ciência	-
491.	Gestado	-
492.	Os grandes processos da historia - v. 6/7	-
493.	As novas proezas de Jimmie Dale	-
494.	O castelo pegou fogo	-
495.	A Vida de Elenora Duse	-

496.	A ciência de viver	-
497.	Saúde, doença e destino do homem	-
498.	Comentarios da Medicina	-
499.	Nosso amigo o Sol	-
500.	Vazea do Assú	-
501.	Um homem dentro do mundo	-
502.	Os que sofrem	-
503.	Os heróis do Caaró e Pirapó	-
504.	Os grandes processos da historia - v.9	-
505.	A conquista dos Ares	-
506.	Arquitetos de idéias	-
507.	Astrologia Pratica	-
508.	Calendario cafeeiro	1941
509.	Memento de Dietética e Terapêutico	-
510.	O drama da Europa	-
511.	Vidas em tumulto	-
512.	Crime e Castigo	-
513.	O Meu Livro	-
514.	Mundos imaginários	-
515.	Historia Comica	-
516.	Christus	1942
517.	Organização do Trabalho	-
518.	Manual do garçon	-
519.	Mrs. Simpson, a mulher que poderia ter sido rainha	-
520.	O morro dos maus espiritos	-
521.	O camelo preto	-
522.	Eu fui secretario particular de Churchill	-
523.	A ilusão maçônica	-

524.	Era uma colegial	-
525.	Polemicas	-
526.	Crendices do Nordeste	-
527.	Anjo 2. ed.	-
528.	A comedia literaria	-
529.	Anuario Brasileiro de Literatura	-
530.	Gravetos	-
531.	Trabalho e Tuberculose	-
532.	Um espirito que se achou a si mesmo	-
533.	A vida de Rui Barbosa	-
534.	Impressões da Comissão Rondon 5. atual. e rev.	-

Quadro 5 - Títulos dos livros divulgados no jornal <<A Imprensa>>(1912 a 1942)

Fonte: Dados da Pesquisa, 2010

No quadro 5 os títulos dos livros foram classificados de acordo com suas respectivas décadas, fundamentando desse modo a elaboração da Tabela 1.

Tabela 1- Títulos dos livros divulgadosno jornal <<A Imprensa>>

Títulos Décadas	VALORES ABSOLUTOS	VALORES RELATIVOS %
Década de 10 ¹⁵	45	8,43
Década de 20	17	3,18
Década de 30	374	70,04
Década de 40 ¹⁶	98	18,35
Total	534	100 %

Fonte: Dados da Pesquisa, 2010

¹⁵ A pesquisa foi realizada a partirde 1912

¹⁶ O estudo foi delimitado nos anos de 1940 a 1942

Os resultados apresentados na Tabela 1 indicam que na década de 30 encontra-se a maior quantidade de títulos publicados e divulgados pelo jornal. Em segundo lugar, a década de 40, em terceiro lugar a década de 10 e em último lugar a década de 20. Na década de 30 os primeiros anos 1930 a 1933 são registrados apenas 07 livros. Entretanto, no ano seguinte, 1934, ocorre um aumento na divulgação, pois foram divulgados 38 livros, contudo, ocorrendo o inverso em 1935, ou seja, uma redução na quantidade de títulos divulgados para 26 livros. Nos anos consecutivos essa quantidade continuou oscilando tendo como ápice o ano de 1939 com 110 títulos divulgados pelo jornal conforme demonstra o quadro 6.

Quadro 6 - Títulos de livros divulgados no jornal <<**A Imprensa**>>na década de 30

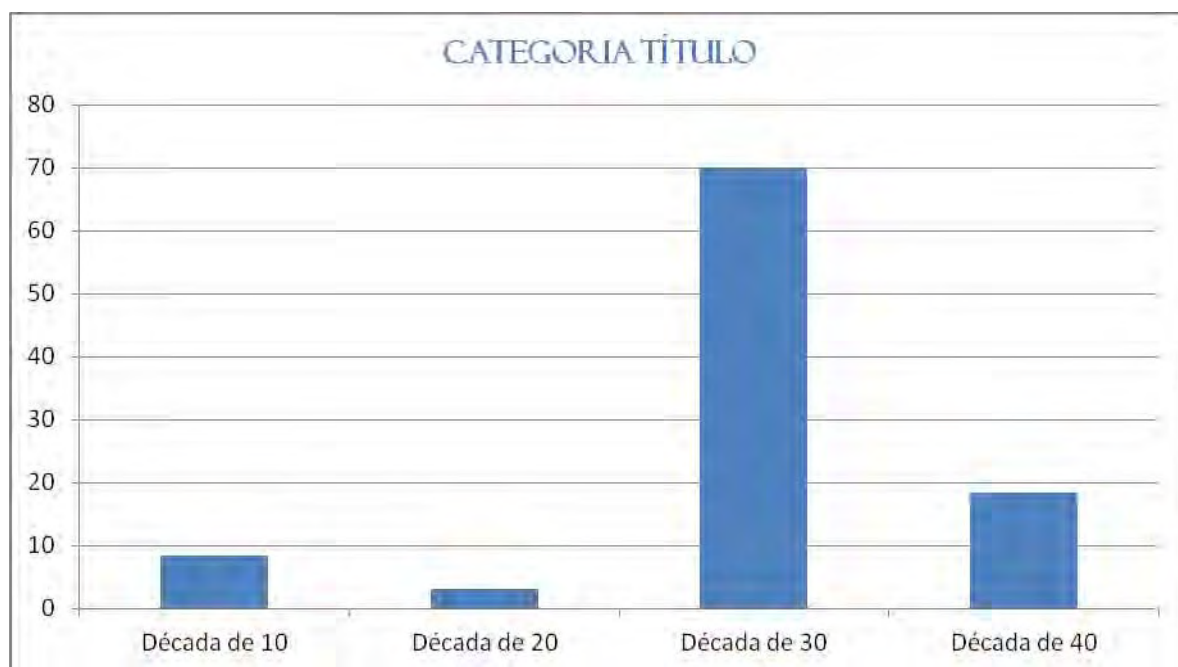
Década de 30	Títulos Divulgados
1930	01
1931	01
1932	0
1933	05
1934	38
1935	26
1936	37
1937	94
1938	62
1939	110

Fonte: Dados da Pesquisa, 2010

Observando-se os anos 40 o jornal <<**A Imprensa**>> divulga 98 títulos de livros. Sendo 71 livros no ano de 1940; 08 livros em 1941, e no ano de 1942 apenas 19 livros foram divulgados. Essa redução na publicação e divulgação de livros nos anos 40 em relação à década de 30 pode ser explicada a partir de duas causas: sendo a primeira, a Segunda Guerra Mundial no qual o jornal intensificou as notícias sob as batalhas e os eixos

da guerra como também incorpora a sua estrutura editorial, as *Colunas Boletim da Hora Zero, Do Teatro da Guerra* e artigos de opinião sobre a guerra, a exemplo da notícia veiculada no dia 27 de maio de 1942, intitulada *Meditação sobre a guerra*, da autoria de Luiz Delgado. A segunda causa revela-se com a inclusão das colunas: *Curiosidades Literárias, Atualidades Literárias e Novidades Literárias*. Colunas, cujo perfil se assemelha ao das colunas: *Bibliographia, Livros e Livros Novos*, cuja função consistia em divulgar os livros publicados pelas editoras ou autores. Apesar da semelhança os livros veiculados nas novas colunas não foram registrados neste estudo, considerando que a pesquisa foi delimitada em função das colunas *Bibliographia, Livros e Livros Novos*. Portanto, isso pode de certo modo inferir no quantitativo de obras que foram descortinadas nesta pesquisa, que indica outras possibilidades de estudos posteriores com o acréscimo das novas colunas, assim como o alargamento do período cronológico, uma vez que o estudo em pauta restringiu-se ao ano de 1942, em função de fechamento do Jornal <<**A Imprensa**>> por determinação da interventoria federal no Estado sob o comando de Rui Carneiro, resquícios do período getulista.

Na década de 10 são divulgados 45 livros superando a década de 20 com 17 títulos divulgados. Destacamos que, de maneira geral, houve um aumento na publicação e divulgação de livros na Paraíba, e, em circulação, nas colunas *Bibliographia, Livros e Livros Novos* presentes no jornal <<**A Imprensa**>> das décadas de 10 aos anos 40 conforme o Gráfico - 1.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2010

Queremos destacar que esse aumento na produção editorial divulgada pelo jornal <<**A Imprensa**>> na Paraíba reflete o aumento da produção editorial no Brasil, momento em que houve um índice maior na publicação e edição de títulos novos e reeditados pelas casas editoriais, conforme a Tabela 2, apesar das influências externas como segunda guerra mundial, questões políticas, o papel da igreja neste contexto entre outros aspectos.

Tabela 2- Títulos de livros novos e reeditados divulgados no jornal <<**A Imprensa**>>

Títulos Gênero	VALORES ABSOLUTOS	VALORES RELATIVOS %
Títulos Novos	487	8,80
Títulos Reeditados	47	91,20
Total	534	100 %

Fonte: Dados da Pesquisa, 2010

5.1 Títulos Reeditados e divulgados no jornal <<A Imprensa>>

Neste subcapítulo tratamos, especialmente, sobre os livros reeditados e divulgados pelo jornal <<A Imprensa>>. Livros esses que tiveram sua reedição pautada pela qualidade da publicação, outros em função de ser considerados da literatura universal, ou seja, aqueles cujos conteúdos encontra-se voltado para aspectos literários em seus vários gêneros como romances, contos, poesias e outros que se aproximavam da realidade trazendo à tona conteúdos que de algum modo aproximavam a vida brasileira e a literatura, como revela o quadro 7. Os títulos reeditados e divulgados no jornal <<A Imprensa>> são:

N	Títulos Reeditados	Autor	Publicação	Reedição
1.	Minha Luta 3. ed.	Adolf Hitler	1934	1939
2.	Idade, Sexo e Tempo 2. ed.	Alceu Amoroso Lima	1938	1939
3.	Machado de Assis 2.ed.	Alfredo Pujol	1917	1934
4.	Impressões da Comissão Rondon5. atual. e rev.	Amílcar Botelho de Magalhães	-	1942
5.	O Amanuense Belmimiro 2. ed.	Ciro dos Anjos	1937	1939
6.	Como criar meu filhinho 2.ed.		-	1940
7.	O problema da dôr 3.ed.	Mello Lula		1918
8.	Memórias secretas de D. Carlota Joaquina 3.ed.	José Presas	1830	1940
9.	Descrição dos rios Parnaíba e Gurupi (Reedição)	Gustavo Dodt	1873	1939
10.	A ilusão americana (Reedição)	Eduardo Prado	1890	1933
11.	Musica ao longe 2. ed.	Erico Verissimo		1937

12.	Peru versus Bolivia (Reedição)	Euclides da Cunha	1907	1939
13.	Lições da língua materna 5.ed.	Francisco Xavier Junior	-	1926
14.	O banquete do amor divino 2.ed	Frazzimettti	-	1916
15.	Viagem ao Araguaia 3.ed.	Couto de Magalhães		1934
16.	Encantamento 3.ed.	Guilherme de Almeida	1925	1940
17.	A ronda dos séculos 4. ed.	Gustavo Barroso	1920	1937
18.	Lagartas e Libelulas 2.ed.	Humberto de Campo	1934	1934
19.	Sombras que Sofrem 2.ed.	Humberto de Campo	1934	1935
20.	O conceito e a imagem na poesia brasileira 2. ed.	Humberto de Campo	1929	1936
21.	A sombra das tamareiras 4. ed.	Humberto de Campo	1934	1937
22.	O monstro [O monstro e outros contos] 6. ed.	Humberto de Campo	1932	1937
23.	Parias 7 ed..	Humberto de Campo	1933	1937
24.	Oscarina 2 ed..	Humberto de Campo	1931	1937
25.	Sombras que Sofrem 6. ed.	Humberto de Campo	1934	1937
26.	Memorias 10. ed.	Humberto de Campo	1933	1938

27.	Anjo 2. ed.	Jorge de Lima	1934	1942
28.	A Bagaceira 6.ed.	Jose Américo de Almeida	1928	1936
29.	A bagaceira 7. ed.	Jose Américo de Almeida	1928	1938
30.	Precauções a serem tomadas nos contratos de compra e venda de bens imóveis 2. ed.	L. Nogueira de Paula	1935	1937
31.	A freirinha (Reedição)	M. Delly	-	
32.	O destino (Reedição)	M. Delly	-	1940
33.	Alma em flor (Reedição)	M. Delly	-	1940
34.	Arte de cozinhar 2. ed.	Maria de Lourdes	-	1938
35.	Experiência2. ed.	Martinho Nobre de Melo	1937	1937
36.	Elementos de estatística geral 2. ed.	Milton da Silva Rodrigues	-	1939
37.	Doutrina Cristão 3. ed.	Pascucci		1936
38.	O Idealismo da Constituição 2. ed.	Oliveira Viana	1927	1939
39.	Rubaiyat 2. ed.	Omar Khayyam	-	1935
40.	A psicologia da fé 4. ed.	Leonel Franca S.J	-	1940
41.	Geografia Sentimental 2. ed.	Plinio Saldado	1937	1937
42.	O esperado 2. ed.	Plinio Salgado	1931	1937
43.	O estrangeiro 2. ed.	Plinio Salgado	1926	1937
44.	A instrução nas províncias 2. ed.	Primitivo Moacir	1939	1939
45.	Cabocla 2. ed.	Ribeiro Couto	1931	1939

46.	Dois Mestres 2 ed..	Stefan Zweig	-	1936
47.	Filosofia da Arte 2. ed.	Vicente Licinio Cardoso	-	1935

Quadro 7 - Títulos reeditados e divulgados no jornal <<A Imprensa>> (1912 a 1942)

Fonte: Dados da pesquisa, 2010

Ainda em análise ao quadro 7 pode-se verificar que o total de títulos reeditados e divulgados pelo jornal são de 47 livros. Contudo, vale ressaltar que essa quantidade pode ser maior, pois, alguns títulos eram reedições, entretanto, na nota informativa não foram mencionadas as edições. Por exemplo, os títulos *As Minas do Brasil e sua legislação* e *Do Guaiara aos saltos do Iguaçu* são exemplos de segundas edições da Coleção Brasileira¹⁷ publicadas pela Companhia Editora Nacional, editora privada com forte poder de circulação de obras, tendo como um de seus idealizadores, o escritor Monteiro Lobato. Outro fato importante é que um número relevante de títulos foi traduzido para língua portuguesa e que alguns desses livros podem conter um número maior de reedições, sobretudo em seus lugares de origem, contudo, esse é um fato que poderá levar outras pesquisas, não sendo, portanto possível no contexto deste estudo esgotar a hipótese.

Dos livros reeditados destacam-se os livros de Humberto de Campos publicados pelo Editor José Olímpio nos anos de 1934 a 1937, ou seja, após a morte do autor no dia 5 de dezembro de 1934, onde “a livraria José Olímpio Editora, prossegue incessantemente nas publicações das obras lapidárias do grande escritor maranhense” (A IMPRENSA, 31 de janeiro de 1936), como declara os escritos do Jornal <<A Imprensa>>, ao registrar: “[...] os livros do grande escritor brasileiro continuam obtendo grande sucesso” (A IMPRENSA, 14 de maio de 1937). O sucesso de vendas é uma das justificativas para as reedições dos títulos. Por exemplo, *Idade, Sexo e Tempo* da autoria de Alceu Amoroso Lima que “[...] esgotados rapidamente os exemplares da 1ª edição viu-se a conhecida casa editorial na necessidade de lançar imediatamente a edição que agora aparece [...]” (A IMPRENSA, 08 de fevereiro de 1939). Outro exemplo é a obra *Elementos de estatística geral* de Milton da Silva Rodrigues pela Companhia Editora Nacional, que [...] dando o rápido esgotamento da primeira [...] **após dois anos do aparecimento da primeira** (A IMPRENSA, 29 de julho de 1939, grifo nosso) foi lançado à segunda edição.

¹⁷ Pesquisa realizada na *Coleção Brasileira* disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br>>

Ressaltamos também que essas reedições estão relacionadas ao perfil editorial das coleções lançadas no mercado livresco pelos editores; por exemplo, o título *A nobreza americanade* Pierre Coulevain que foi reeditado pela Companhia Editora Nacional na Coleção Novas Bibliotecas para Moças, com o fito de estabelecer um padrão de leitura que auxiliasse a formação das “boas moças”, ou seja, era preciso acompanhar e orientar a leitura e estabelecer os limites inclusive de interpretação social, como registra o Jornal <<**A Imprensa**>>, em edição de 10 de julho de 1934:

A Campanhia Editora Nacional, LEADER divulgadora do livro no Brasil acaba de empreender uma campanha pelo soerguimento do chamado livro para moças. Assim é que as recentes traduções da sua “Nova Bibliotecas das Moças”, estão se apresentando sob a responsabilidade de nomes portadores de segura reputação no mundo brasileiro das letras [...] “Nobreza Americana”, por exemplo, traduzido da 135ª edição francesa reabilita os fóros desse gênero de livros [...] É livro de muita vida, livro que marca lugar no espírito das leitoras.

(A IMPRENSA, 10 de julho de 1934)

Outro exemplo é o livro de José Américo de Almeida intitulado *A Paraíba e seus problemas*, reeditado duas vezes pela Livraria Globo de Porto Alegre.

A Paraíba e seus problemasfaz parte da “Biblioteca de Investigação e cultura, a nova coleção lançada pela livraria do Globo. Tal coleção é organizada e dirigida pelo prof. Josué de Castro, é uma das mais interessantes até hoje editadas em nosso paiz.”(A IMPRENSA, 26 de outubro de 1937)

Sobre o intervalo de publicação da primeira edição as reedições dos livros são diversificadas porque algumasforam reeditadas em séculos diferentes, outras após dois anos do aparecimento da primeira ou ainda após alguns meses como foi o caso do título *Experiencia* que “poucos mezes decorreram sobre a publicação da edição inicial [...] e já a Livraria José Olímpio editora tem a necessidade de lançar a segunda edição” (A IMPRENSA, 21 de setembro de 1939).

Assim pode-se inferir que a reedição era uma estratégia adotada pelas grandes editoras no sentido de manter no mercado obras de interesse social e outros na categoria de gêneros literários, movimento em expansão também em virtude do surgimento e reconhecimento da literatura regionalista, de uma suposta ‘nova’ literatura. Da descoberta de novos talentos assim como o surgimento e ampliação do mercado editorial que mais

tarde vai influenciar nos idos dos anos 40, no surgimento da primeira editora pública brasileira, sob o auspicioso comando de José Simeão Leal¹⁸ (OLIVEIRA, 2009).

5.2 Os autores divulgados no jornal <<A Imprensa>> na Paraíba

Proporportuno, ressalte-se que embora os livros sejam objetos de destaques por seus títulos, o Jornal em suas colunas *Bibliographia*, *Livros e Livros Novos* dava realce principalmente aos autores, quase que uma espécie de consagração ao ato criador, destacando inclusive as formas e possibilidades de autoria, aqui categorizando-os como: autor pessoal, autoria coletiva, autoria desconhecida, autor, entidade, e ordenados alfabeticamente, como mostra o quadro 8, contrariando possivelmente a morte do autor (FOUCAULT, 1999)¹⁹. O sujeito era valorizado, e o texto parece revelar-se como secundário neste Jornal, tanto que estava sempre à mostra a origem do sujeito, seu papel social. Era o enaltecimento do criador em função da obra.

Autor Pessoal	
1.	A. Almeida Junior
2.	A. C. Tavares Bastos
3.	A. de Lima Campos
4.	A. Tenorio d' Albuquerque
5.	A. Veloso Rabelo
6.	Aderbal Piragibe
7.	Adolf Hitler
8.	Afonso Arinos de Mélo Franco
9.	Alberto Rangel
10.	Alcantara Machado

¹⁸ A esse respeito consultar a tese de doutoramento intitulada **José Simeão Leal**: escritos de uma trajetória, da autoria de Oliveira, Bernardina Maria Juvenal Freire de. Defendida no doutorado em Letras UFPB, 2009.

¹⁹ A esse respeito ler FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 2. ed. [S.l.]: Passagens, 1992.

11.	Alceu Amoroso Lima(Tristão de Ataíde)
12.	Aldous Huxle
13.	Alessandro Varaldo
14.	Alexandre dos Anjos
15.	Alfredo Adler
16.	Alfredo Maranhão
17.	Alfredo Mesquita
18.	Alfredo Pujol
19.	Alfredo Russel Wallace
20.	Alfredo Valadão
21.	Alfredo Xavier Pedrosa
22.	Alia Rachmanova
23.	Alirio Meira Wanderlei
24.	Alvaro Negromonte
25.	Alvarus de Oliveira
26.	Amando Cainby
27.	Amando Fontes
28.	Amarilo de Albuquerque
29.	Americo Falcão
30.	Amilcar Botelho de Magalhães
31.	Anatole France
32.	Andre Malraux
33.	André Mourois
34.	Angelo Guido
35.	Angione Costa
36.	Anibal de Matos
37.	Anor Butler Maciel
38.	Antenor Morais

39.	Antoine Valpeau
40.	Antoine Saint Evupery (Exupéry)
41.	Antonio Barata
42.	Antonio Nominando Diniz
43.	Araujo Filho
44.	Ariosvaldo Espinola
45.	Armando d'Aguiar
46.	Armando Vieira
47.	Armino Guaraná
48.	Armitage Trail
49.	Arnaldo Guedes Pereira
50.	Artur Neiva
51.	Artur Ramos
52.	Athos Damasceno Ferreira
53.	Austen Amaro
54.	Azevedo Amaral
55.	Barão de Stndart
56.	Batista Pereira
57.	Benigno Lira
58.	Bertoldo Braun S. J.
59.	Braulio Xavier
60.	Bruno de Almeida Magalhães
61.	Bufalo Bill
62.	Bulcão Junior
63.	C. de Saint-Germain
64.	Caio Prado Junior
65.	Carl Friedrich Philipp von Martius
66.	Carlos B.P. de Lyra

67.	Carlos D. Fernandes
68.	Carlos Seodler
69.	Carmem de R. Annes Dias
70.	Carvalho Franco
71.	Celestin Marius Malzac
72.	Celso Mariz
73.	Cesar Cantanhede
74.	Cesar Nogueira da Gama
75.	Ch. Yale Harrisen
76.	Charles Follef
77.	Chesterton
78.	Ciro dos Anjos
79.	Claude Farrère
80.	Clifford Wittinghan Beers
81.	Concordia Merrel
82.	Coriolando de Medeiros
83.	Cornélio Pena
84.	Couto de Magalhães
85.	D' Almeida Vitor
86.	Dale Carnegie
87.	Dante Costa
88.	Darcí Azambuja
89.	De Souza Junior
90.	Democrito de Castro e Silva
91.	Dilke de Barbosa Rodrigues
92.	Diogenes Penna
93.	Djacir Menezes
94.	Djalma Tavares da Cunha Melo

95.	Dostoievski
96.	Dyonisio Maia
97.	E. Phillips Oppenheim
98.	Earl Derr Biggers
99.	Ed Lima
100.	Edgar Rice Burroughs
101.	Edgar Wallance
102.	Edgar Proença
103.	Edgar Wallace
104.	Edgard Sanches
105.	Edison Carneiro
106.	Eduardo Prado
107.	Elias Martins
108.	Ellery Guen
109.	Eloi de Souza
110.	Emil Ludwig
111.	Emily Bronte
112.	Enéas Ferraz
113.	Erico Verissimo
114.	Ernani Fornari
115.	Ernani Macedo de Carvalho
116.	Ernest Dimnet
117.	Essad Bey
118.	Estevão Cruz
119.	Euclides da Cunha
120.	Evaristo de Moraes
121.	F. Acquarone
122.	F. Lafargue

123.	F. Rathery
124.	Fabio Luiz
125.	Fannier Hurst
126.	Felis Aires
127.	Feuchtwanger
128.	Flinor Glyn
129.	Francisco de Macedo Costa
130.	Francisco Campos
131.	Francisco Saturnino Rodrigues de Britto
132.	Francisco Severino
133.	Francisco Xavier Junior
134.	Frank L. Packard
135.	Franz Bley
136.	Frazzimetti
137.	G. Robinot Marci. S.J.
138.	Gabrile Ferry
139.	Genésio Lustosa Cabral
140.	Geraldo Rocha
141.	Getulio Cesar
142.	Gilberto Freire
143.	Giovani Papino
144.	Graciliano Ramos
145.	Guilherme de Almeida
146.	Gustavo Barroso
147.	Gustavo Dodt
148.	Guy de Chantepleure
149.	Guy Fowler
150.	H. Gordon Garbedian

151.	H. Ruder Haggard
152.	H. Van Offel
153.	H.G. Wells
154.	Hans Falada
155.	Harold Bell Wrigth
156.	Helio Reis
157.	Hendrik W. Van Loon
158.	Henri Robert
159.	Henrique de Rezende
160.	Henrique Desjardins
161.	Henry Ardel
162.	Hermes da Fonsêca Filho
163.	Hermes Lima
164.	Hilarino Felder
165.	Hildebrando Siqueira
166.	Hugo Gonthier
167.	Humberto de Campos
168.	Humphreus
169.	Iolanda Foldes
170.	Irineu Ferreira Pinto
171.	Irineu Joffily
172.	Isaac Pinto
173.	Ivan Buniu
174.	Ivan Kologrivof (Org.)
175.	J da Costa Palmeira
176.	J. Angot dos Rotours
177.	J. Carmo Barata
178.	J. de Aragon

179.	J. Dias Junior
180.	J. F. Normando
181.	J. Lenz
182.	J. Mesquita de Carvalho
183.	J. Millot
184.	J. Pinto Antunes
185.	J. Cabral
186.	Jack Hall
187.	Jaime de Barros
188.	Jaime R. Pereira
189.	Jean de la Hire
190.	João de Lyra Tavares
191.	João do Centro
192.	João Dornas Filho
193.	João Henrique
194.	João Lotufo
195.	João Neves
196.	Joaquim Ribeiro
197.	Joel Silveira
198.	John Gunther
199.	John Maribomongh
200.	Jonatas Serrano
201.	Jorge Amado
202.	Jorge de Lima
203.	José Clementino de Oliveira
204.	José Américo de Almeida
205.	José Batista Melo
206.	José Carlos de Macedo Soares

207.	José Coelho
208.	José Ferreira de Novaes
209.	José Geraldo Vieira
210.	José Getúlio Monteiro Junior
211.	José Lins do Rego
212.	José Paulino Duarte
213.	José Perez
214.	José Presas
215.	José Rizzo
216.	José Saldanha
217.	José Tiburcio
218.	Josefa de Farias
219.	Joseph Conrad
220.	Josué de Castro
221.	Julia Lopes de Almeida
222.	Julio Belo
223.	Karl May
224.	Kosciusro Barbosa Leão
225.	Kurt Gregorius
226.	L. E. Gratia
227.	L. M. Montgomery
228.	L. Nogueira de Paula
229.	Lelievre
230.	Leonardo Mascello
231.	Leonel Franca S.J
232.	Leonila Linhares Bettenmuller
233.	Lima Figueiredo
234.	Lindolfo Color

235.	Lindopho Rodrigues
236.	Lion Jose Huby
237.	Loise May Alcott
238.	Lord Macaulay
239.	Lucia Miguel Pereira
240.	Lucio Cardoso
241.	Luis Amaral
242.	Luis Borges de Macedo
243.	Luis Gonzaga Jaeger e S. J.
244.	Luis Gurgel do Amaral
245.	Luis Pinto
246.	Luiz Avelino Gurgel do Amaral
247.	Luiz Viana Filho
248.	M. Charles Seignobos
249.	M. Delly
250.	Malba Tahan
251.	Manoel Otaviano
252.	Manuel de Abreu
253.	Manuelito de Ornellas
254.	Marcos de Sousa Dantas
255.	Mardokeo Nacre
256.	Maria de Lourdes
257.	Maria Eugenia Celso
258.	Marie Barrère - Afree
259.	Mario de Andrade
260.	Mario Marques Ramos
261.	Mario Matos
262.	Mário Mazzi

263.	Mario Sete
264.	Mario Tota
265.	Marques da Cruz
266.	Marques Rabelo
267.	Martagão Gesteira
268.	Martinho Nobre de Melo
269.	Martins d'Alvarez
270.	Maurice Bedel
271.	Mauro de Freitas
272.	Mauro Luna
273.	Max Reinhardt
274.	May Edginton
275.	Medeiros e Albuquerque [José Joaquim de Campo da Costa Medeiros e Albuquerque]
276.	Mello Lula
277.	Menoti del Picchia
278.	Miguel Reale
279.	Milton da Silva Rodrigues
280.	Monteiro Lobato
281.	Moysés Nora
282.	Nelson Tabajara de Oliveira
283.	Nelson Werneck Sodre
284.	Olinto Sanmartin
285.	Oliveira Viana
286.	Omar Khayyam
287.	Orvacio Santamarina
288.	Oscar de Féremzy
289.	Oscar Wilde
290.	Oskavon Wertheimer

291.	Osório Borba
292.	Osvaldo Alves
293.	Osvaldo de Andrade
294.	Otávio de Faria
295.	Otávio Tarquino de Souza
296.	Otto Flake
297.	Otto Willi Gail
298.	Ovidio da Cunha
299.	P.C. Wrem
300.	Palmyra Wanderley
301.	Pandiá Calogeras
302.	Pascucci
303.	Paul de Kruif
304.	Paul Karlson
305.	Paul Monroe
306.	Paulo Gustavo
307.	Paulo Setubal
308.	Pearl S. Buck
309.	Pedro Calmom
310.	Pedro Sinzig
311.	Pepita de Leão
312.	Per Skansex
313.	Percy Th. Seton
314.	Peregrino Junior
315.	Perilo Gomes
316.	Perrault
317.	Petit Oddo
318.	Phyllis Mair

319.	Pierre Benoit
320.	Pierre Coulevain
321.	Pierre Dehillotte
322.	Plinio Salgado
323.	Ponciano Barbosa
324.	Preeman Wills Crofts
325.	Primitivo Moacir
326.	R. Almeida Junior
327.	R.P. Dumas
328.	R.P.L. Poulin
329.	Rafael Sabatini
330.	Ramom J. Carcano
331.	Ramos de Oliveira
332.	Ranulfo Prata
333.	Raul Machado
334.	René de Castro
335.	René Fulop Miller
336.	Resende Rubim
337.	Ribeiro Couto
338.	Rodrigues de Melo
339.	Rodrigues Octavio
340.	Romain Rolland
341.	Rômulo de Castro
342.	Romulos Gallegos
343.	Rov Nash
344.	Rubi M. Aires
345.	Rui Cirne Lima
346.	Rutten O. P.

347.	S. A. Van Dine
348.	S. Froes de Abreu
349.	Sax Rohmer
350.	Sebastião Almeida de Oliveira
351.	Sergio Buarque de Holanda
352.	Sergio Miliet
353.	Silveira Neto
354.	Silvia Guas Pari
355.	Souza Costa
356.	Souza e Silva
357.	Stefan Zweig
358.	T. Trilby
359.	Tasso da Silveira
360.	Telmo Vergara
361.	Tia Avelina (Pseudônimo)
362.	Tom Antogini
363.	Tomás Rourke
364.	Tristão da Cunha
365.	Upton Sinclair
366.	V Correio Filho
367.	Valdemar . Buschman
368.	Valdomio Silveira
369.	Viana Moog
370.	Vicente Licinio Cardoso
371.	Vicente Luma
372.	Vinicius de Moraes
373.	Vital Rolim
374.	Vitor de Matos

375.	Vitor de Sá
376.	Vitor Heiser
377.	Vivaldo Coraci
378.	Walter Spalding
379.	Wil Durant
380.	William Le Queux
381.	Willian Somerset Maugham
382.	Wolfram Dietrich
383.	Xavier Marques
Autoria Coletiva	
01	Albert Einstein e Leopoldo Infeld
02	Cecília Meireles e Josué de Castro
03	Eduardo Medeiros e Sizenando Costa
08	H. G. Wells; Julian Huxley e J.P. Wells
04	Laurita Pessoa Raja Gabaglia (Filha de Epitacio Pessoa) e Anita Lima Guerreiro de Castro
05	Marques Rabelo e [Tomás] Santa Rosa
06	Paulo Herbert Baldus e Emilio Williens
07	Phelippe Guerra e Theophilo Guerra
Autoria desconhecida²⁰	
01	A DIOCESE de Pouso [Porto] Alegre em 1925
02	ARQUITETOS de Idéias
03	AVIAÇÃO e defesa Nacional

²⁰ Em caso de autoria desconhecida, a entrada é feita pelo título. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: Informação e documentação: referências e elaboração. Rio de Janeiro, 2002

04	CARLOS Magno e seus cavaleiros
05	COMO OS ESTADOS Unidos foram envolvidos na Guerra
06	ESTATÍSTICA da instrucção
07	JOANNA Eyre
08	LES BRISEURS DE BLOCUS – la Haute Banque et la guerre
09	O GRANDE presidente
Autor Entidade	
01	BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil) Direção de: Rodolfo Garcia
02	BRASIL. Departamento Nacional do Café
03	BRASIL.Ministério da Agricultura
04	BRASIL. Ministério de Educação
05	CENTRO DA BOA IMPRENSA
06	DIARIO DE PERNAMBUCO
07	EDITORA IRMÃOS PONTEGGI
08	INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO RIO DE JANEIRO
09	LABORATÓRIO CLÍNICO SILVA ARAUJO

Quadro 8 - Autores divulgados no jornal <<A Imprensa>>(1912 a 1942)

Fonte: Pesquisa Direta, 2010

Em análise ao quadro 8, há uma predominância dos autores pessoais em relação às publicações de autoria coletiva, incluindo-se nesta entidade o mesmo grupo de autores. Predominância de certo modo natural ao período histórico, pois, nessa fase, os trabalhos científicos ou literários eram obras quase sempre de um indivíduo e raramente de um grupo ou entidade. Quanto aos autores pessoais a pesquisa buscou compreender o sujeito e sua origem mapeando o lugar onde nascerá, perfil profissional entre outras características que pudessem auxiliar a compreensão do sujeito que fala, todavia, essa foi uma tentativa de difícil efetivação, considerando a inexistência de dados que refletisse em essência o autor. Optando-se em compreender o sujeito escritor a partir dos dados fornecidos pelo próprio jornal <<A Imprensa>>, principalmente em face do diálogo empreendido pelo redator

com os leitores ao tecer opinião acerca do estilo literário e comparando a obra publicada como os demais livros já escritos por cada um dos autores veiculados. Por exemplo,

Romaim Rolland conseguiu na sua “ Vida de Beethovem” escrever um livro perfeito pelo seu grande humanismo, e pela forte, fortíssima realidade que o empolga. [...] Na “ Vida de Beethovem” como no romance pungente de “Jean Cristoph” Romaim Rolland é o mesmo grande emotivo pintor de vidas que deixa sempre o leitor perplexo, entre a realidade, e a ficção pela grande ternura com que fere os temas das freqüências humanas. (A IMPRENSA, 10 de julho de 1934)

Em outro diálogo com os leitores de <<A Imprensa>>o redator apresenta o autor como um já conhecido no campo da literatura brasileira, a exemplo do escritor estrangeiro Perrault ao reiterar“têve os seus Contos de Fadas vertido para o brasileiro [...] trata-se de um livro famoso [...] basta dizêr-se quê é de Perrault(A IMPRENSA, 10 de julho de 1934). Em outro momento apenas menciona o conteúdo. Tomando como exemplo o livro de Hermes da Fonseca Filho.

Dois grandes vultos da Republica porHermes da Fonseca Filho. Tratar-se de trabalhos biográficos feitos pelo notável publicista sr. H. da Fonseca Filho. Alude aos grandes vultos históricos de Deodoro da Fonseca e Barão do Rio Branco. Edição da Livraria do Globo – Porto Alegre. (A IMPRENSA, 22 de fevereiro de 1936)

Devido a essas condições e outras que ocorreram no registro das notícias, mapear e traçar o perfil dos autores não foi possível na sua totalidade, contudo, registramos os dados que apareceram esporadicamente. Conforme o quadro 9 e 10.

Naturalidade	
Alagoas	1
Bahia	7
Ceará	4
Maranhão	1
Minas Gerais	5
Paraíba	25
Pernambuco	2

Rio de Janeiro	5
Rio Grande do Norte	6
Rio Grande do Sul	4
São Paulo	11
Total	71

Quadro 9- Naturalidade dos autores divulgados no jornal <<A Imprensa>> (1912 a 1942)

Fonte: Dados da Pesquisa, 2010

De acordo com o quadro 9, o Estado da Paraíba aparece com o total de 25 autores paraibanos; entretanto, de boa parte dos autores com os nomes em circulação não foi revelado o seu local de origem, considerando que os autores paraibanos mencionados correspondem a apenas 6,53 % dos autores divulgados no jornal. Portanto, para termos um perfil mais apurado quanto à naturalidade desses autores seria necessário desenvolvermos uma pesquisa com essa temática a fim de mapearmos os Estados que tiveram os autores citados e referendados pelo jornal. Para tanto seria necessário recorrer à biografia de cada autor citado, o que se tornaria para este estudo um tanto quanto difícil para o momento. Por outro lado, há uma importância nesse sentido, considerando que a partir das biografias pode-se também conhecer as opções e formação de cada um deles podendo auxiliar a compreensão em relação as opções literárias e as influências por eles recebidas do ponto de vista da formação intelectual, social e cultural.

Vale ressaltar que os autores paraibanos divulgados no jornal <<A Imprensa>> estão concentrados mais nas décadas de 10 e 20 conforme o quadro 10.

Autores Paraibanos	
Década de 10	10
Década de 20	7
Década de 30	6
Década de 40	2
Total	25

Quadro 10 - Autores paraibanos divulgados no jornal <<A Imprensa>> (1912 a 1942)

Fonte: Dados da Pesquisa, 2010

Destacamos ainda que os autores paraibanos divulgados no jornal no total de 17 escritores fazem parte do quadro social do IHGP²¹ - Casa da Memória da Paraíba. São eles: Américo Falcão; Carlos D. Fernandes; Celso Mariz; Coriolando de Medeiros; Demócrito de Castro e Silva; Francisco Xavier Junior; Irineu Ferreira Pinto; Irineu Joffily; Isaac Pinto; João Batista de Melo; João de Lyra Tavares; José Américo de Almeida; José Coelho; José Ferreira de Novaes; Jose Paulino Duarte; Luiz Pinto; Raul Machado.

Em relação às atividades/profissões que os autores pessoais exerciam, eram múltiplas, ou seja, um autor desempenhava várias atividades e funções profissionais, por exemplos, Cyro dos Anjos²²: jornalista, professor, cronista, romancista, ensaísta e memorialista; Vianna Moog²³: advogado, jornalista, romancista e ensaísta; Hermes Lima²⁴: jornalista, jurista, professor, político, ensaísta e memorialista, e outros. Essas diversas atividades desenvolvidas segundo Miceli (2001, p.93) foram

[...] as mudanças ocorridas tanto no nível das organizações políticas como no nível das instâncias de produção cultural (que resultaram, por sua vez, da transformação da estrutura de classes) se fizeram acompanhar por uma transformação radical das modalidades de acesso às carreiras dirigentes. De agora em diante não era mais possível valer-se das prerrogativas inerentes ao sistema de reprodução direta que fazia com que a passagem pela Faculdade de Direito constituísse apenas um simples estágio de iniciação ao conjunto de modelos masculinos da classe dirigente e de integração na rede de relações de suas famílias. Em vez de terem que lidar apenas com professores que eram ao mesmo tempo parentes, amigos da família, figuras eminentes da política e magistratura, sócios dos escritórios de advocacia – em suma, membro do mesmo círculo social –, esses herdeiros deveriam também, envolver-se na concorrência política e intelectual e assumir tarefas cada vez mais especializada nos jornais partidários, nas organizações políticas, nas instituições culturais.

Sendo assim, quando registradas nas notícias sobre os lançamentos dos livros as atividades profissionais dos autores divulgados pelo jornal, aqueles que faziam parte das intuições culturais - IHGP e Academia Brasileira de Letras [28 autores localizados] foram consultadas a fim de traçarmos o perfil profissional com base no curso superior tendo em

²¹ O IHGP foi criado na Paraíba no dia 07 de setembro de 1905, com o objetivo de congregar os intelectuais paraibanos e assim constituírem o discurso oficial sobre a paraibanidade. A esse respeito consultar o site disponível em: << www.ihgp.net >>

²² Cyro dos Anjos (C. Versiani dos A.), jornalista, professor, cronista, romancista, ensaísta e memorialista, nasceu em Montes Claros, MG, em 5 de outubro de 1906, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 4 de agosto de 1994.

²³ Vianna Moog (Clodomir V. M.), advogado, jornalista, romancista e ensaísta, nasceu em São Leopoldo, RS, em 28 de outubro de 1906, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 15 de janeiro de 1988.

²⁴ Hermes Lima, jornalista, jurista, professor, político, ensaísta e memorialista, nasceu em Livramento do Brumado, BA, em 22 de dezembro de 1902, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 1º de outubro de 1978.

vista as múltiplas funções que exerciam. A pesquisa registrou também a formação superior dos acadêmicos que não foram citados pelo jornal.

Foram considerados os autores que não eram acadêmicos e que tiveram mais de uma atividade profissional sendo também considerada a sua formação superior. Salientamos que o redator do jornal apresentou alguns autores não acadêmicos com apenas uma única profissão a qual foi apreciada. Essas atividades profissionais foram categorizadas conforme o quadro 11 .

Atividades Profissionais	
Advogado	28
Economista	1
Embaixador	2
Engenheiro	3
Ilustrador	1
Jornalista	16
Jurista	8
Médico	11
Militar	5
Político	6
Professor	28
Psicólogo	1
Religioso	20
Usineiro	1
Total	131

Quadro 11 - Profissão exercida pelos autores divulgados no jornal <<A Imprensa>>(1912 a 1942)

Fonte: Dados da Pesquisa, 2010

De acordo com o quadro 11 os advogados e os professores se destacavam em primeiro lugar, contudo, não podemos esquecer que os juristas possuíam a formação em Direito. Em segundo lugar os religiosos, dado bastante significativo quando consideramos que o jornal em análise é uma fonte de origem católica. Por outro lado, há que perceber ainda que apesar do número considerado pequeno, nem todos os religiosos eram escritores, com exceção daqueles que estavam ou encontravam-se no seio privilegiado do clero e que os mesmos eram apresentados pelo redator do jornal de acordo com os títulos eclesiásticos: padres, cônegos e monsenhores; em terceiro lugar os jornalistas e em quarto lugar os médicos. Em relação aos 28 advogados mapeados na pesquisa, 24 pertencem à Academia Brasileira de Letras e quatro são membros do IHGP e além de advogados exerciam também as funções de políticos, jornalistas, professores, ensaístas ou historiadores e escritores refletindo assim as colocações de Miceli (2001). Dos 28 professores citados 24 são autores pessoais e quatro fazem parte da autoria coletiva, única atividade profissional registrada nessa categoria pelo jornal. Em relação aos políticos, dois ocuparam o legislativo na função de deputados, um o senado, outro o cargo de ministro e dois ex-políticos (deputado federal e ministro). Quanto aos militares foram mencionados os seguintes postos e graduações: general, coronel, major, tenente e almirante, reiterando que os escritores publicados encontravam-se no seio da elite brasileira. Sobre os médicos apenas foi mencionada uma especialização – a Pediatria e noticiado duas engenharias: a civil e a sanitária. O ilustrador citado era o paraibano Tomas Santa Rosa, que apesar de não ocupar cargos de destaque na vida social, exceto ter sido funcionário do banco do Brasil, recebeu seu merecido lugar no jornal. O único psicólogo registrado não era brasileiro, e sim estrangeiro, porém, o economista era brasileiro. O usineiro que foi notificado era o proprietário da Usina Serra Grande, no Estado de Alagoas na década de 10 que vez uma viagem ao sul do país erelatou a criação de gado Zebu naquela região. Salientamos que além dessas profissões foram citados quatro autores que ocupam os cargos de: diretor da Repartição de Estatística e Arquivo Público da Paraíba, diretor da Secretaria do Interior; secretaria – auxiliar da missão econômica ao Japão e secretário de Legação em Madrid como também um autor que foi o ex-diretor da Carteira Cambial do Banco do Brasil como também três títulos: dois barões e um conde.

A análise em questão aponta para a manutenção de categorias sociais específicas, ou seja, a serviço de que e de quem estava o jornal <<A Imprensa>>.

5.2.1 Gênero e nacionalidade dos autores divulgados no jornal <<*A Imprensa*>> (1912 a 1942)

Para além do local de origem e da atividade profissional buscou-se caracterizar também os autores coletivos e pessoais quanto ao gênero e nacionalidade. Os autores pessoais apresentaram o seguinte resultado quanto ao gênero.

Tabela 3- Autor Pessoal x Gênero

Autor Pessoal Gênero	VALORES ABSOLUTOS	VALORES RELATIVOS %
Feminino	27	7,05
Masculino	356	92,95
Total	383	100 %

Fonte: Dados da Pesquisa, 2010

A predominância de 92,95% do gênero masculino reitera uma prática de época, considerando a predominância do homem em todas as atividades dentre as quais se destaca a atividade de escritor, isso se considerarmos a inserção da mulher no campo das letras. Essa predominância é refletida nas atividades profissionais dos autores, pois das 27 mulheres identificadas representando 7,05%, uma desempenhava a atividade de professora e outra secretária auxiliar da missão econômica ao Japão, ficando as demais sem nenhuma referência ao desempenho de suas atividades.

O gênero masculino também foi prevalecente em relação aos autores coletivos como evidencia a Tabela 4

Tabela 4- Autoria Coletiva x Gênero

Autoria Coletiva Gênero	VALORES ABSOLUTOS	VALORES RELATIVOS %
Feminino	4	23,53
Masculino	13	76,47
Total	17	100 %

Fonte: Dados da Pesquisa, 2010

Na Tabela 4 observa-se que o gênero masculino representa 76,47% de participação nas autorias coletivas, e nessa mesma categoria, o gênero feminino apesar de sua pequena ocorrência, se, comparado ao total referente à autoria pessoal como mostra a Tabela 3 em que a participação feminina é menor. Nesse caso pode-se inferir que a autoria coletiva feminina se revela em maior índice em face de sua escrita estar ancorada no masculino, exemplificando, temos o livro intitulado *A Festa das Letras* dos autores Cecília Meireles e Josué de Castro e o livro intitulado *Saúde, doença e destino do homem* dos autores H. G. Wells; Julian Huxley e J.P Wells. Ao juntarmos as autorias autor pessoal e autoria coletiva o índice masculino é predominante nas publicações dos livros divulgados pelo jornal <<A Imprensa>> como demonstra a Tabela 5

Tabela 5-Autores Coletivos e Pessoais x Gênero

Autores Gênero	VALORES ABSOLUTOS	VALORES RELATIVOS %
Feminino	31	7,79
Masculino	367	92,21
Total	398	100 %

Fonte: Dados da Pesquisa, 2010

Logo, o jornal <<A Imprensa>> divulgou mais autores masculinos a femininos como podemos visualizar no Gráfico - 2.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2010

Quanto à nacionalidade dos autores pessoais e coletivos, os autores brasileiros predominam em relação aos autores estrangeiros divulgados no jornal <<A Imprensa>> como demonstram as Tabelas 6 e 7.

Tabela 6 - Autor Pessoal x Nacionalidade

Autor Pessoal Nacionalidade	VALORES ABSOLUTOS	VALORES RELATIVOS %
Brasileiro	249	65,01
Estrangeiro	134	34,99
Total	383	100 %

Fonte: Dados da Pesquisa, 2010

Tabela 7 -Autoria Coletiva x Nacionalidade

Autoria Coletiva Nacionalidade	VALORES ABSOLUTOS	VALORES RELATIVOS %
Brasileiro	10	58,82
Estrangeiro	7	41,18
Total	17	100 %

Fonte: Dados da Pesquisa, 2010

Com base nas Tabelas 6 e 7, tanto a autoria coletiva como o autor pessoal, o índice de autores brasileiros é maior do que o de os autores estrangeiros. Essa diferença fica visível quando totalizamos a participação dos autores coletivos e autor pessoal no jornal <<A Imprensa>> no período de 1912 a 1942, como demonstra a Tabela 8.

Tabela 8 -Autoria Pessoal e Coletiva x Nacionalidade

Autores Nacionalidade	VALORES ABSOLUTOS	VALORES RELATIVOS %
Brasileiro	257	64,57
Estrangeiro	141	35,43
Total	398	100 %

Fonte: Dados da Pesquisa, 2010

Conforme a Tabela 8, o jornal a <<**A Imprensa**>> divulgou mais autores brasileiros - 64,57 % a autores estrangeiros- 35,43%.As divulgações de obras estrangeiras pelo jornal sobressaem a partir do ano de 1934 aos anos de 1940, período em que parte das editoras brasileiras lançam suas coleções no mercado livresco e que algumas dessas coleções tinham como finalidade editorial a tradução de obras estrangeiras, em vários idiomas, para língua portuguesa. Por exemplo, a Coleção *Novas Bibliotecas das Moças* editada pela Companhia Editora Nacional em São Paulo.

A Companhia Editora Nacional, LEADER divulgadora do livro no Brasil acaba de empreender uma campanha pelo soerguimento do chamado livro para moças. Assim é que as recentes traduções da sua “Nova Bibliotecas das Moças”, estão se apresentando sob a responsabilidade de nomes portadores de segura reputação no mundo brasileiro das letras [...] É livro de muita vida, livro que marca lugar no espírito das leitoras. (A IMPRENSA, 10 de julho de 1937)

Exemplificando ainda, temos a Coleção *A Biblioteca da Mulher Moderna* publicada pela editora Civilização Brasileira, sediada no Rio de Janeiro

Essa biblioteca, que a Civilização Brasileira S.A., estabelecida á rua Sete de Setembro,162 – Rio, iniciou, fazia falta nas estantes brasileiras: uma biblioteca de romances novos. [...] compõe-se de romance da vida atual geralmente estrangeiros. O que lhe dá grande interesse: refletem aspectos de uma vida algo diferente da vida brasileira, por isso, mesmo digna de ser utilizada como documento social. Traduções rigorosamente bem feitas, assinadas por escritores de renome (A IMPRENSA, 04 de março de 1937)

Outra característica relevante quanto às traduções e, conseqüentemente, à divulgação de autores estrangeiros era o acesso às obras, pois “[...] o livro estrangeiro se acha quasi inacessível de ser adquirido em virtude das condições do cambio [...]”(A IMPRENSA, 04 de março de 1937) e que essas traduções representavam as iniciativas das editoras em “encarregar os melhores escritores nacionais na tradução de livros escolhidos com todo o rigor indispensável que deve presidir uma orientação de cultura coletiva.” (A IMPRENSA, 04 de março de 1937). Nesse sentido autores brasileiros de renome eram contratados pelas editoras para exercerem as funções de tradutor de obras, a exemplo da Companhia Editora Nacional que mantinha em seu quadro escritores como: Monteiro Lobato, Moacir de Abreu, Gustavo Barroso, Albertino Pinheiro, Godofredo Rangel, Manuel Bandeira, e outros; Outro exemplo é a Livraria Globo, Padre Leonardo Mascelo, Marques Rabelo, Gilberto Miranda, José Augusto René Leloux, Mario Quintana, Limeira

Tejo, e outros; Ademais, registraram-se aqueles que além de autores exerceram atividades também de tradutores.

Nesse contexto, a pesquisa mapeou a nacionalidade tanto dos autores coletivos quanto dos autores pessoais em relação ao gênero masculino e feminino como se pode observar nas Tabelas 9 e 10.

Tabela 9-Autoria Coletiva x Gênero e Nacionalidade

Autoria Coletiva Gênero x Nacionalidade	VALORES ABSOLUTOS	VALORES RELATIVOS %
Masculino Brasileiro	7	41,18
Masculino Estrangeiro	6	35,29
Feminino Brasileiro	3	17,65
Feminino Estrangeiro	1	5,88
Total	17	100 %

Fonte: Dados da Pesquisa, 2010

Na autoria coletiva o gênero masculino de nacionalidade brasileira tem uma margem superior em relação ao percentual do gênero masculino de nacionalidade estrangeiro constituindo uma diferença de 5,89%. O mesmo acontece em relação ao gênero feminino de nacionalidade brasileira, representado pelo percentual de 17,65% enquanto que o gênero feminino de nacionalidade estrangeira aparece apenas com 5,88%, representando uma diferença de 11,77%

Tabela 10 -Autor Pessoal x Gênero e Nacionalidade

Autor Pessoal Gênero x Nacionalidade	VALORES ABSOLUTOS	VALORES RELATIVOS %
Masculino Brasileiro	236	61,62
Masculino Estrangeiro	120	31,33
Feminino Brasileiro	13	3,39
Feminino Estrangeiro	14	3,66
Total	383	100 %

Fonte: Dados da Pesquisa, 2010

Quanto ao autor pessoal o gênero masculino de nacionalidade brasileira é mais representativo que o gênero masculino de nacionalidade estrangeira com uma diferença de 30,29%. Em relação ao gênero feminino de nacionalidade brasileira, com 3,39% foi menor que o gênero feminino de nacionalidade estrangeira, com 3,66%; contudo, essa diferença é apenas de 0,27%. Logo, há uma predominância em relação à circulação e divulgação de autores brasileiros divulgados no jornal <<**A Imprensa**>> no período de 1912 a 1942.

5.2.2 *Dos autores renomados aos estreantes no jornal <<A Imprensa>>*

Um fato interessante sobre os autores, em especial, o autor pessoal e faixa etária deles é que existem pouquíssimos registros sobre esse tópico; contudo, os que foram registrados nos fornecem subsídio para entendermos que durante o período de vigência analisado as faixas etárias apresentavam-se variadas, desde a infância até a melhor idade. Por exemplo, a divulgação noticiada em 18 de maio de 1941 da obra *O Meu Livro* de autoria de Luis Borges de Macedo, autor em plena infância, com oito anos de idade, publicado pela editora Guaira em Curitiba. Semelhante divulgação ocorre no dia 04 de outubro de 1938, com a obra *Arvo Iris* de autoria do adolescente de 14 anos de idade, Antonio Nominando Diniz, que foi apresentado como filho dos sertões paraibanos. Quanto aos jovens, o jornal destaca em 15 de novembro de 1940, o livro intitulado *Os que sofrem* de Vicente Luma, na época com 18 anos, obra publicada na cidade de João Pessoa. No dia 24 de julho de 1937, o livro *As jóias dos ostreko* publicado pela livraria Globo em Porto Alegre da autoria de E. Phillips Oppenheim aos 80 anos. Contudo, salientamos que a fase adulta é característica desses autores, pois, os que não estavam agregados a essas faixas etárias foram registrados pelo redator do jornal.

Nesse percurso (1912 até 1942) o jornal trouxe à baila autores estreantes entre os renomados. Em relação aos estreantes são mencionados 06 autores: o paraibano Lindolpho Rodrigues (1920); Djalma Tavares da Cunha Melo (1935); Helio Reis (1937); Ciro dos Anjos e Democrito de Castro e Silva, paraibano (1938); Vicente Luma (1940). Desses autores apenas Ciro dos Anjos teve a sua obra de estreia: *O Amanuense Belmimiro*, reeditado devido ao sucesso que obteve. A estreia dos autores divulgados pelo jornal não estava limitada apenas ao primeiro trabalho literário, mas também ao novo estilo literário de alguns autores, por exemplo, João Dornas Filho, com a obra *Bagana Apagada* como noticiou

<<**A Imprensa**>> em 27 de junho de 1940 ao referir-se ao autor: “estreando nesse gênero literário reafirmou o renome já conhecido noutros setores literários.”

Outra característica dos autores divulgados pelo jornal é o uso de pseudônimo como no caso de Tia Avelina (Pseudônimo) na obra *Receitas para Você*. Situação detectada uma única vez; contudo, nos remeteu ao fato que os intelectuais da época, sobretudo, os da literatura costumavam utilizar-se dessa estratégia, omitindo o verdadeiro nome em suas obras. Por exemplo, Gustavo Barroso²⁵ estreou na literatura, aos 23 anos, usando o pseudônimo de João do Norte, com o livro *Terra de sol*, ensaio sobre a natureza e os costumes do sertão cearense e posteriormente, substitui por outro como Nautilus, Jotanne e Cláudio França. Outro exemplo foi Humberto de Campos²⁶ com o pseudônimo de Conselheiro XX no qual assinava os seus contos e crônicas, hoje reunidos em vários volumes. Assinava também com os pseudônimos Almirante Justino Ribas, Luís Phoca, João Caetano, Giovani Morelli, Batu-Allah, Micromegas e Hélios.

Com base nas colocações acima os autores divulgados pelo jornal <<**A Imprensa**>> eram constituídos pela elite brasileira no qual representavam os intelectuais do país, assim como, os autores paraibanos, em especial, mencionados representavam os intelectuais da sociedade paraibana. Na Paraíba, por meio do jornal <<**A Imprensa**>> a elite paraibana, teve a oportunidade de conhecer tanto os autores brasileiros como autores estrangeiros, diferentemente do restante da população que era na sua maioria analfabeta. Observavam-se autores renomados e autores estreantes. Nesse contraste social a produção/divulgação editorial da Paraíba por meio do jornal da Diocese se fortalecia por meio das editoras brasileiras como revelado no item seguinte.

5.3 As editoras divulgadas no jornal <<**A Imprensa**>> (1912 a 1942)

Nas décadas de 10 e 20 as editoras existentes na Paraíba, como no Brasil, eram pouquíssimas; existiam a tipografia do Estado [Imprensa Oficial], a tipografia dos jornais impressos de grande porte e as tipografias particulares que colaboravam na confecção gráfica dos livros que eram editados. Nesse contexto as opções eram limitadas e,

²⁵ Dados consultados na Academia Brasileira de Letra. Disponível em: << <http://www.academia.org.br> >>

²⁶ Op.cit

consequentemente, encarecendo os custos de produção. Sendo assim, o jornal <<A Imprensa>>> por meio das Colunas *Bibliographia, Livros e Livros Novos* anunciaram as seguintes editoras e tipografias conforme o quadro 12:

Local de Publicação e Editoras			
Local	Editora	Década de 10	Década de 20
-	Joaquim Maria da Costa Boto	1	-
-	J. R. da Fonseca & Cia	1	-
-	Popular Editora	1	-
Campina Grande	Typografia Penna	1	-
Parahyba	Imprensa Official	6	3
Parahyba	Torre Eiffel	2	1
Paris	Livraria Pierre Tequi	4	-
Pernambuco	Typ. Pernambucano	1	-
Petrópolis	Centro da Boa Imprensa	3	1
Recife/PE	Imprensa Industrial	1	-
Recife/PE	Off. Graph. do Diario de Pernambuco	1	1
Recife/PE	Off. Graph. Diário da Manhã	-	1
Rio de janeiro	F. Briquet & Cia	1	-
Rio de janeiro	J. Ribeiro dos Santos	1	-
Rio grande do Norte	Imprensa Official	1	-
Rio de Janeiro	Typ. Do jornal do Commercio	1	-

Não Identificado	-	19	10
Total		45	17

Quadro 12–Local de Publicação e Editoras divulgadas no jornal <<A Imprensa>> nas décadas de 10 e 20

Fonte: Dados da Pesquisa, 2010

De acordo com o quadro 12, nas décadas de 10 e 20 na Paraíba temos como fomento de publicações de livros a Imprensa Oficial que confeccionou nove livros e duas editoras: a Editora Penna, em Campina Grande que não foi mencionado nenhum dado sobre ela e a Torre Eiffel localizada em João Pessoa, sob a administração dos senhores Henrique e Companhia²⁷.

No Estado de Pernambuco temos as tipografias dos jornais: Diário de Pernambuco e Diário da Manhã. Além desses jornais mencionados foi registrada a Tipografia Pernambucana, que não foi possível categorizá-la nas instâncias do privado ou do público enquanto Imprensa Oficial, apenas que “ [...] apesar de muito ter deixado a desejar no serviço material da Typ. Pernambucana, a obra do sr. cônego José Paulino Duarte oferece uma leitura grandíssima [...]” (A IMPRENSA, 11 de março de 1915) e a Imprensa Industrial que nenhuma referência lhe foi feita.

Outra participação nesse período foi do Rio de Janeiro com a tipografia do Jornal do Commercio; a editora F. Briquet & Cia situada à Rua Sachet, 23²⁸ e J. Ribeiro dos Santos que o redator apenas citou. Nessa fase temos ainda a “ Livraria Pierre Tequi rue Bonaparte 82, Paris” (A IMPRENSA, 07 de junho de 1917) com 04 livros divulgados pelo jornal, 01 livro de autoria desconhecida e 03 de autores estrangeiros.

Fechado esse círculo de livros publicados nas décadas de 10 e 20 temos o Centro da Boa Imprensa em Petrópolis, com 04 publicações divulgadas. Vale ressaltar que nesse período o índice de não identificado foi alto. Correspondeu a 46, 77% das publicações divulgadas pelo jornal e isso pode ser entendido como o mercado livreiro do Brasil que não estava em plena atividade como nas décadas de 30 e anos 40 conforme a Tabela 11.

²⁷ A IMPRENSA, 16 de setembro de 1922

²⁸ A IMPRENSA, 19 de maio de 1918

Tabela 11 - Editoras divulgadas no jornal <<A Imprensa>> nas décadas de 30 e anos 40

Local	Editora	Década 30	Década 40	VALORES ABSOLUTOS	VALORES RELATIVOS %
	Companhia Editora Americana S.A	1	-	1	0,21
	Freitas Bastos	-	1	1	0,21
	Cadernos da Hora Presente	-	2	2	0,43
	Nestlé	1	2	3	0,63
	Cultura Moderna	4	-	4	0,85
	Civilização Brasileira	7	-	7	1,48
-	Record	1	-	1	0,21
-	Piratiniga	1	-	1	0,21
-	F. Briguiet	1	-	1	0,21
-	Minha Livraria Editora	1	-	1	0,21
Brasília, DF	Ministério da Agricultura	2	-	2	0,43
Curitiba	Guaira	-	7	7	1,48
Espanha	Imprensa Boata	1	-	1	0,21
Paraíba	Imprensa Oficial	4	1	5	1,06
Porto Alegre	Globo	95	13	108	22,88
Recife	Mozart	1	-	1	0,21

Rio de Janeiro	Guanabara	1	-	1	0,21
Rio de Janeiro	Calvino Filho	1	-	1	0,21
Rio de Janeiro	Imprensa Nacional	1	-	1	0,21
Rio de Janeiro	J. Fagundes	1	-	1	0,21
Rio de Janeiro	H. Antunes	1	-	1	0,21
Rio de Janeiro	Casa Mandarin	1	-	1	0,21
Rio de Janeiro	Brisilia Editora	1	-	1	0,21
Rio de Janeiro	Livraria Francisco Alves	1	-	1	0,21
Rio de Janeiro	Alba editora	-	1	1	0,21
Rio de Janeiro	Moura Fontes	2	-	2	0,43
Rio de Janeiro	Companhia Brasil Editora	2	-	2	0,43
Rio de Janeiro	Norte Editora	2	-	2	0,43
Rio de Janeiro	Getulio Costa	-	2	2	0,43
Rio de Janeiro	Ariel	3	-	3	0,63
Rio de Janeiro	Minerva	4	-	4	0,85
Rio de Janeiro	A.B. C.	6	-	6	1,27
Rio de Janeiro	Vecchi	1	6	7	1,48
Rio de Janeiro	Irmãos Pongetti	29	8	37	7,84

Rio de Janeiro	José Olímpio Editora	93	7	100	21,19
São Paulo	Saraiva	-	1	1	0,21
São Paulo	Cultura Brasileira	2	-	2	0,43
São Paulo	Companhia Editora Nacional	79	38	117	24,79
Não identificado		23	9	32	6,78
Total		374	98	472	100%

Fonte: Dados da Pesquisa, 2010

Com base na Tabela 11, nas décadas de 30 e nos anos 40 o mercado livresco do Brasil estava em maior desempenho da atividade em relação às décadas de 10 e 20. Nos primeiros anos da década de 30 [1930 a 1933] não foi possível registrar a presença de editoras brasileiras, apenas duas publicações do Ministério da Agricultura, Brasília, DF e uma da Imprensa Boata, na Espanha. Contudo, a partir de 1934 os livros divulgados pelo jornal <<A Imprensa>> são apresentados à sociedade paraibana por intermédio das Casas Editoriais do Brasil, localizadas no Rio de Janeiro, com a participação de 18 editoras: Guanabara, Calvino Filho, J. Fagundes, H. Antunes, Casa Mandarin, Brasília Editora, Livraria Francisco Alves, Alba Editora, Moura Fontes, Companhia Brasil Editora, Norte Editora, Getúlio Costa, Ariel, Minerva, A.B. C. Vecchi, Irmãos Pongetti, José Olímpio Editora; já em São Paulo com 03 editoras: Saraiva; Cultura Brasileira, Companhia Editora Nacional, no Recife com a casa editora Mozart; Porto Alegre com a Livraria Globo; Curitiba com a editora Guaira e a Paraíba com a Imprensa Oficial.

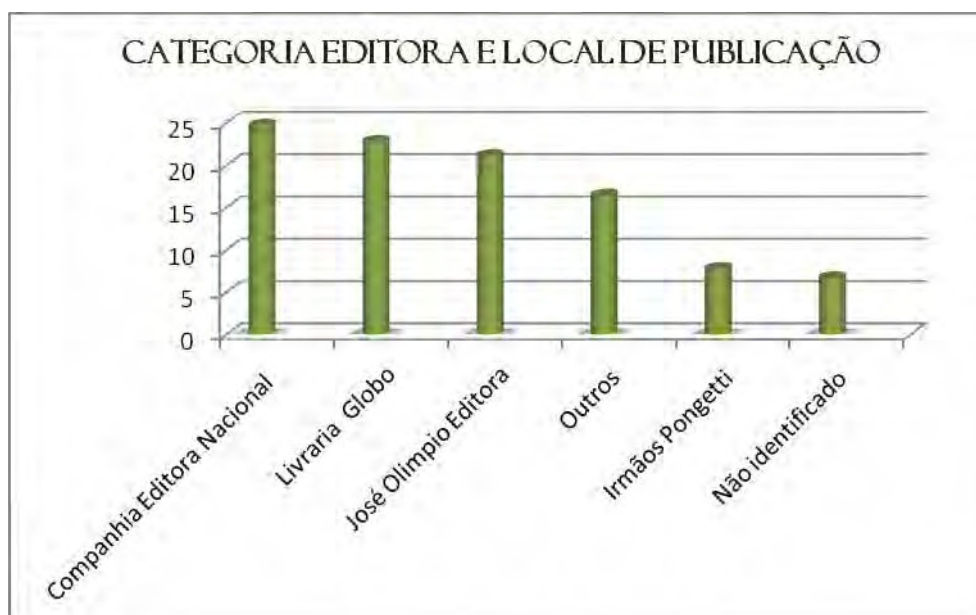
Com base nas editoras divulgadas pelo jornal as casas editoriais do Rio de Janeiro e São Paulo lideram o mercado livresco no Brasil, que segundo Miceli (2001, p. 151) “as instancias de produção de bens culturais tendem a se concentrar fortemente na região [...] sul” sendo assim em primeiro lugar na publicação de livros difundidos pelo jornal temos São Paulo com a Companhia Editora Nacional (24,79%); em segundo lugar Porto Alegre

com a Livraria Globo (22,88 %); em terceiro lugar o Rio de Janeiro com Livraria José Olímpio Editora (21,19%) e os Irmãos Pongetti que ocupou o quarto lugar com 7,84 % como demonstram a Tabela 12 e o Gráfico – 3

Tabela 12 -Local de Publicação e Editoras

Local de Publicação e Editoras		Valores	
		Absolutos	Relativos %
Rio de Janeiro	Irmãos Pongetti	37	7,84
Rio de Janeiro	José Olímpio Editora	100	21,19
Porto Alegre	Livraria Globo	108	22,88
São Paulo	Companhia Editora Nacional	117	24,79
Outros		78	16,53
Não identificado		32	6,77
Total		472	100 %

Fonte: Dados da Pesquisa, 2010



Fonte: Dados da Pesquisa, 2010

Nesse contexto, em 16 de setembro de 1934, o jornal publicou o artigo *O Auspicioso Movimento das Casas Editoras Nacionais*

Não podemos deixar sem um registro o extraordinário movimento das Casas Editoras do Brasil, principalmente de São Paulo, Rio e Rio Grande do Sul, onde se encontram aquelas que mais têm real proveito para o publico nacional de cultura ainda no período por assim dizer primário. A Livraria Globo [...] que presta tão bom serviço a cultura do nosso país. A Editora Nacional, a companhia dirigida superiormente pelos srs. Otacillis Ferreira e Moacy Deabreu tomou a ponta na produção livrescas, batendo, um verdadeiro recorde talvez mesmo em toda America do Sul. [...]

No período de 1937 aos anos de 1943 segundo Miceli (2001, p.157) essas editoras continuaram no ranking de vendas do mercado livreiro do Brasil.

A Companhia Editora Nacional concentra seus investimentos entre na produção de gêneros de maior rentabilidade no mercado (a saber, ficção e didáticos), enquanto a Editora Globo, não podendo com um publico especializado de leitores fiéis, se empenha em repartir seus investimentos entre diversos gêneros (a saber, livros infantis, manuais de viver, livros didático, etc) com taxas de lucros bastante desiguais, buscando assim compensar sua relativa distancia geográfica dos principais centros internos de produção e consumo cultural. O terceiro posto da Jose Olimpio se deve, de um lado, aos investimentos seguros, no gênero mais rentável (romances) e, de outro, á sua aproximação das instituições que tinham o poder intelectual (Academia Brasileira de Letras) e o poder político:

inúmeros escritores pertencentes a casa ocupavam postos de relevo nos conselhos, instituições, e outras instancias decisórias ao governo central.

Sendo assim, as editoras Companhia Editora Nacional, em São Paulo, a Livraria Globo, em Porto Alegre e no Rio de Janeiro, a editora José Olímpio foram as que mais tiveram suas obras divulgadas na sociedade paraibana por intermédio do jornal <<**A Imprensa**>> por causa das obras de literaturas no qual proporcionou sucesso nas vendas, e esse sucesso, a tornou em primeiro lugar na categoria assunto, seguindo-se a estrutura da tabela de Classificação Decimal Universal fundamentada nas informações veiculadas no jornal <<**A Imprensa**>> como revela os dados do Tabela 13.

Tabela 13- Assuntos predominantes nas obras divulgadas no jornal <<**A Imprensa**>> na década de 10

Assunto Década de 10	VALORES ABSOLUTOS	VALORES RELATIVOS %
Arte	1	2,22
Assuntos militares	1	2,22
Biografia	4	8,89
Ciências Médicas	1	2,22
Direito	3	6,67
Economia	1	2,22
Engenharia	1	2,22
Estatística	1	2,22
Geografia	4	8,89
História	3	6,67
Literatura	7	15,56
Obras gerais de referência	2	4,44
Publicação periódica	3	6,67
Religião	11	24,45
Sociologia	2	4,44
Total	45	100 %

Fonte: Dados da Pesquisa, 2010

Com base na Tabela 13, referente à década de 10, temos em primeiro lugar o assunto religião com 11 títulos publicados e, em segundo lugar, literatura com 7 títulos publicados caracterizados pelos seguintes gêneros literários: o poema, o verso, a poesia e o romance. Além desses assuntos temos as biografias com 04 títulos publicados, nos quais três eram biografias de padres; geografia, com 04 títulos também publicados contendo atlas e mapas abordando assim aspectos físicos e humanos. O assunto história (Brasil e Paraíba) e direito (divórcio e instruções didáticas) tiveram 03 títulos divulgados. Temos ainda a sociologia com 02 títulos publicados que narrava estudos sobre a seca e a publicação de 02 dicionários: *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense* e o *Diccionario Chorografico*, estes considerados obras de referência. Destaca-se também o assunto arte que se apresentava com a especificidade de arte religiosa; estatística (estatística escolar), engenharia (sanitária), economia (economia política) e ciências médicas (compêndio) com uma publicação divulgada. Em consequência da Primeira Guerra mundial o jornal divulga *Como os Estados Unidos foram envolvidos na Guerra* (Assuntos militares). Existiu também a divulgação de 03 publicações periódicas: 02 anuários e um almanaque.

Na década de 20 os assuntos: biografia, direito, literatura, religião, sociologia e assuntos militares, continuaram com títulos divulgados e surge o assunto linguística com 02 títulos divulgados pelo jornal como demonstra a Tabela 14.

Tabela 14 -Assuntos predominantes nas obras divulgadas no jornal <<A Imprensa>> na década de 20

Assunto Década de 20	VALORES ABSOLUTOS	VALORES RELATIVOS %
Assuntos militares	1	5,88
Biografia	1	5,88
Direito	1	5,88
Linguística	2	11,76
Literatura	8	47,07
Religião	3	17,65
Sociologia	1	5,88
Total	17	100 %

Fonte: Dados da Pesquisa, 2010

Com base na Tabela 14, na década de 20 há uma significativa recorrência do assunto literatura com 08 títulos publicados. Como na década de 10 os gêneros literários se repetem como poesia, o romance e surge a peça de teatro. Em segundo lugar o assunto religião com 03 títulos publicados. O assunto biografia com 01 título de livro divulgado que é de um Santo. Os assuntos direito (jurisprudência); sociologia (nordeste); Assuntos militares (aviação e defesa nacional) tiveram uma publicação noticiada. Quanto à linguística temos 02 livros que abordam lições sobre a língua portuguesa e os verbos franceses.

Tanto na década de 10 como na década de 20 o assunto literatura ocupa um lugar de destaque e os gêneros literários: os versos, o romance, estão presentes nesses dois períodos. As biografias possuem também uma característica comum: os biografados possuíam vidas eclesiásticas. Quanto à sociologia os estudos também estão entrelaçados - o nordeste, e, conseqüentemente, a seca, uma das principais características dessa região. Outra temática em comum é o assunto militar resultante da primeira Guerra Mundial. Queremos destacar também o assunto direito que apesar de abordar temas diferentes está presente nessas décadas devido à formação superior que caracterizava a elite dominante de gênero masculino.

Nas décadas de 30 e anos 40 esses assuntos permanecem, exceto assuntos militares, e surgem outras como demonstra o quadro 13

Assunto	Décadas	
	30	40
Agricultura	3	2
Antropologia cultural	-	1
Arte	3	-
Astronomia	1	1
Biografia	40	5
Ciência e conhecimento	-	1
Ciências biológicas em geral	1	1
Ciências domésticas	3	1
Ciências Médicas	6	6

Direito	6	-
Divertimentos. Espetáculos. Jogos. Desportos	5	-
Economia	7	1
Educação	7	-
Engenharia	1	1
Estatística	1	-
Etnologia	2	-
Filosofia	2	1
Física	1	-
Geografia	11	5
Gestão e organização da indústria, do comércio e da comunicação	1	1
História	34	8
Língua	-	2
Linguística	2	1
Literatura	194	50
Maçonaria	-	1
Música	2	-
Obras gerais de referência	1	2
Política	17	-
Psicologia	5	1
Publicação periódica	3	1
Religião	11	3
Sociologia	4	1
Tecnologia química. Indústrias químicas e relacionadas (Pesquisas e exploração de petróleo)	-	1
Total	374	98

Quadro 13 - Assuntos predominantes nas obras divulgadas no jornal <<A Imprensa>> na década de 30 e anos 40

Fonte: Dados da Pesquisa, 2010

Conforme o quadro 13, tanto na década de 30 como nos anos 40, os assuntos se multiplicaram diversificadamente e foram eles: Agricultura; Antropologia cultura; Astronomia; Ciência e conhecimento; Ciências biológicas em geral; Ciências domésticas; Divertimentos. Espetáculos. Jogos. Desportos; Educação; Etnologia; Filosofia; Física; Gestão e organização da indústria; do comércio e da comunicação; Língua; Maçonaria; Música; Política; Psicologia; Tecnologia química. Indústrias químicas e relacionadas. Essas variedades de assuntos podem ser compreendidas a partir do avanço da ciência em diversas áreas de conhecimento e consequentemente a expansão dos cursos superiores. Além disso, temos também o perfil editorial das editoras segundo Miceli (2001) no qual já mencionamos.

Nesse contexto o assunto literatura obteve o primeiro lugar tanto na década de 30 [194 títulos] como nos anos 40 [50 títulos] tendo como incentivador as coleções literárias das editoras, em especial, Jose Olimpio, Companhia Editora Nacional e a Livraria Globo. Essas coleções tinham a finalidade de publicarem livros de gêneros literários, tanto de autores brasileiros como de autores estrangeiros [na sua grande maioria] ao público brasileiro, especializado, ou seja, de acordo com cada faixa de etária e gênero; por exemplo, a Companhia Editora Nacional com a Coleção Nova Biblioteca das Moças voltada para o público feminino a qual no dia 15 de abril de 1934 ao divulgar o livro da autora Loise May Alcott intitulado *Mulherzinhas* expõe que “foram ainda os ingleses os lançadores vitoriosos do livro para moças. Quando dizemos vitoriosos não esqueçamos o resultado monetário advindo de tal gênero de livros. [...] Os livros destinados a tais leitoras são os que maiores tiragens alcançam. [...]”. Nesse sentido Miceli (2001, p.154) cita que:

De todos os gêneros editados de 1938 a 1943, a literatura de ficção ocupa primeiro posto, em virtude dos elevados índices de vendas que alcançam os chamados gêneros “menores, isto é, os romances das coleções “menina moca”, os policiais e os livros de aventura [...] e mais uma parcela das obras infantis. [...] foi vinculado pelas diversas coleções endereçadas ao público feminino (Coleção Nova Biblioteca das Moças, da Companhia Editora Nacional; Menina e Moça, da Jose Olimpio [...])

Outro exemplo foi a Coleção *Terramare* da Companhia Editora Nacional a qual editou livros de literatura juvenil, por exemplo, a Série Tarzan de Edgar Rice Burroughs. Nesse contexto as casas editoras José Olimpio, Livraria Globo e Companhia Editora Nacional tiveram algumas coleções literárias divulgadas pelo jornal. São elas: Jose Olimpio – Romance e Conto; Livraria Globo – Nobel; Amarela; Universo e Biblioteca de Nanquino (Literatura infantil); Companhia Editora Nacional – Nova Biblioteca das

Moças; Biblioteca Pedagógica Brasileira; Coleção Para Todos; Grandes Livros Brasileiros; Terramarear, Coleção Negra. Essas coleções publicavam diversos gêneros literários, nos quais, o redator do jornal <<**A Imprensa**>> geralmente os citavam. Nesse sentido foram mencionados: a poesia, os poemas, os versos, as peças de teatro, a ficção, o ensaio, os discursos, a crítica literária, os estudos literários, os escritos polêmicos, a literatura juvenil e infantil, as crônicas, os contos, as memórias e a autobiografia.

O segundo assunto foi a Biografia, o que se deu pelo fato do “gosto pelas biografias [como] ser sinal marcante no atual panorama da literatura. Vidas célebres, gerais gloriosos, estadistas gigantes, figuras nervosas de super-homens, de gênios, de artistas, têm recebido por parte dos escritores contemporâneos uma atenção especial [...]” (A IMPRENSA, 15 de novembro de 1936). Ressaltamos que os biografados nessa fase não possuem apenas um caráter religioso, mas de um personagem que diretamente ou indiretamente marcou a sociedade brasileira ou a sociedade internacional; porém, sempre entre os vitoriosos e célebres, nunca sobre aqueles a quem a micro história, ou história vista de baixo passa a valorizar a partir dos anos 80. Em terceiro lugar temos a história a qual o jornal expõe que:

As novas diretrizes que está tomando a inteligência brasileira são bem diferentes dos rumos seguidos, até há pouco tempo pela maioria dos nossos intelectuais. Há principalmente nos novos, um desejo sadio de pesquisar, de inquirir, de explicar racionalmente todos os múltiplos problemas que se apresentam aos seus olhos ávidos de conhecimento. [...] (A IMPRENSA, 15 de novembro de 1936)

Nesse contexto, os livros voltados para a história, em especial do Brasil, assumem uma roupagem diferente das décadas 10 e 20, não são apenas a narração de um fato histórico, mas, a narração e a compreensão dos fatos. Em quarto lugar temos o assunto política, contudo, a discutiremos no próximo tópico *perfil do jornal <<A Imprensa>> e os livros divulgados na sociedade paraibana no período de 1912 a 1942*; em quinto lugar, temos os assuntos geografia e religião. Quanto ao assunto geografia na década de 30 e anos 40, destacam-se as descrições das viagens de descoberta, ou seja, a narrativa das viagens que brasileiros [na sua grande maioria] fizeram ao exterior ou para a região do norte do Brasil. Nesse contexto, a Companhia Editora Nacional lançou no mercado livreiro a Coleção *Viagens*. Ao divulgar o livro *Japão*, do autor Nelson Tabajara de Oliveira, o jornal registra:

Este terceiro livro do A. constitui o quarto da Coleção Viagens que a Comp. Editora Nacional lançou vitoriosamente, este ano, no mercado de livro brasileiro. Tendo obtido ótima acolhida pelos leitores [...] o A. julgou-se no direito de não interromper as suas observações e continuou viajando pelo Extremo Oriente. (A IMPRENSA, 15 de novembro de 1936)

Em relação ao assunto religião a pesar de ocupar o quarto lugar, as editoras José Olímpio disponibilizava a Coleção *Pensamento Cristão* e a Companhia Editora Nacional a Coleção *Biblioteca do Pensamento Católico*. Logo, religião, literatura, biografia e história no período de 1912 a 1942 ocuparam lugares de destaque nos assuntos divulgados pelo jornal conforme a Tabela 15

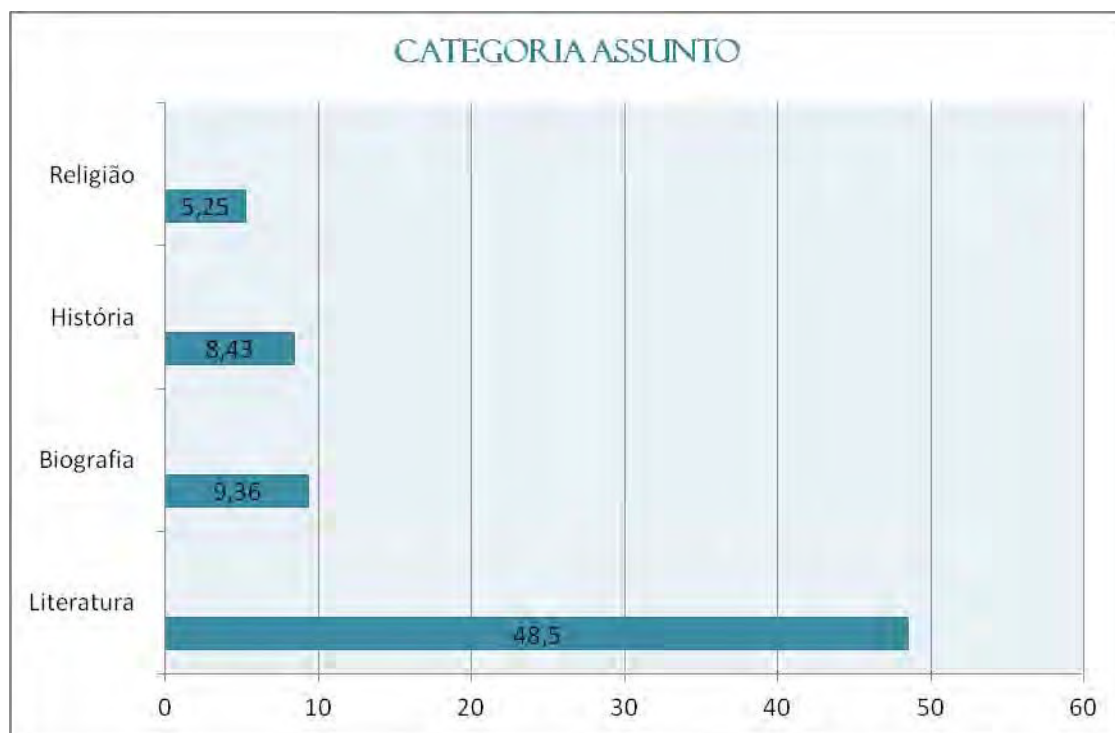
Tabela 15- Assuntos predominantes nas obras divulgadas no jornal <<A Imprensa>> (1912 a 1942)

Assuntos	Décadas				Valores	
	10	20	30	40	Absolutos	Relativos %
Agricultura	-	-	3	2	5	0,94
Antropologia cultural	-	-	-	1	1	0,19
Arte	1	-	3	-	4	0,75
Assuntos militares	1	1	-	-	2	0,37
Astronomia	-	-	1	1	2	0,37
Biografia	4	1	40	5	50	9,36
Ciência e conhecimento	-	-	-	1	1	0,19
Ciências biológicas em geral	-	-	1	1	2	0,37
Ciências domésticas	-	-	3	1	4	0,75
Ciências Médicas	1	-	6	6	13	2,43
Direito	3	1	6	-	10	1,87
Divertimentos. Espetáculos. Jogos. Desportos	-	-	5	-	5	0,94

Economia	1	-	7	1	9	1,69
Educação	-	-	7	-	7	1,31
Engenharia	1	-	1	1	3	0,56
Estatística	1	-	1	-	2	0,37
Etnologia	-	-	2	-	2	0,37
Filosofia	-	-	2	1	3	0,56
Física	-	-	1	-	1	0,19
Geografia	4	-	11	5	20	3,75
Gestão e organização da indústria, do comércio e da comunicação	-	-	1	1	2	0,37
História	3	-	34	8	45	8,43
Língua	-	-	-	2	2	0,37
Linguística	-	2	2	1	5	0,94
Literatura	7	8	194	50	259	48,50
Maçonaria	-	-	-	1	1	0,19
Música	-	-	2	-	2	0,37
Obras gerais de referência	2	-	1	2	5	0,94
Política	-	-	17	-	17	3,19
Psicologia	-	-	5	1	6	1,12
Publicação periódica	3	-	3	1	7	1,31
Religião	11	3	11	3	28	5,25
Sociologia	2	1	4	1	8	1,50
Tecnologia química. Indústrias químicas e relacionadas (Pesquisas e exploração de petróleo)	-	-	-	1	1	0,19
Total	45	17	374	98	534	100%

Fonte: Dados da Pesquisa, 2010

De acordo com a Tabela 15o assunto religião nas décadas de 10 e 30 teve 11 títulos divulgados pelo jornal e na década de 20 e anos 40 foram publicados 03 títulos; História e biografia tiveram maior quantidade de títulos publicados na década de 30. Literatura na década de 10 ocupa o segundo lugar, contudo, nos anos consecutivos lidera a primeira posição. Isso revela que apesar do jornal <<**A Imprensa**>> ser um periódico religioso, ele publicava obras literária, histórica e biográfica ampliando seu caráter de jornal noticioso como demonstra o Gráfico - 4.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2010

5.4 Condições de produção das colunas *Bibliographia, Livros e Livro Novos* do Jornal <<A Imprensa>> (1912 a 1942)

As colunas *Bibliographia, Livros e Livro Novos* eram um meio pelo qual a sociedade paraibana tomava conhecimento sobre os livros que estavam sendo lançados/publicados/editados nas décadas de 10 e 20 pelas tipografias, em especial, e nas décadas de 30 e anos 40 pelas casas editoriais do Brasil. Essas colunas possuem duas condições de produção, a primeira, em registrar e agradecer os exemplares de livros ofertados ao jornal como ao redator da coluna; em segundo, noticiar os livros que estavam sendo publicados pelas casas editoriais do Brasil. O período de 1912 a 1933 caracteriza a primeira condição de produção: registrar e agradecer os exemplares de livros ofertados ao jornal como ao redator da coluna. Nesse sentido, em 05 de setembro de 1912 ao divulgar o livro intitulado *Pontos de historia patriada* autoria de João de Lyra Tavares o jornal cita que:

[...] Com nossos agradecimentos á oferta de um exemplar que nos fez o autor, significamos neste registro os applausos que merecem todos quantos se esforçam pelo florescimento das letras no acanhado meio intellectual paraibano e felicitamos a literatura didatica por mais este livro que se publica em nossa terra. (A IMPRENSA, 05 de setembro de 1912)

Outro exemplo é o livro *Duvidado* autor Ponciano Barbosa;

Duvida por *Ponciano Barbosa*. Fomos obsequiados com um tombo de versos intitulado *Duvida*. O livro em questão traz enfeitados 152 paginas, bellos sonetos e sonoras estrophes de leitura amena e agradável e de estylo primoroso. No meio das perolas poeticas que compõem o *Duvida* destacamos esta mimosa estrophe [...]. Somos gratos ao sr. Ponciano Barbosa pela gentileza da offerta. (A IMPRENSA, 08 de abril de 1915)

Exemplificando ainda temos o livro *Horas de Enlevo* do autor Mauro Luna divulgado em 31 de maio de 1925 no qual

<<A Imprensa>> foi mimoseada, com que muito se desvanece, com o livro de versos de título acima [...]. O livro tem defeitos [o defeito do livro sob a ótica do redator foi quanto a composição dos versos em alexandrina] [...] mas, eu não quero fazer aqui a critica do livro do Sr. Mauro Luna. Tenciono, apenas, registrá-lo e agradecer em nome deste jornal.

De modo semelhante temos o livro da autoria do Padre J. Cabral

E o título de um livro que vem a ser dado á publicidade e cujo o exemplar temos em mão. [...] não queremos neste ligeiro noticiário de jornal externar o valor dessa obra excellete de patriotismo e religião. Queremos, apenas, registrar a offerta que se dignou de nos fazer o seu auctor, que é um dos nomes de relevo na imprensa catholica. *Conceitos e Factos* merece ser lido com toda a atenção . [...]

Com base nas citações acima, o jornal <<**A Imprensa**>>, em atitude de agradecimento aos exemplares dos livros ofertados pelos autores,os registrava. Ressaltamos que não eram apenas os autores dos livros que ofertavam os exemplares, mas,também, o Jornal *A União*no qual o jornal registrou a seguinte nota “ temos sobre a nossa banca de trabalho, offerecido pelos confrades da <<A União>> um exemplar do livro [...]” (A IMPRENSA, 06 de junho de 1931); por terceiros “ em especial deferencia do sr. Dr. Diogenes Caldas, esforçado Inspector Agricola neste Estado recebemos essas duas recentes publicações do Ministerio da Agricultura [...]. Gratos á fineza” (A IMPRENSA, 06 de junho de 1931); pela “ [...] Livraria Pierre Tequi rue Bonaparte 82, Paris, a quem agradecemos a gentileza da offerta”(A IMPRENSA, 07 de junho de 1917)

Destacamos ainda que alguns títulos recebidos pelo jornal foram enviados pelo correio pelos autores como no caso da obra intitulada *Esmeraldas*

Esmeraldas – A senhorinha Palmyra Wanderley, inteligente poetiza rio-grandese do norte, remetteu-nos pelo correio um volume do seu livro de versos - *Esmeraldas*. Conquanto não posso dizer muito do valor litterario da obra, achamo-la de delicada leitura, que poderá satisfazer as amiguinhas e admiradoras de d. Palmyra a quem, deste já, felicitamos e agradecemos

Registrar em agradecimento os exemplares recebidos pelo jornal ou redator da coluna no período de 1934 a 1942 aparecem algumas vezes relacionadas aos autores paraibanos ou autores mais próximos do redator, por exemplo, o Padre Benigno Lira e outros. Exemplificando ainda temoso paraibano José Batista Melo da obra *Evolução do Ensino na Paraíba*, em que se registra

Temos sobre a nossa mesa de trabalho, um exemplar do livro do Prof. José Batista Melo, que era sobejamente esperado. De feição bonita, o citado livro é um relicario historico do nosso ensino. Deu-nos o Prof. José Batista Melo uma obra importantíssima, quer pelo assunto nela explicado, quer pelos méritos de que inegavelmente é detentor o ilustre pedagogo conterrâneo. Confeccionado a capricho *Evolução do Ensino na Paraíba* é um livro que merece a atenção de todos que se entregam aos conhecimentos de nossa historia educacional. Queremos com essas linhas

somente registrar a gentileza daquele conterrâneo, nos oferecendo um exemplar do seu livro, de cujo estudo daremos uma noticia mais detalhada oportunamente. [...] (A IMPRENSA, 11 de dezembro de 1936)

Outros exemplos são os autores Luis Pinto no livro intitulado *Síntese histórica da Paraíba* divulgado no dia 18 de janeiro de 1939 e Celso Mariz da obra *Evolução econômica da Paraíba* noticiada no dia 07 de junho de 1939 que ofertaram os exemplares com dedicatórias. Por exemplo, o autor Celso Mariz “[...] deste livro recebemos um exemplar oferecido pelo autor acompanhado da amável dedicatória.” (A IMPRENSA, 07 de junho de 1939). E o paraibano Ariosvaldo Espinola do título *Trabalho e Tuberculose* “Somos gratos a oferta de um exemplar de “*Trabalho e Tuberculose*” com que nos distingue o autor” (A IMPRENSA, 05 de março de 1939). Com relação ao padre Benigno Lira no livro *Rosas de todo o ano as do Rosário de Maria* o redator registra:

Recebemos do Revdmo. Padre Benigno Lira um exemplar de “*Rosas de todo o ano as do Rosário de Maria*”, recente livro de sua autoria [...] Agradecemos ao Conego Benigno a gentileza do presente e lhe enviamos a nossa estímulo para que se multipliquem os seus presentes dessa natureza

Logo, o período de 1912 a 1933 as condições de produções difere do período de 1934 a 1942 que é noticiar os livros publicados pelas casas editoriais do Brasil. Nesse contexto temos três possibilidades quanto às condições de produções nessa fase; a primeira, o jornal noticiava os livros publicados/lançados/editados/ pelas casas editoras brasileiras, porém não tinha vínculos com elas, e sim com as livrarias paraibanas que vendiam os livros e conseqüentemente patrocinavam o jornal; a segunda, sendo o oposto, o jornal noticiava os livros devido ao vínculo que possuía com as casas editoras brasileiras; e a terceira, o jornal apenas divulgava os livros reiterando, assim, a sua linha editorial noticiosa.

Na primeira possibilidade, no dia 03 de junho de 1937, ao divulgar o livro intitulado *A virgem de Fátima e seus milagres* do autor Marques da Cruz o redator expõe que “[...] A virgem de Fátima é um livro que interessa não somente as classes católicas, mas a todos em geral [...]. A virgem de Fátima acha-se a venda na Livraria Moderna”, outro exemplo, é o livro de Gustavo Barroso a *Sinagoga Paulista* no qual “[...] o livro vem causando enorme sucesso. Encontra-se á venda, nesta capital, na Livraria do Povo, de propriedade do sr. Cosme Batista”. (A IMPRENSA, 30 de julho de 1937). Além disso, em nota de agradecimento ao autor paraibano José Batista Melo, o redator, expõe que “o livro do Professor Melo, encontra-se nas livrarias desta capital, exposto á venda. (A IMPRENSA, 11

de dezembro de 1936). De modo semelhante acontece com o autor paraibano Luis Pinto, porém, não são citados os nomes das livrarias nas quais “as livrarias da cidade iniciaram ontem a venda do livro do nosso confrade Luiz Pinto [...]. E esse livro verdadeiramente precioso que já está a venda e que de certo terá um êxito não só literário mas também editorial.” (A IMPRENSA, 18 de janeiro de 1939)

Em relação à segunda possibilidade no dia 15 de fevereiro de 1938, o jornal noticia que a “Livraria José Olimpio Editora remete-nos o sétimo volume da Coleção “Documentos Brasileiros” dirigida por Gilberto Freire: O índio Brasileiro e a revolução francesa de Afonso Arinos Sobrinho [...]”. Ao divulgar o livro *O moleque* da autoria de Athos Damasceno Ferreira expõe que “[...] dessa esplendida novela recebemos um exemplar oferecido pelos editores por intermédio da Livraria S. Paulo desta Praça.” (A IMPRENSA, 04 de outubro de 1938). Na nota sobre a *Descrição dos rios Parnaíba e Gurupi*

de Gustavo Dodt e *Os judeus e nós os cristãos* de Oscar de Féremzy “alude que “[...] A Companhia Editora Nacional por intermédio do seu representante aqui professor J. Batista de Melo, ofereceu-nos esses dois livros, recentemente incorporados à longa e preciosa lista das suas edições. (A IMPRENSA, 05 de março de 1939).

Quanto à terceira possibilidade no dia 08 de agosto de 1940 na obra *A psicologia da fé* do autor Padre Leonel Franca S.J o redator menciona que “dispensa-nos de comentar a leviandade do pretender estudar-lhe o pensamento nesta nota, que no fundo, é apenas um registro bibliográfico, sem pretensões maiores.” Nesse sentido no livro intitulado *Bolsos Vasios*, de Alirio Meira Wanderlei, o jornal registra “[...] nosso objetivo nessa nota singela apenas num despretencioso registro do aparecimento do livro de Alirio Wanderlei [...]” (A IMPRENSA, 15 de agosto de 1940). Nesse contexto algumas obras noticiadas pelo jornal foram enviadas pelos autores para fins de divulgação e consequentemente de aquisição, por exemplo, livro *Nasceu uma criança* da autoria de Ch. Yale Harrisen no qual o redator cita que “[...] um novo escritor também americano do norte manda-nos um livro bem original, um livro dos que não cansam o leitor [...]” (A IMPRENSA, 29 de janeiro de 1938). Nesse sentido temos o livro de Alvarus de Oliveiraintitulado *Ritmos dos séculos* no qual “[...] para pedidos diretos pode-se dirigir à Brasília Editora, rua Senador Dantas, 53, Rio, por vale postal ou serviço de reembolso postal [...]” (A IMPRENSA, 08 de janeiro de 1939). Essa finalidade de noticiar, em especial, os livros, a sociedade paraibana cumprindo seu perfil noticioso pode ser visualizada ainda nas obras publicadas pela Nestlé, pois, no dia 29 de janeiro de 1938 o jornal divulga o livro intitulado *ABC de João e Maria* de Marques Rabelo e Santa Rosa no qual informa que “[...] este livrinho maravilhosos que a

Cia Nestlé publicou e em enorme tiragem acaba de distribuir gratuitamente em todo paiz. Primorosamente impresso, é um presente magnífico que a Nestlé envia mediante pedido para a Caixa Postal 760.”

5.5 Perfil do jornal <<**A Imprensa**>>(1912 a 1942) e os livros noticiados nas Colunas *Bibliographia*, *Livros e Livro Novos*.

O jornal <<**A Imprensa**>> ao noticiar os livros nas Colunas *Bibliographia*, *Livros e Livros Novos* em geral, apresentava o estilo literário do autor, a obra publicada e a comparava com outros livros já editados pelo mesmo autor, ou então, citava o livro publicado e apresentava o autor como já conhecido na literatura brasileira. Em outras situações apenas menciona o conteúdo do livro. É comum também encontrarmos nessas colunas a transcrição dos capítulos, porém, em sua grande maioria, o redator na notícia fazia um resumo crítico sobre o livro. Isso era possível, provavelmente, pelo fato dele possuir conhecimentos em várias temáticas assim como o forte indicio de suas práticas leitoras, entendidas aqui como a leitura inferida por desejo próprio, associando ainda a relação com o trabalho de divulgação de obras, por exemplo, no dia 08 de março de 1915 o redator refere que “[...] da rapida leitura que fizemos ficamos certos ser um trabalho perfeito, comprovando ainda mais o nosso juízo a competência de mestre do seu illustre auctor . Somos gratos ao sr. cel. João Lyra pela valiosa offerta com que se dignou minoscar-nos ” Exemplificando ainda temos “ devido á captivante gentileza do seu auctor, Professor José Coelho, lemos com imenso prazer o folheto subordinado ao título supra [...]” (A IMPRENSA, 20 de fevereiro de 1919). Outro exemplo foi a obra *Ataques e Defesas* do autor Francisco de Macedo Costa no qual o redator enfatiza:

[...] Não, Precisava-mos folhear o livro (o que alias fizemos cuidadosamente) para emitirmos o nosso juízo sobre a obra. Bastava-nos o nome do auctor, para nos dizer que se tratava de uma verdadeira jóia sob todos os pontos de vista. Entretanto com a leitura, o valor da obra excedeu [...]. (A IMPRENSA, 08 de dezembro de 1920).

Nas décadas 10 e 20 as leituras das obras representavam muito mais que decodificação do signo como gesto de registro e agradecimento. Elas, provavelmente, eram feitas também como forma de verificar a existência de conteúdos que de algum modo

venham a ferir os princípios da Igreja Católica e, conseqüentemente, a linha editorial doutrinária do jornal. Por exemplo, o *Almanach para as famílias brasileiras anno 1918* do autor Alexandre dos Anjos

Temos as mão essa importante publicação que está no 3 anno de vida [...] tudo debaixo da moral catholica, ao contrario dos muitos almanachs espalhados por ahi a fora em que menos se cuida dessa virtude que de agradar ao paladar dos viciados . Merece, portanto, lido e apreciado, o *Almanach das Famílias Brasileiras* [...] , Mui gratos pela remessa de um exemplar, recommendamol-o aos nossos leitores e amigos”. (A IMPRENSA, 07 de novembro de 1918).

Outro exemplo é o romance de *Joanna* publicada pelo Centro da Boa Imprensa localizada em Petrópolis, RJ “[...] Sobre o seu valor moral, basta dizer que saíu das officinas do <<Centro da Boa Imprensa>> [...] (A IMPRENSA, 21 de novembro de 1918). De modo semelhante temos o livro intitulado *Para Sobremesado* Frei Pedro Sinzig

[...] A literatura brasileira está tão cheia de livros perigosos, que não deixa de causar satisfação, e grande, a publicação, de um livro moral , sob as bases do evangelho, que, como bom amigo nos deleita e instrua. [...] Mil bravos e agradecimentos ao Centro da Boa Imprensa, que teve a boa lembrança de remetter-nos um exemplar da obra citada. (A IMPRENSA, 27 de fevereiro de 1918).

Exemplificando ainda temos a obra *Paulino e Marília* de Genésio Lustosa Cabral divulgada no dia 16 de setembro de 1922

Paulino e Marília – romance de costumes cearenses pelo o Sr. Genésio Lustosa Cabral [...] Recebemos offertado pelo auctor um exemplar da ultima produção literária de Genésio Lustosa Cabral, bemquisto juiz municipal de Taperoá. Pela cuidadosa leitura que fizemos, vimos que o enredo nada tem de adverso a fé e costumes catholicos; ao contrario, mostra sempre o espírito christão aqui e alli pelo livro todo como também no desfecho final. [...].

Outros exemplos são os livros *Fuloreios* de Mardokeo Nacre no qual “[...] Em todo livro nada notamos de offensivo á moral e as crenças catholicas da quasi unidade dos parahybanos. [...] (A IMPRENSA, 23 de setembro de 1922) e do autor Isaac Pinto no livro intitulado *A Figura das Lesões Corporaes no Direito Criminal Brasileiro*

Com a publicação de seu novo livro sobre jurisprudência [...]. Enquanto muitos outros, por ahi afora, perdem o tempo, com

uma literatura enervante e enfermiza o illustre Juiz Municipal do Pilar applica os recursos de sua intelligencia à elucidação dos problemas juridicos [...]. Noticiando o apparecimento deste excellente livro, com que ora se enriquecem as letras parahybanas. (A IMPRENSA, 16 de julho de 1923).

Logo, os livros divulgados faziam parte da boa imprensa, pois, a moral, a fé católica e os seus princípios como os seus dirigentes não foram agredidos. Além disso, as leituras desses livros pela sociedade paraibana a afastariaas perigosas leituras, ou seja, da má imprensa. Ressaltamos que os livros publicados pelo Centro da Boa Imprensa eram legitimados e os seus leitores não teriam a moral e nem a fé desviada. Contudo, no dia 31 de maio de 1915 o jornal publica,

Hoje somente podemos, retardatarios, pela estreitêsa de espaço do nosso hebdomadário, noticiar agradecidos o recebimento do ultimo livro do emerito escriptor conterrâneo sr. dr. Carlos D. Fernandes, director do brilhante diario official do Estado . Embora distanciados dos principios doutrinaes, moraes e philosophicos de grande parte dos Talcos e Avellorios do festejado publicista, não podemos de modo algum obscurecer a sublimidade de fôrma arrojada que exorna a collectanea a que alludimos e da qual recebemos o exemplar, gentimente offerecido pelo autor com uma dedicatoria affectuosa que muito nos desvanece. Nesse livro do sr. dr. Carlos D. Fernandes vibra também uma alma enérgica assomada de patriótico entusiasmo, que constitui, no fundo da obra, o que melhor nos merece admiração no volumosos livro, o qual veio, de certo, trazer ao illustre homem parahybano mais uma prova inconcussa do seu real valor de polygrapho creador, fecundo e sobretudo attraenthe com as seducções do seu estylo admiravel que tem merecido da imprensa brasileira os mais lisongeiros encomios , asseguradores do justo renome do valente escriptor . Agradecidos pela delicada oferta”.

Esse livro foi o único que não tinha concordância com os princípios da Igreja Católica, contudo, o seu autor, era um homem que ocupa um cargo importante na cidade, o diretor do Diário Oficial do Estado. Nesse sentido, a forma excedeu o conteúdo e o livro foi registrado em atitude de agradecimento. Na década de 30 e nos anos 40 as leituras dos livros continuava fim de noticiá-los, porém, os livros que abordam o comunismo são questionados e criticados enquanto os assuntos relacionados ao integralismo são elogiados e reiterados. Por exemplo, no livro de U.R.S.S: *Um Novo Mundo Novo* de Caio Prado Junior

Mais de uma metade dos livros publicados este ano no Rio e S. Paulo prende-se a coisas marxistas de propaganda da U.R.S.S .

È esta propaganda uma como doença contagiosa, alastrando-se no organismo. Cada livro novo deixa isso transparecer, num abertamente e noutros dissimulado no dourado da pílula e noutros ainda com a subtileza própria dos espíritos finos, daqueles que sabem divagar pela indução mais forte que a própria dedução.

Ai está uma Bibliographia que vista no conjunto de observações desapaixonadas bem pouco deixa de construtivo no sentido moral por que até aqui se vem mostrando o mundo ocidental que erigiu a França á categoria de cerebro. O fenomeno è MUTATIS MUTANDIS, o verificado na Europa do tempo de Karl Marx que aproveitando a confusão lançou o seu celebre manifesto,e, razoes profundamente humanas fizeram-no calar em espíritos de eleição do povo russo para vir explodir quasi uma centena de anos ápos, no conflito de 1914.

CAIO PRADO JUNIOR – U.R.S.S. UM MUNDO NOVO – Comp. Editora Nacional- S. Paulo- 1934. Caio Prado Junior quis também publicar o seu depoimento. Esteve na Russia, viu as diretrizes da política econonica resultante do primeiro Plano Quinquenal,visitou fabricas,ouviu os detentores do poder, observou, colheu notas e achou-se no dever de vir de publico dizer a sua excessiva admiração pela ditadura proletaria. E transbordante essa sua admiração.

Tudo, ou quasi tudo lhe pareceu perfeito sob o quante soviético. O estudo sobre a organização política marxista, como o sobre a economia e vida social são verdadeiros ditirambos ao atual sistema administrativo do Camarada Stalin. Até, segundo o seu testemunho apaixonado, quem duvidas poderá opor a tal paraizo de admiração?

E ele que conta:

“a política é na União Sovietica uma verdadeira obsessão . os jornais analisam diariamente e com minucia todos os problemas políticos do momento. Os jornais murais das fabricas, as vitrines das casas comerciais, cartazes nas vias publicas enchem-se de gráficos e esquemas que mostram a curva da falta de trabalho em todos os paises do mundo .

E isso, na opinião do A. a prova frisante do quanto o povo russo vive interessado na coisa publica, muito embora esse caracteristica não seja um particularidade dos russos portanto é uma qualidade que encontramos em todos os povos cujo grau de cultura oscile da pequena agricultura para a industria acerelada. No próprio estado do Sr. caio Prado temos uma curiosa demonstração do alegado.

Logo, podemos reduzir não um pouco mas, o total do entusiasmo do A. e, pelo demonstrado julgar menos apressadamente o seu livro, que conquanto esteja cuidadosamente escrito péca, péca muito, pelo exagero em ferir um assunto delicado e certamente mal observado,isso na propaganda é ,quasi sempre diferentissimo ora realidade. (A IMPRENSA, 29 de junho de 1934, grifo nosso)

Outro exemplo é o livro intitulado *Origens e transformações do materialismo histórico: de Marx a Stalin* de Jose Getulio Monteiro Junior divulgado no dia 03 de junho de 1939

As fontes do comunismo merecem ser cuidadosamente estudadas por todos os que se interessam pelo conhecimento mais anormais e anti-humanos que já assistiu o mundo. [...] esse estudo convém ser feito com meticoloso cuidado evitando-se o seu recebimento dos propagandistas mesmo disfarçados do credo vermelho. Um guia de absoluta segurança para o exame das raízes do comunismo contemporâneo é o livro que acaba de ser publicado [...]

Em contrapartida no dia 17 de julho de 1934 o jornal divulga *A Voz do Oeste* de Plínio Salgado

[...] muito se tem escrito sobre as “bandeiras” paulistas. As bandeiras que penetram fundo o coração da terra brasileira levando a civilização aos mais longínquo recesso da selva. De toda essa literatura, até agora acumulada patenteia-se uma como unânime voz, apegada como traça á letra dos velhos documentos para não lhes reconhecer outra finalidade que a do apreamento do índio ou a da cata do ouro. Plínio Salgado, homem de outra concepção idealista na expressão legítima do termo, quebrou esse ritmo e a “Voz do Oeste” apresenta-se olhando aqueles sertanistas, emboabas, mamalucos, até reinóis e filhos da terra brasileira como ao serviço de uma fatalidade histórica lançando as sementes de uma pátria nova. O seu livro é realmente um romance poema. É livro de quem cumpre os ditames de um ideal, livro capaz de acordar as fibras mais íntimas da alma dos moços que se queiram compenetrar dos deveres com a mãe-pátria. **A voz que clama nas páginas desse livro é feita pelo brado unânime de todas as raças, de todos os esforços humanos conjugados na construção do Brasil que se eleva dia a dia no concerto do mundo. É livro de quem fala convictamente.**

Outro exemplo é o livro da autoria de Anor Butler Maciel intitulado *Nacionalismo: o problema judaico e o nacional – Socialismo* no qual o “sr. Anor Butler Maciel, que se vem revelando um sociólogo de grande valor, acaba de publicar mais um livro de carácter social. Adepto ardoroso da doutrina integralista [...]”. (A IMPRENSA, 29 de agosto de 1937) Exemplificando ainda temos a obra *Judaísmo, maçonaria e comunismo* de Gustavo Barroso no qual o redator expõe que “[...] trata-se, como se vê, de um livro corajoso e forte que muito servirá para abrir os olhos do povo brasileiro contra a dominação judaica, a hipocrisia maçônica e o terrorismo bolchevista. (A IMPRENSA, 07 de setembro de 1937)

Nesse contexto, na década de 30, temos 17 livros que abordam assuntos políticos, dos quais 12 títulos são dos autores integralistas: Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale e que esses títulos podem ser visualizados até o mês de setembro de 1937. Nesse sentido, por meio dos livros divulgados pelo jornal na década de 30 houve o combate ao comunismo e a defesa ou divulgação do integralismo. Ressaltamos ainda que na década de 30 e anos 40 o jornal também criticou os livros adversos à Santa Sé, assim como àqueles que porventura pudessem de algum modo acentuar possibilidades discursivas sobre formas de governos e poderes políticos divergentes do sistema então em voga, como o comunismo

e outros de ideias marxistas, a exemplo, do livro *O moleque Ricardo* da autoria de José Lins do Rego

Esse paraibano de talento que é José Lins do Rego [...] O autor sabe prender o leitor. Não é apenas a paisagem local que ele passa para o livro: é a alma, é a vida, mesma dos seus personagens, sem artificialismo. José Lins do Rego se nunca fôra católico, era o que o saudoso Alcantara Machado dizia de si mesmo “um torcedor da Igreja” [...] O desejo de brilhar, de ser “alguém” na literatura de acordo com as tendências “modernas” [...] meteu-se a fazer o que se convencionou chamar de “literatura proletária” O moleque Ricardo é bem a prova dessa tendência. [...] e com aquele seu jeito de dizer pornografia com a mais candida das caras ...mas aqui é que chega o veneno do autor na tragédia do mucambo na vida daquele seu Florencio tão cheio de filhos e de revolta não aparece uma clareira de fé. De religião. No catimbo e no seu Lucas pai-do-terrero o autor resume toda a vibração espiritual daqueles pobres parias para quem nossa sociedade descristianizada olha com absoluta desdém. Nisso está o **romancista marxista o fator religioso aparece só naquelas manifestações mais baixas de fetichismo [...]** E essa ausência da alma católica no drama proletário, aclarar-lhe os dias amargurados pelas injustiças sociais, e o que revela a tendência do propagandista inteligente do comunismo que reduz o tão complexo problema social ao problema do pão. José Lins do Rego é um esplêndido novelista que não soube resistir á onda. (A IMPRENSA, 28 de agosto de 1935, grifo nosso)

Na mesma coluna divulgou-se o livro intitulado *Juventude de Hoje: lares de amanhã* das autoras Laurita Pessoa Raja Gabaglia (Filha de Epitácio Pessoa) e Anita Lima Guerreiro de Castro no qual o redator alega que

[...] Os pecados da literatura do paraibano José Lins do Rego encontram, agora, nesse livro de uma filha de paraibano um corretivo [...] estuda ela [Laurita Pessoa Raja Gabaglia] com elevação cultural e doutrinária os grandes problemas da formação feminina para a família. Segurança de doutrina, beleza de forma, um íntimo ardor apostólico que inflama o leitor [...]. (A IMPRENSA, 28 de agosto de 1935).

Outro exemplo é o livro intitulado *Historia da Terra e da Humanidade* no qual combate o materialismo

[...] Em outra nota possivelmente estudaremos mais detalhadamente esse livro admirável feito para juventude de nossa Pátria. Por hora queremos deixar aqui essa indicação aos pais de família, que sentem tanta dificuldade em oferecer um livro que preste aos seus filhos. Compremo-no sem temor, leiam também. Vejam o que fez um escritor consciencioso abordando os mesmos assuntos já trabalhados por escritores materialistas. “Historia da Terra e da Humanidade” é uma resposta ao livro materialista do sr. Monteiro Lobato, “Historias para Crianças”. **O primeiro estar cheio de Deus, esta penetrado de cristianismo. O segundo esta povoado de**

macacos e de alguns outros animais sem alma sem vida interior e a quem o escritor paulista chama impropriamente de homens. (A IMPRENSA, 03 de dezembro de 1937, grifo nosso)

Exemplificando ainda, temos o livro intitulado *A ilusão maçônica* de Ramos de Oliveira onde “a maçonaria encontrou na pena do sr. Ramos de Oliveira um arguto estudioso. As manhas, a sua filosofia errada, os tortuosos caminhos da segregada seita, tudo isso o Sr. Ramos de Oliveira põe á nu. A Plaquette aludida é um trabalho que merece divulgação.” (A IMPRENSA, 20 de janeiro de 1942).

Com base nas citações, o jornal <<**A Imprensa**>> apesar do perfil doutrinário católico romanodivulgava os livros adversos aos seus dogmas, contudo, apresentava uma crítica literária sobre os mesmo. Além disso, divulgava também os livros da Editora A. B. C.

Com a elevada finalidade de promover uma ampla difusão, entre nós, de livros de orientação católica, fundou-se recentemente no Rio de Janeiro, sob a direção de intelectual de Tristão de Ataíde, a Empresa Editora A.B. C Limitada. Possui a novel empresa uma ótima secção e livraria, em contacto com as principais editoras do exterior, de maneira a poder satisfazer quaisquer encomendas de livros nacionais e estrangeiros, sobre todos os assuntos. Remetendo-os para qualquer ponto do país. E essa mesma Empresa Editora A.B. C Limitada que acaba de lançar com muito sucesso, a magnífica obra [...] Merece todos os aplausos a iniciativa da Empresa Editora A.B.C., Limitada lançando este livro, que recomendamos vivamente aos nosso leitores. (A IMPRENSA, 12 de agosto de 1936)

Vale ressaltar que durante o período de 1912 a 1942 o perfil do jornal não entrou em contradição com os livros divulgados, contudo, essa constatação, pode ser diferente tendo como base um estudo detalhado dos títulos dos livros divulgados pelo jornal.

6 FECHANDO A EDIÇÃO

" agora mãos à obra, que o tempo urge"
Dom Adauto (1918, p.18).

O jornal <<**A Imprensa**>> ao propiciar retornar ao passado pelo trânsito em suas páginas, sobretudo quando tomo como foco dois questionamentos básicos: como se caracterizava a informação veiculada pelas Colunas *Bibliographia, Livros e Livros Novos*? O jornal <<**A Imprensa**>> caracteriza-se como veículo informacional e memorialístico?

Sendo assim, na tentativa de respondermos a essas indagações o presente estudo objetivou analisar e compreender o Jornal <<**A Imprensa**>> como fonte de informação e memória da produção editorial paraibana no período entre 1912 e 1942. Nesse sentido, vasculhou-se página a página, extraíram-se dados, e, construímos *corpus* analítico em que foi possível, ainda que, deixando pequenas lacunas, tecer fios que conduziram a compreender os nós que se entrelaçaram no processo editorial paraibano a partir da produção divulgada pelas colunas *Bibliographia, Livros e Livros Novos* constante no jornal <<**A Imprensa**>>, veículo doutrinário e noticioso. Contudo, seria impossível analisarmos os livros divulgados pelo jornal sem percorrer os caminhos em que circulou, assim como adentrar nos meandros de sua célula *mater*: a Diocese e Arquidiocese da Paraíba, a conjuntura político vigente e o seu papel no periodismo paraibano.

Nos caminhos percorridos pelo jornal <<**A Imprensa**>> nos deparamos com a Paraíba circundada por um sistema político-econômico e social nas décadas de 10 e 20 pertencente à República Velha (1889 - 1930), no qual foi caracterizada pela estrutura oligárquica coronelista (a Alvarista – 1889-1915 e a Epitacista 1915-1930). Nas décadas de 30 e 40 outros aspectos inerentes a Era de Vargas (1930-1945) marcaram a centralização do poder por meio dos interventores tenentistas estaduais no qual a Paraíba foi afetada e governada por José Américo de Almeida, Antenor Navarro e Gratuliano da Costa de Brito, Argemiro de Figueiredo e Ruy Carneiro.

Já em relação a Diocese e Arquidiocese da Paraíba, o jornal surge em 27 de maio de 1897 como órgão semanário, doutrinário e noticioso fundado por Dom Adauto

Aurélio de Miranda Henriques, primeiro bispo e arcebispo da Paraíba como estratégia para implantar na Paraíba o processo de romanização. Nesse sentido, o jornal compreendeu duas fases: a primeira, 1897 a 1903; e a segunda de 1912 a 1942, ponto focal de nossas análises. Em suas fases, o jornal distinguiu ou pelo menos deixou transparecer a definição de linhas editoriais, a saber: de 1912 a 1929 que tinha como política editorial doutrinar o povo e “defender” a religião católica das religiões e ideologias anticlericais enquanto que seu segundo período, de 1930 a 1942 fundamentou-se como proposta editorial nas discussões sobre o combate ao comunismo ou perigo vermelho e a defesa do integralismo, que por sua vez foram reflexos da aliança entre igreja católica, governo estadual e oligarquias locais. Por outro lado, esse mesmo jornal que aparentemente mantém certa incoerência em sua política editorial, ofereceu aos seus leitores, em sua maioria, constituídos por uma elite, a divulgação de obras e se fez circular entre os leitores, autores e obras, nem sempre de caráter religiosos, obras cujo teor informacional fugia aos olhos atentos de uma política censora.

Nesse contexto, o jornal, por meio das colunas *Bibliographia*, *Livros e Livros Novos* divulgou 534 títulos, sendo 45 na década de 10; 17 na década de 20. Já na década de 30 são 374 títulos e nos anos 40 são 98 títulos. A década de 30 tornou-se o ápice da divulgação de obras, contudo, ressaltamos que nas décadas de 10 e 20 o jornal era semanário e bi-semanário, tornando-se a partir de 1933, diário. Para além, do aumento de publicação e divulgação de obras através das atividades das casas editoriais no Brasil, que se configurou também como um novo paradigma para os anos 30 e 40, alterando o panorama editorial brasileiro, e, por consequência, a influência deste na Paraíba. Dos títulos divulgados verificou-se que 8,80% foram caracterizados como reedições publicadas e que 91,20 %, representaram títulos novos oferecidos ao público brasileiro.

Dos títulos divulgados pelo jornal a pesquisa registrou 383 autores pessoais, 07 autorias coletivas (quantificando 17 autores); 09 autores desconhecidos como também 09 autores entidade quantificando assim 408 autores. Contudo, foram analisados apenas os autores pessoais e coletivos dos qual não possível traçar o perfil profissional e de naturalidade de todos, uma vez que, as notícias contidas nas colunas não ofereceram subsídios suficientes, porém, esses assuntos seriam objetos de estudo futuro no qual um dos instrumentos para consulta seria o Anuário Brasileiro de Literatura editado pelos Irmãos Pongetti; entretanto, a partir dos dados coletados foi possível traçarmos o perfil quanto à nacionalidade na qual ficou patente a predominância de autores brasileiros com 64,57%, enquanto que os estrangeiros representavam 35,43%. Apesar dos brasileiros

assumirem a primeira posição, o índice de estrangeiros foi significativo, uma vez que as casas editoriais brasileiras, por intermédio de suas coleções buscaram oferecer ao público brasileiro obras estrangeiras traduzidas por autores brasileiros renomados a fim de alcançar um número maior de leitores e, conseqüentemente, de vendas. Vale ressaltar que o papel literário masculino sobressaiu ao das mulheres e que essas tiveram maior participação na década de 30, período em que as mulheres começavam, ainda que timidamente, a conquistar espaço na sociedade predominantemente machista.

Das editoras divulgadas pelo jornal destacaram-se três: Companhia Editora Nacional, em São Paulo; José Olímpio, no Rio de Janeiro e Livraria Globo, em Porto Alegre. Essas editoras representaram a concentração editorial do Brasil na Região Sul, com destaque no Rio de Janeiro que teve a maior quantidade de editoras mencionadas pelo jornal em contraste com a Paraíba no qual a Imprensa Oficial foi à única mencionada. As editoras Companhia Editora Nacional; José Olímpio e Livraria Globo juntamente com as outras casas editoriais brasileiras mapeadas pela pesquisa permitiram por meio do jornal a divulgação de 34 assuntos e entre estas destacaram-se: literatura, história, religião e biografia nas quais o assunto literatura atingiu o ápice por meio dos variados gêneros literários e, em especial, as leitoras femininas, consumidoras dos produtos informacionais nos anos em estudo.

O perfil editorial do jornal reconstruído na pesquisa foi caracterizado por duas fases: perfil doutrinário (décadas de 10 e 20) e político (década de 30 e 40), quanto ao perfil doutrinário, os livros divulgados no jornal não apresentaram conflitos, exceto um, que exercendo um cargo de vínculo político, teve o seu livro citado. Não podemos esquecer que apesar do Brasil, em especial, ser um país laico, existia afinidade, ou mesmo um acordo tácito de poder entre o segmento político e religioso, pois ambos eram beneficiados: a igreja tinha liberdade para implantar o processo de romanização e a política se afirmava com estrutura oligárquica.

Quanto ao perfil sociopolítico dos livros divulgados, estes abordavam em seu conteúdo o comunismo ou ideias antirreligiosas, a exemplo, da obra Menino Ricardo da autoria de José Lins do Rêgo; contudo, o redator os apresentava questionando seus princípios, contrapondo-se a este em defesa da Santa Sé. Estratégias essas também adotadas com obras de autores materialistas. Entretanto, os livros dos escritores integralistas eram bem acolhidos pelo jornal sendo apresentados como um instrumento do processo de desenvolvimento pátrio. Nesse contexto o perfil do jornal não entrou em contradição com os livros divulgados, pois, os mesmos eram anunciados, contudo, o jornal “lembrava” aos

leitores as posturas das doutrinas e ideologias católicas. Vale lembrar que essa postura em noticiar também os livros adversos aos seus princípios confirma o perfil noticioso do jornal que o elegeu como avançado para sua época no âmbito da tecnologia que extrapolou os limites do dogmatismo quando noticiava os fatos e os temas que estavam acontecendo na Paraíba, nas regiões brasileiras e na esfera internacional e outros.

A pesquisa reconstruiu também as condições de produções das colunas *Bibliographia*, *Livros e Livros Novos*. Nesse sentido as notícias registradas nas primeiras décadas (10 e 20) eram demonstrações de agradecimento aos exemplares que o jornal recebia como o redator das colunas, contudo, não podemos descartar que essa “doação” era uma estratégia utilizada pelos autores ou editores afim do livro ser divulgado e, conseqüentemente, adquirido. Já nas décadas de 30 e 40 ficou patente a forma noticiosa e frequente com que os livros que foram publicados pelas casas editoriais brasileiras. Nesse âmbito, os vestígios coletados nas colunas possibilitou-nos eleger três hipóteses: a primeira, de noticiar porque o jornal possuía um contrato de publicidade com as livrarias, ou seja, à mediada que os livros fornecidos por eles eram anunciados, as livrarias que os possuíam eram divulgadas, e, nesse sentido, algumas livrarias foram apresentadas à sociedade paraibana: Livraria Moderna, Livraria do Povo, Livraria Popular, Livraria Cruzeiro do Sr. João Teodósio.

Outra possibilidade (re) construída foi um possível vínculo com as editoras. Nesse sentido temos o envio de exemplares pelo correio como também a existência de representantes ou distribuidores na Paraíba, ou ainda, as livrarias que intermediavam esses exemplares.

A terceira possibilidade diz respeito à prática do jornal em noticiar os livros pela qualidade e variedade das informações distribuídas ao longo das sessões a fim de agradarem aos seus leitores cumprindo assim o seu papel noticioso. Contudo, não podemos descartar ainda a possibilidade dessas colunas serem feitas no polo editorial do Brasil e enviadas por algum correspondente. Contudo, essas possibilidades podem ser entendidas também como um processo dinâmico, ou seja, podem ter acontecido ao mesmo tempo e em conjunto, pois as notícias das colunas estiveram presentes durante a década de 30 e início dos anos 40.

O jornalismo católico por meio da <<**A Imprensa**>> foi atuante na sociedade paraibana tanto no âmbito religioso, ou seja, no processo de romanização que segundo Dias (2008) foi consolidado no Brasil e na Paraíba na década de 30, como também pelo seu noticiário. Nesse ambiente, o livro ocupou um lugar de destaque no jornal, pois além das colunas estudadas nessa pesquisa existem ainda, por exemplos, os artigos de opinião, as revistas, os boletins, as cartas pastorais, os livros que estavam à venda e outros. Nesse

sentindo existem vários porquês. Vale lembrar que a pesquisa foi delimitada até o ano de 1942 e o jornal encerra suas atividades em 1968. Então questionamos: Após o processo de redemocratização do Brasil o que mudou no jornal? Será que o assunto literatura perdurou em seu ápice? Será que as editoras continuaram publicando livros em face da Segunda Guerra Mundial?

Por fim, acreditamos ter encerrado apenas a travessia que nos auxilia a percorrer os caminhos que respondem as duas indagações iniciais deste estudo, com a certeza que para além de resposta outras questões surgiram requerendo, portanto, outras investigações. Entretanto, vale registrar que em resposta às indagações reiteramos que o jornal <<**A Imprensa**>> se caracterizou como jornal noticioso e doutrinário e assim transitava por entre os meandros e vontade da igreja sem perder de vista seu papel de colaborador na divulgação de obras nem sempre aceitas pelo poder religioso, tornando-se, pois, um veículo de circulação de obras contrárias aos ditames da igreja.

Assim, fechamos a redação desta primeira edição. Contudo, fica patente que estudar o jornal <<**A Imprensa**>> buscando compreender suas tramas é percebê-lo enquanto veículo de informação e memória da produção editorial paraibana, possibilitando desse modo compreender os meandros da produção, circulação e divulgação de obras e seus respectivos autores, numa relação dialética entre o local e o nacional.



REFERÊNCIAS

ALVES, Hamiris Horácio; CARVALHO, José Oscar Fontanini de . Estudos e fontes da palavra informação. In: Encontro de Iniciação Científica da PUC-Campinas, 14., 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Campinas, 2009 Disponível em: <http://www.puc-campinas.edu.br/pesquisa/ic/pic2009/resumos/2009824_174932_207344431_res978.pdf> Acesso em : 26 maio. 2011

ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência**: introdução ao jogo e as suas regras. São Paulo: Loyola, 2007.

AMORIM, Laura Helena Baracuby . A economia paraibana na etapa da articulação comercial (1930-1970) In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy da (Org.). **Estrutura de poder na Paraíba**. João Pessoa: Ed. Universitária / UFPB, 1999. (Coleção História Temática da Paraíba, v.2)

ARAÚJO, Fátima. **Paraíba**: Imprensa e Vida: jornalismo impresso 1826 a 1986. 2. ed. rev. aum. João Pessoa: Grafset, 1986.

_____. **História e ideologia da imprensa na Paraíba**: dados históricos e técnicos. João Pessoa: A União, 1983.

ARÓSTEGUI, Júlio. **A pesquisa histórica**: teoria e método. Bauru, SP: EDUSC, 2006.

ARQUIDIOCE (Paraíba). Disponível em: <<http://www.arquidiocesepb.org.br/>>. Acesso em: 18 maio 2010.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Informação e memória: as relações na pesquisa. **Revista História em Reflexão**, Dourados, UFGD, v. 1, n. 2, p. 1-19, jul./ dez. de 2007.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e Literatura**: a imprensa brasileira no século XIX. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BRONOWSKI, Jacob. A Evolução e o poder da linguagem simbólica. In: _____. **As origens do conhecimento e da imaginação**. 2. ed. Brasília: UNB, 1997. Cap. 2

BROOKES, Bertram C. The foundations of information science. Part. 1. Philosophical aspects. **Journal Of information Science**, v.2, p. 125-133, 1980.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: Elemento para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989. Cap. 5

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O Conceito de informação. **Perspect.ciênc. Inf.**, v.12, n.1, p.148-207, jan./abr. 2007

_____. Epistemologia e Ciência da Informação. Disponível em: <http://www.capurro.de/enancib_p.htm> Acesso em : 12 jan.2010>

CARDOSO, Everton Terres . Crítica de um enunciador ausente: a configuração da opinião no jornalismo cultural. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 299-314, jul./dez. 2007.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY; Boris.(Org.). **A imprensa confiscada pelo DEOPS 1924-1954**. São Paulo: Ateliê Editorial,2003.

CASTRO, César Augusto. Biblioteca como lugar de memória e eco de conhecimento: um olhar sobre o Nome da Rosa. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. esp., p. 01-20, 2006

CATROGA , Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001

CAVALCANTE NETO, Faustino Teatino. Tipografia anticomunista: os jornais A União e A Imprensa na “redemocratização” paraibana de 1945. **Ariús**, Campina Grande, v. 13, n. 2, p. 203–210, jul./dez. 2007

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 11, n.5, 1991. p. 173-191.

DARDE, Vicente William da Silva. A construção de sentidos sobre a homossexualidade na mídia brasileira. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 223 - 234, jul./dez. 2008.

DIAS, Roberto Barros .**Deus e a Pátria**: igreja e Estado no processo de romanização na Paraíba (1894-1930). 2008. 207f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba. Paraíba, 2008

DIEHL, Astor Antônio. Memória e identidade: perspectivas para a história. In:_____. **Cultura Historiográfica**: memória, identidade e representação. Bauru, SP: EDUSC, 2002. Cap. 5

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9. ,2010, Rio de Janeiro, RJ. **ENANCIB...** Rio de Janeiro, RJ, 2010. Disponível em: <<http://congresso.ibict.br/index.php/enancib/xienancib>>. Acesso em: 19 maio 2010

ENNE, Ana Lucia S. Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional. **Revista Fronteiras** - estudos midiáticos, v.6, n.2, p.101-116, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/fronteiras/issue/archive>> . Acesso em: 05 jun.2010

FERREIRA, Lucia de Fátima Guerra. **Igreja e romanização**: a implantação da diocese da Paraíba. 1994. 372f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 1994.

FIGUEREIDO, Francisco Severino. Imprensa catholica e instituições religiosas. In:_____. **A Diocese da Parahyba**. Parahyba: Typ. A Imprensa, 1906 .Cap.8

FOLCON, Francisco. **História cultural**: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura. Rio de Janeiro: Compus, 2002.

FRAGOSO, Ilza da Silva. **Instituições-memória**: modelos institucionais de proteção ao patrimônio cultural e preservação da memória na cidade de João Pessoa-PB. 2008. 139f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2009.

FREIRE,Gustavo Henrique. Ciência da informação: temática, histórias e fundamentos **.Perspect. Ciênc. Inf.**, Belo Horizonte, v.11, n.1, p. 6-19, jan./abr. 2006.

GINZBURG, Carlo **.O fio e os rastros verdadeiro**: falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Metodologia da pesquisa no campo da Ciência da Informação. **Datagrama**.v. 1, n. 6, p. 1-18,dez. 2000.

GURJÃO,Eliete de Queiróz. **Morte e vida das Oligarquias**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1994.

_____. A Paraíba republicana: (1889-1945). In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy da (Org.). **Estrutura de poder na Paraíba** . João Pessoa:Ed. Universitária / UFPB, 1999. (Coleção História Temática da Paraíba, v.4)

HENRIQUES, D. AductoAurélio de Miranda. **Carta Pastoral Do nosso dever para com a imprensa** . Parahyba: Typ. A Imprensa, 1918

LEAL, José. **A Imprensa na Paraíba**. João Pessoa: A União, 1962.

LE COADIC, Y.F. **A Ciência da Informação**. 2. ed. Brasília,DF; Briquet de Lemos/Livros, 2004

MAGALHÃES, Magna Lima. Crônicas e notas: a imprensa hamburguense e o 13 de maio. **Revista Fronteiras** - estudos midiáticos, v.12, n.1, p.60-66, jan./jul. 2004. Disponível em: <<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/fronteiras/issue/archive> > . Acesso em: 09 jun.2010

MANNARINO, Marcus Vinicius Rodrigues. O jornal Imprensso. In: _____. **O papel do Webjornal:** veículo de comunicação e sistema de informação. Porto Alegre:EDIPUCRS,2000.Cap.1

MARTINS, Eduardo. **A Tipografia do Beco da Misericórdia:** apontamentos históricos. João Pessoa: A União,1978.

MEDEIROS, Nilcéia Lage . **Glossário de termos da ABNT.** Atualizado até 14 de março de 2006.

MEIRELES, Cecília .Jornal, longe. Disponível em: <<http://www.citador.pt/poemas.php?op=10&refid=200904270113>>. Acesso em: 02 jun. 2010.

MELLO, José Octávio de Arruda .**Nos Tempos de Félix Araújo:** Estado Novo, Guerra Mundial e Redemocratização (1937! 47).João Pessoa: SEC-PBIIPHAEP, 2003.

MORAES, Laudereida Eliana Marques (Org.). **Catálogo do JornalA IMPRENSA 1897-1968.** João Pessoa: Arquidiocese da Paraíba/NDIHR,1992
_____. **Breve histórico do jornal A IMPRENSA.**1994. Apostila.

NEVES,Joana; PIMENTEL,Gloriete; FORMIGA, Zeluíza. **Catálogo da Seção de Obras Raras do IHGP:** I coleção de jornais antigos. João Pessoa: Editora Universitária/NDIHR, 1996

OLIVEIRA, Bernardina M. J. F. de; AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Artefatos como elemento de memória e identidade da cultura popular: um olhar sob a perspectiva da arqueologia social. In: FECHINE, Ingrid; SEVERO, Ione (Orgs.).**Cultura Popular:** nas teias da memória. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2007.

PEDROSO, Odilon. **Escritos de Ontem:** A Imprensa num quinquênio da vida [S.l.:s.n.]. 1983. (Escritos de Ontem, n.3)

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. **Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba.** São Paulo: Universidade São Francisco, 2002.

PINHEIRO, Lena Vânia R; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Traçados e limites da Ciência da Informação. **Ci. Inf.**, v. 24, n.1, p.42-60,1995.

PINHEIRO, Lena Vânia .Processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da Informação .**Inf.&Soc.: Est.**, v. 15, n.1,p.13-48,jan./jun.2005.

PEREIRA, Miguel Baptista. Filosofia e memória nos caminhos do milênio. **Revista Filosófica de Coimbra**, v.8,n.16, Out. 1999.

PROJETO de Evangelização Anjos de Jesus. **Arquidiocese da Paraíba**: Arcebispos. Disponível em:
<http://www.anjosdejesus.com/start/index.php?option=com_content&task=view&id=1751&Itemid=99999999&limit=1&limitstart=2> Acesso em: 22 maio 2010

RABACA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de comunicação**. São Paulo: Ática, 1987.

RIBEIRO, Renilson Rosa. **Nos jardins do tempo**: memória e história na perspectiva de Pierre Nora. Disponível em:
<<http://www.historiachistoria.com.br/materia.cfm?tb=historiadores=id-11>>. Acesso em: 16 jun. 2008.

SANTANA, Martha Maria Falcão de Carvalho e Morais. **Poder e Intervenção Estatal**: Paraíba: 1930-1940. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB 1999.
_____. A intervenção Estatal e redefinição oligárquica na Paraíba Pos-30. **Saeculum – Revista de História**, João Pessoa, n.8/9.jan./dez. 2002-2003.

SANTI, Vilso Junior; AMARAL, Márcia Franz. O jornal Zero Hora pelos Sem-terra e as representações no ato da leitura. **Verso e Reverso**, Revista de Comunicação, v.24, n.1, p.27-36, jan./abr. 2010. Disponível em:
<<http://www.unisinos.br/diversos/revistas/ojs/index.php/versoereverso/article/view/117/6>>. Acesso em: 05 jun.2010

SANTOS, Ednaldo Araújo; VELÔSO, Ricardo Grisi. **O ano sacerdotal e o Clero da Arquidiocese da Paraíba**. João Pessoa: A União, 2010.

SANTOS NETO, Martinho Guedes. Os domínios do Estado: a interventoria de Anthenor Navarro (1930- 1932). 2007. 160f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba. Paraíba, 2007

SILVA, Armando Malheiro da. Informação e Cultura. In: _____. **A informação**: da compreensão do fenômeno à construção do objeto científico. Porto, Portugal: UC, 2007. Cap.1

_____. Informação e Conhecimento. In: _____. **A informação**: da compreensão do fenômeno à construção do objeto científico. Porto, Portugal: UC, 2007. Cap.3

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **Recuperar a Memória, Fazer História. Debates Regionais**, João Pessoa, n.3p. 11-19, 1996. Disponível em:
<<http://www.ndihr.ufpb.br/revista/recuperaramemoria.html>>. Acesso em: 19 maio 2010

SOARES, Antonio Jorge; HELAL, Ronaldo ;SANTORO, Marco Antonio. Futebol, imprensa e memória. **Revista Fronteiras** - estudos midiáticos, v.6, n.1, p.61-78, jan./jun. 2004. Disponível em:
<<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/fronteiras/issue/archive>> . Acesso em: 05 jun.2010

SOUSA, J. P. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

TARGINO, Maria das Graças. A interdisciplinaridade da ciência da informação como área de pesquisa. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.5, n.1, p.11-19.1995.

_____. Pensando o jornalismo brasileiro em mutação . In: _____. **Jornalismo cidadão: informa ou deforma?** Brasília, DF, Ibict:UNESCO,2009.
Cap.2

TAVARES, Eurivaldo Caldas. **D. Moisés Coelho 1º Bispo de Cajazeiras, 2º Arcebispo da Paraíba**: Perfil Biográfico. João Pessoa: Interplan Editorial Propaganda, 1974.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. O Jornalismo especializado e a mediação de um *Ethos* na sociedade contemporânea. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 41-56, jan./jun. 2007.

TAVARES, Frederico M. B; BERGER, Christa. Na notícia e para além dela: sobre o conceito de informação no jornalismo. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v.20, n.1, p. 25-37, jan./abr. 2010.

TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal**: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001

TRINDADE, Marcos Augusto. **Arquidiocese da Paraíba**: 110 anos de evangelização ... João Pessoa: Gráfica/UNJPE, 2004.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. **Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento**: o exemplo do centro de memória da UNICAMP. Disponível em:
< <http://www.lite.fae.unicamp.br/revista/vonsimson.html> >. Acesso em : 07 set. 2009

ZEMAN, Jiri. Significado filosófico da noção de informação. In: ROYAUMONT, Cahiers. **O Conceito de Informação na Ciência Contemporânea**: colóquios filosóficos internacionais de Rayaumont. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007. Cap.1

